

Milton Guapo

FRAGMENTOS NO REMANSO

Milton Guapo

FRAGMENTOS NO REMANSO

 **Conceito Atual**

Florianópolis – 2022

Editora CONCEITO ATUAL

Editora-chefe

Lourdes Fernandes

Capa e Diagramação

Carla Botto

Imagens da capa

Acervo pessoal do autor

Revisão

Alisboa Serviços Editoriais

Catálogo na Publicação: Bibliotecária Angela Schmidt da Rosa CRB-14/1171

G913f

Guapo, Milton.
Fragmentos no remanso / Milton Guapo. – 1. ed. – Florianópolis : Conceito Atual Editora, 2022.
148 p.

ISBN 978-65-5812-044-5

1. Literatura. 2. Contos autobiográficos. 3. Relatos. 4. Música. I. Título.

CDU – 82-94(092)

“ Desacentuação ”

*Nunca aceitei a fidelidade conjugal/sexual.
Sempre refutei por ser uma prisão idealista,
nunca fui idealista,
porque nunca acreditei no ilibado,
tampouco no ideal salutar.
Porque esse tipo de “ideal” nunca foi salutar.
Nunca tive sonho de consumo,
porque é um protótipo estático auto escravista.
Nunca fui religioso,
pois aprendi logo que religião é para quem precisa,
não é para quem quer.
A sociedade humana nos obriga a ser manada ou pastor,
eu decidi... ser o lobo!*



Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo.
A violação dos direitos autorais é punível como crime, previsto no Código Penal e na Lei de direitos autorais (Lei nº 9.610, de 19.02.1998).

© Copyright 2022 Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Rua José Honório da Costa, 177 – Térreo
Palhoça/SC – CEP: 88130-420

Editorial: Fone (48) 99152 5911 – editora@conceitoatual.com

www.conceitoatual.com

Prefácio

Transcrever os rastros que você deixou em vários espaços e tempos da vida é o mesmo que buscar sintonia de uma emissora de rádio que não existe mais, é como querer entender porquê a leveza engole a pureza, e o resultado são esses diversos fragmentos atemporais escritos, que aos poucos captei em autovislumbres para compor esta obra.

Toda vez que eu começava a tentar relembrar alguns dos fatos descritos neste livro, era tomado por um tipo de catarse, o qual chamei de “síndromes de Marcel Proust”. Digo isso porque o tempo todo parecia que, ao envolver-me com as minhas recordações, estava abrindo um novo aplicativo no meu sentir, no qual os aromas, as imagens, as emoções e os medos da época estavam lá, como se fosse um videoclipe pulsando e, mais que isso, trazendo conteúdos em forma de pole que emergia das profundezas, concebendo em mim uma espécie de princípio de individuação.

Depois de conceber, interligar e conscientizar melhor esses fatos ocorridos, hoje vejo que esses eventos moldaram minha alma e, corroboraram com meu modo comportamental/existencial.

Quando parei de dissertar esses fragmentos, não foi porque os principais fatos da minha vida acabaram, mas sim porque eu estava me conscientizando e me livrando dessas auto-histórias, que se avolumaram na minha alma e mente e que precisavam de passagem de algum modo, para serem lidas pelas pessoas que me conhecem e que também ficasse como cúmplice do meu autotestemunho de um ser que transitou e viveu um tempo em que os acontecimentos tinham cor e um gosto peculiar de um mormaço lúgubre, extasiado com velocidade de fita cassete.

Durante as horas em que eu me encontrava recordando e escrevendo, via-me como uma criança sorrindo com uma caixa cheia de folhas secas, à beira de um rio, atirando as folhas no remanso, deixado-as à deriva, porque sabemos que todo remanso é o exemplo maior da espontaneidade do fluxo da vida, é a volta ao caos primordial. Por outro lado, sentia dentro de mim a mesma empatia com o

grande escritor Jorge Luis Borges quando lhe perguntaram ainda em vida, porquê se escreve e publica um livro, e ele sorrindo afirmou: - Publicamos para não passar a vida a corrigir rascunhos... quer dizer, a gente publica um livro para livrar-se dele!

Milton Guapo

Sumário

<i>Capítulo 1</i>	UM ENIGMÁTICO VIOLÃO DE MUITAS FACES E FASES	10
<i>Capítulo 2</i>	EM CORUMBÁ	32
<i>Capítulo 3</i>	CERVEJA EM ANOS DE CHUMBO	36
<i>Capítulo 4</i>	NA FAZENDA CORREDEIRA.	44
<i>Capítulo 5</i>	SOB AS SOMBRAS DE CORTAZAR E RICARDO ROJO.	49
<i>Capítulo 6</i>	"...ISSO FOI A MELHOR POESIA DO DIA..."	75
<i>Capítulo 7</i>	VONTADE DE ESTAR VIVO	80
<i>Capítulo 8</i>	RUA DO RASQUEADO-A HISTÓRIA OFICIAL	85
<i>Capítulo 9</i>	QUANDO A SIMPLICIDADE INOCENTE DESMORONA O SACROSSANTO OBSTINADO	103
<i>Capítulo 10</i>	PIMENTA "TCHUMBINHO" DE CUIABÁ	110
<i>Capítulo 11</i>	A ÚLTIMA SAGA NAS RETICÊNCIAS SONORAS DA VIDA . . .	115
<i>Capítulo 12</i>	COMENDADOR JOÃO ARCANJO RIBEIRO.	130
<i>Capítulo 13</i>	GUAPO'S	135
<i>Capítulo 14</i>	JANAÍNA... VOLVI A LOS 17!	141

Capítulo 1

UM ENIGMÁTICO VIOLÃO DE MUITAS FACES E FASES

“Não há nada em que paire tanta sedução e maldição como num segredo.”

Soren Kierkegaard

Diz um dito popular que, “quando o discípulo está pronto o mestre aparece”. A saga da minha vida de músico não aconteceu exatamente assim, ou melhor dizendo, o objeto motivo condutor do que eu seria, apareceu-me antes, porém, indiretamente. O desejo pertinente engendrou-me antes que eu estivesse pronto, e o suposto mestre apenas observou meu despertar dando-me o caminho das primeiras pedras. Depois, apareceu em forma de cigano na Várzea Grande. Com tudo isso, minha jornada musical já passa de meio século, o qual me encontro sob uma espécie de obsessão sadomasoquista absconso, porque eu não consegui me livrar dele, o violão, até o presente momento.

Essa saga emblemática e misteriosa começou em Cáceres, quando resolvi aprender a tocar o instrumento, lá pelos idos de 1968. Naquela época, eu teria dezessete anos, já gostava de cantar e alguns amigos como Antonio Isidoro da Silva Filho (Tonico), Cristhiano da Guia Leite e Rosbel já tocavam nas serenatas e cantavam em português, inglês, espanhol e italiano, fazendo a maior onda nos finais de semana.

A princípio, eu não tinha como adquirir o instrumento pois não era nem um pouco agradável para o entendimento do meu pai, já que ele sabia tocar muito bem, contudo, não queria dar exemplo para os filhos e sempre dizia que isso não “dava futuro”.

Quando o amigo de todos os dias e todas as horas daqueles anos, o meu xará Milton Dorado Denizart, conseguiu comprar um violão da marca Tranquilo Giannini, dado que ele também queria aprender, para mim, foi uma alegria total.

Ficávamos todo final de tarde exercitando algumas posições (harmonia), as quais foram ensinadas para nós, por alguns outros amigos que já tocavam, visto que eles haviam aprendido em aulas com algum professor do instrumento que morava na cidade.

Nesse tempo, havia em Cáceres um grupo musical de bailes chamado Os Vibrantes, que tinha os seguintes músicos como componentes: Katira e Paulinho nas guitarras, Pelé no baixo, Augusto na bateria, o sax alto ficava por conta do Sargento Carlos, e o Tonico, o

“Crooner”, como era chamado naquela época, era o vocalista principal. A banda era muito querida e eu sempre estava assistindo os ensaios, às vezes levando uma letra nova de *hits* do momento, que eu copiava ouvindo as rádios Globo e Tupi. Às vezes eles me pediam a cópia para o “Crooner” decorar e ensaiar com a banda e eu me sentia importante fazendo aquilo.

Eu tinha um colega de sala de aula chamado Warley Wagner, era filho de família migrantes de Minas Gerais, o qual tinha um violão da marca Di Giorgio. Ele morava longe da minha casa, mas eu fazia questão de ir até a sua casa para aprendermos juntos.

E assim eu ia adquirindo prática aqui, ali, um dia num violão, outro dia em outro, até que conheci uma pessoa que fez a diferença na minha saga de aprendiz copiador: João Batista Bernardo, cantor e violonista, tinha apelido de “Careca”. Essa pessoa me ensinou, como derivar as harmonias no braço do violão, me ensinou a afinar e como tirar música de ouvido. “Careca” cantava vários gêneros de música, principalmente a música mexicana, as quais eu já sabia cantar porque meu tio, Jose Pereira de Lima, havia me ensinado quando eu tinha 10 anos, só não sabia acompanhar-me ao violão. Os ensinamentos do Careca vieram para me completar, visto que ele era um grande instrumentista, que interpretava grandes peças para o violão clássico, como “Abismo de Rosa”, de autoria de Américo Jacobino, “Canção do Marinheiro”, de Dilermando Reis, “Som dos Carrilhões”, de João Pernambuco, etc. Ele executava tudo com extrema virtuosidade. Aprendi muito com ele, o qual, depois de longos anos, se tornou um dos maiores artistas do país, conhecido hoje como Mato Grosso, da dupla Mato Grosso e Mathias.

Todavia, eu continuava sem violão. Mudei para Goiânia já sabendo tocar muitas músicas da época. Lá participava como cantor e instrumentista em serenata com alguns amigos da república que eu morava no bairro Campinas, onde permaneci estudando e morando por seis meses.

De volta a Cáceres no mês de outubro de 1971, certo dia o meu primo Acyr Montechi convidou-me e também outros colegas de serenata para irmos tocar na chácara da sua família, que ficava um pouco afastado de Cáceres. Chegando no local, já num final de tarde, fomos para um galpão perto de uma granja de aves. Começamos a tocar no jeito típico, fazendo a conhecida roda de violão e tereré. Depois de

eu ter tocado e cantado umas dez músicas, passei o violão para outro companheiro da roda, para ele dar sequência, enquanto eu me levantava e saía para conhecer a granja mais de perto.

Nesse momento, começava o crepúsculo, quando entrei num recinto afastado da granja e encontrei dois violões da marca Rei dos Violões – Tonante, um de cor preto e outro de cor marrom, porém, ambos danificados da seguinte forma: um deles, estava com um buraco no tampo, e o outro com o braço despregado do corpo da caixa de ressonância. Olhei por um breve momento as condições dos dois instrumentos e senti que eles estavam pedindo algo para mim, havia um clamor por parte deles, que me induzia a pegá-los. Então me aproximei como se estivesse em transe e tomei os dois instrumentos na mão. Percebi naquele instante que dava para fazer uma interação de acertos e remendos, com possibilidade de fundir uma restauração das partes boas de ambos e, também de eu ter o meu primeiro instrumento.

Já noite, quando íamos voltar para casa, falei com meu primo da minha ideia sobre os dois violões, ele deu risada e apostou que eu não conseguiria tal façanha e que, por mais que eu conseguisse reorganizá-los, unificando as partes num só, o instrumento resultante final não daria uma boa afinação. Mesmo ele apostando na sua pessimista hipótese, me liberou, para que levasse comigo os dois violões danificados. Perguntei também a ele antes de pegá-los, de quem eram os tais instrumentos e como foram parar ali, mas ele nem lembrava dos donos, tampouco quem os havia deixado naquele lugar.

Passado uns quinze dias, contrariando a expectativa do meu primo Acyr, eu já havia conseguido “fundir e ressuscitar os restos mortais” dos dois instrumentos, bem como fazer o “novo violão” chegar numa boa afinação. Depois de alguns dias, num belo pôr do sol cacerense, eu já estava tocando “com o que restou deles”, no cais do Porto, no final de semana durante o dia na praia do Furadinho e nas noites de serenatas.

Aquela “somatória de restos de violões rejeitados” foi como um alento para mim e, principalmente, para o meu irmão Dilson, o qual também já havia aprendido um pouco de harmonia e já tocava e compunha algumas músicas.

O único jornal da cidade chamado Correio Cacerense havia publicado alguns sonetos que eu tinha escrito na época. Certa vez

eu fiz um poema livre, inspirado na inquietude e revolta abstrata do inconsciente da juventude do momento, intitulado “Acídia”, e, nesse mesmo dia encontrei o Emilson, um dos editores do jornal e, ele me perguntou se eu tinha produzido alguma coisa para a próxima semana, eu disse que sim. Falei do poema e do título, ele achou interessante e disse para que eu levasse para o colégio à tarde, que ele pegaria comigo, dado que ele também estudava lá.

Eu era um jovem extremamente descuidado e atrapalhado, quando cheguei em casa, fui buscar o poema, mas ele havia desaparecido. Fiquei procurando por alguns minutos e vi que não acharia, então sentei quieto no quarto da casa e tentei relembrar o texto. Consegui lembrar uma grande parte, mas senti que não estava completo e, acima de tudo, o texto ficou cheio de lacunas que não consegui lembrar, mas sabia que eram complementos de frases que dava sentido maior ao texto. Parei, fiquei frustrado por não ter lembrado e reescrito todo o poema e, como sempre distraído, deixei o papel em cima da cama e sai pra rua.

Quando voltei, encontrei meu irmão sorrindo com o violão na mão, dizendo que havia musicado o meu escrito que estava em cima da cama, ou melhor, o meio poema. Depois que ele cantou pra mim com sua voz de “blueseiro”, vi, naquele momento, que as lacunas que eu não havia conseguido lembrar haviam sido complementadas pela inspiração musical do Dilson e o poema acabou virado um linda canção, a qual depois de alguns anos, ele já morando no Rio de Janeiro, participa de um festival em Bonsucesso, porém, a música não ganhou, mas foi considerada a mais bem elaborada e, comparada às grandes obras de Pink Floyd, Led Zepelin, etc. bandas do rock progressivo, que eram coqueluche do momento.

Ele também compôs com o “resto de violão”, uma outra canção, chamada Meu Mundo, em forma da linha do chamado Rock Rural, que também estava em voga na época, estilo lançado pelo Trio Sá, Rodrix e Guarabira e, que se consagraram com a grande obra “Casa no Campo”, conhecida pela voz de Elis Regina.

O Dilson sempre foi um entusiasta com suas músicas, sempre acreditando... então, desta vez, ele se inscreveu no ano seguinte a sua obra “Meu Mundo”, num festival estudantil no Colégio Barão de Capanema, na Ilha do Governador, ganhando, então, o primeiro lugar e, em segundo, ficou uma música também feita por mim, com o mesmo

violão, chamada “Clamor de Protesto”, extremamente engajada nas vozes ecológica/social.

Aí estão as letras das respectivas músicas:

Acídia

Um... minuto, um segundo!

Vejo o metro do tempo, a voz sonora do silêncio

Do silêncio... do silêncio!

Num deserto... escuro, uma luz...

Materializa um rosto, Vênus!

Seu corpo despido me fascina,

Me fascina... me fascina!

Seu gesto afrodisíaco... tormentos

Tento afagá-lo... as luzes ascendem.

Miragem! (oh! não outra vez, vez)

No teatro das tormentas,

A orquestra da angústia começa,

Enchendo de acordes “açoitantes” e no palco dá lugar,

À ópera “Nas garras negra... do fastio.

Meu mundo

É por isso que eu gosto do meu mundo,

É por isso que eu gosto do meu mundo,

Por que o amor está em tudo,

Por que o amor está em tudo.

Cai a noite nos campos,

Meu amor por minha cabana,

Os acordes de um violão,

Vai se tornar um eco, no fundo do coração.

É por isso que gosto do meu mundo,

Por que o amor está em tudo.

Sou feliz morando aqui,

Onde o Sol surge ali,

Traz-me alegria ao coração,
E minha musa, me entregou sua paixão.

Os anos 70 do século passado começa com vários acontecimentos, pesados no mundo artístico/social, tais como a morte de grandes ídolos da música pop como Jane Joplin e Jimmy Hendrix, fim dos Beatles, Guerrilha do Araguaia e o Ato Institucional n. 5, este último, embora tenha sido criado no final da década, já vigorava intensamente no país e, paralelamente a tudo isso, acontecia coisas boas, como as novas linhas da MPB, nas vozes de Tim Maia, Gonzaguinha, Paulo Dinis, Raul Seixas, etc. que tomavam conta das rádios FM, que também começou a ser a novidade no sistema das frequência das rádios.

Nesse clima de sossego feroz, mas conhecida como “Anos de chumbo” é que em janeiro de 1972 eu embarcara com o violão para o Rio de Janeiro. Lá o instrumento durou apenas um mês comigo, pois tive que vendê-lo para pagar minha hospedagem de hotel e também dos meus irmãos, Dilson, Luis, e o amigo João Cunha, ou íamos dormir na rua.

Continuei de novo levando a vida sem o instrumento, porém, tocando, vez ou outra, em violão de um, de outro, na Ilha do Governador, onde fui morar a convite do meu tio João.

No bairro Tauá, também na Ilha, morava meu outro tio, o Getúlio com a sua esposa, a tia Cleuza. Os meus primos Nilton e Luis Carlos, filhos deles, quando nos encontramos pela primeira vez, fora como se eles fossem outros irmãos da minha família. Tínhamos uma ligação com a música e com a arte, o qual estava acima de qualquer coisa, visto que eles eram mais novos que eu, mas desde pequenos foram, e ainda são, apaixonados por música e artes em geral. Hoje, o Luis Carlos de Pinho Violeta é advogado e multi-instrumentista, o Nilton também é formado em Direito, mas tornou-se um grande artista plástico, muito conhecido no meio cultural carioca.

Eu já dominava bem o instrumento quando tive que parar, porque começara a trabalhar e quase não tinha mais tempo, pois estudava à noite no Colégio Capitão Lemos Cunha. Por ser um jovem temperamental e ter comportamento esdrúxulo, eu não parava em nenhum emprego. Logo saí da escola e da casa do meu tio João, indo morar com

meu irmão Luis no Morro do Catumbi. Depois de seis meses, eu e meu irmão Luis mudamos para o centro histórico na Rua Frei Caneca. Após alguns meses morando lá, comecei a trabalhar numa imobiliária em Copacabana, no final do ano de 1972. Lá eu me ocupava de imprimir cópias de reuniões e atas dos prédios administrados pela imobiliária e entregar nos respectivos prédios. Esse trabalho me fez conhecer melhor o Rio de Janeiro, porque eu tinha um motorista à disposição todos os dias pra me levar nas entregas. Mas devido ao irascível temperamento do meu caráter, logo me desempreguei de vez. Fui demitido da imobiliária que trabalhava, entrei em outro emprego, o qual não passei nem pelo período probatório. Então, desempregado de vez, resolvi sacar meu Fundo de Garantia e visitar minha família em Cáceres.

Quando cheguei do Rio, após quase dois anos sem ver os familiares, alguma coisa havia mudado, meus outros irmãos haviam crescido e minha irmã mais velha, Iolanda, estava namorando um nordestino chamado Cavalcanti, que gostava de música. Ele me achou muito apático, quieto e triste, e perguntou depois para minha irmã se eu era mesmo daquele jeito e, sem que eu soubesse, ela disse para o namorado que eu estava assim porque não havia trazido comigo o violão. Obviamente ela não sabia que eu havia vendido o instrumento, não contei a ela o fato ocorrido para não gerar consternações familiares e muitas perguntas. O namorado dela, apaixonado por música, quisera me agradar e me deu de presente um lindo violão Giannini – modelo Dominique – novinho, acabado de chegar na única loja da cidade, era o mais novo lançamento da época. Um instrumento de madeira clara, muito sonoro e com cordas de nylon, porque até então, todos aqueles anos eu só havia tocado em violão com cordas de aço.

Parecia que havia um chamado coercitivo secreto que era acionado toda vez que eu me afastava do violão, como se fosse a “*pedra que Sísifo carregava dentro do inferno por condenação de Zeus*”. Esse fado me colocava de novo frente ao inexorável destino, como o “canto de uma sereia sensual e vampira”.

Por causa da namorada carioca loira, chamada Ilva Ribeiro do Rosário, apelidei o instrumento de “loirinha”, foi o primeiro violão que saiu de uma loja e veio de presente para mim. Com ele aprendi formação de acordes e, mais tarde, as sequências dissonantes com o método Paulinho Nogueira, para poder tocar a música do momento, a Bossa Nova, que eu sempre gostei, mas admitia que precisava ser

mais bem harmonizada.

Eu já havia morado no morro do Catumbi, no centro do Rio de Janeiro, quando voltara a “morar no asfalto”, termo usado na época quando uma pessoa muda do morro para morar em qualquer lugar que tenha asfalto nas ruas.

Quando voltei para o Rio, mesmo já morando em Copacabana, estava sempre no morro do Estácio, eu me sentia melhor com o pessoal do morro, devido ter morado no Catumbi. Conheci, nessa época, Marcos Antonio dos Santos, ou melhor, Marquinho Satã. Ele estudava no Colégio Estados Unidos, o mesmo que minha namorada Ilva. Foi ele quem me ensinou a tocar samba. Hoje é um dos maiores nomes do samba de raiz do Rio de Janeiro. Conheci Luis Melodia, quando lançou “Pérola Negra”, lembro do nosso encontro como se fosse ontem... Havia uma festa de aniversário no Morro, era aniversário de um parente do Marquinho Satã. Quando cheguei no local, lá estava o grande poeta do morro, trajando uma roupa branca, com vários colares enfeitando seu pescoço, rodeado de muita gente, principalmente das lindas negras cariocas e ao seu lado, sua irmã Denise e seu pai, senhor Oswaldo, que tocava banjo e viola e cantava muito bem, era evangélico, ficamos amigos, ele sempre me chamava para passar o dia com ele em sua casa, tocando e comendo macarrão com feijão.

Uma das lembranças mais palpitantes que vem do Morro do Estácio, é uma música do Marquinho Satã, a qual eu nem sei se ele se recorda atualmente, pois nunca mais o encontrei para pergunta-lhe, e isso remota mais de 40 anos. Eu me lembro dele tocando essa composição na “Loirinha”, no alpendre da sua casa, onde tínhamos uma vista maior do presídio Helio Souto e o Largo do Estácio. O tema enfatiza Janaína, a maior entidade feminina do candomblé.

*Preto velho, pai de santo,
O que foi que ele viu?
Já não vejo Janaína...
Desde a noite que ele partiu
Chorei muito, sofri tanto,
Mas a dor não sufocou,
Hoje sinto Janaína,
Como dor que não passou.*

*Se jogando capoeira
Será que ela, será que ela vem
Será que ela vem.*

Eu tinha vinte e dois anos, porém, a minha idade mental e o meu comportamento era de uma criança de 9/10 anos, devido ao princípio de autismo que tive (fiquei sabendo pela minha mãe há poucos anos). Não fazia nenhum tipo de plano na vida, não me preocupava com nada. Certa vez, por causa do meu comportamento irascível, fui preso por vadiagem, sendo levado pela polícia numa segunda-feira quando lia um jornal no Campo de Santana no Rio, era época da ditadura militar e, por não ter carteira de trabalho assinada, fiquei trancafiado na cela com outros presos por um dia.

Eu surfava no tempo, no espaço e no meu sentimento, como uma pluma voando nos céus, em tempo de ditadura militar e AI-5. Se alguém me chamasse naqueles anos para ir para qualquer lugar, eu apenas sorria e o acompanhava, como um cãozinho de estimação abandonado.

Numa tarde, encontrei na rua Riachuelo, no centro histórico do Rio de Janeiro, o meu grande amigo cacerense Roberto Calix, estava cursando medicina na Faculdade de Medicina e Cirurgia. Fiquei, como sempre, muito feliz em vê-lo e por ele ter se mostrado super entusiasmado com o curso. Ele então me convidou naquele momento para acompanhá-lo até o laboratório de anatomia da faculdade que ficava ali perto, na rua Frei Caneca, mas, antes, perguntei como era lá e, ele respondeu que era o lugar onde ficava os cadáveres para serem estudados e, que poderia cortar pedaços dos corpos e analisar. Eu, como sempre muito curioso, aceitei. Então fomos para lá, fiquei maravilhado vendo aquele monte de gente morta e o cheiro de formol no ar, enquanto Roberto me explicava como era feito o processo, depois ele coloca na minha mão uma lâmina para que eu extirpasse um dos cadáveres, eu dei risada e resolvi cortar o braço de um deles para ver o funcionamento dos músculos, depois a garganta para ver as cordas vocais; foi quando ele me interrompeu, dizendo e mostrando os músculos em que se formava o som da voz. Fiquei pasmo, parecia uma vagina. Passei a tarde toda mexendo em cadáveres e satisfazendo minha curiosidade momentânea sobre o corpo humano; saído de lá fui para Copacabana tocar violão e o dia “entardeceu” em copos de caipirinhas, chopes, samba, bossa nova e risadas... Nem contei a nin-

guém o que tinha acabado de fazer naquela tarde... Tudo para mim era permitido, lúdico e normal.

Mesmo em tempo de AI-5, era também o tempo de soltura da Bossa Nova, sentia a poesia e a música nos poros da existência, o brilho do Sol nas manhãs no Rio de Janeiro, *nas bancas de revista*, era um canto de inspirações infundáveis. Nessa época, havia, no bairro do Flamengo na rua Correa Dutra, um clube chamado AME–Associação Mato-grossense dos Estudantes, onde se reunia a classe média estudantil do Estado que morava na cidade. Era um local muito importante para o convívio social. Foi lá que fiz muitas amizades e conheci grandes pessoas que, hoje, são grandes profissionais aqui em Cuiabá, como o economista Silvio Souza, o advogado Zuza, o cardiologista José Rondon, o engenheiro Edberto do Nascimento (Beto), este último gostava de lembrar da sua vida em Cuiabá, quando saía para pescar e comia bagre ensopado à beira do rio, usando cuia de cabaça onde colocava farinha para fazer o pirão; era o que havia de melhor nas suas lembranças. Antonio Carlos, mais conhecido como Zé Bó, era estudante de medicina e violonista e, aos finais de semana, na AME, a melhor voz do samba. Existia tanta gente boa que tocava violão e cantava naquele clube que eu me sentia no paraíso. Além do meu convívio nesse clube, eu tinha grandes amizades com Claudia Teles, filha da grande cantora Silvia Teles, uma adolescente de 14 anos, porém, já era vocalista profissional junto da cantora Marisa, do famoso Trio Esperança. As duas tinham mais ou menos a mesma idade. Marisa era namorada do meu amigo Jorge e irmã da grande cantora nacional Evinha, que havia ganhado recentemente, naquela época, o Festival Internacional da Canção, como intérprete da linda composição “Cantiga por Luciana”, clássico da MPB que marcou o Festival do ano de 1972 para sempre, com seu timbre de soprano popular. Evinha tinha uma prima chamada Maria das Graças, que era namorada do meu amigo paraguaio Geraldo Rodrigues Correa (estão casados até hoje); ele era mais conhecido como “Jimmy” e gostava também de cantar e tocar, foi o meu professor de polca paraguaia, guarânia, bolero, chamamé, etc., pois tinha uma bela voz e uma pegada de ritmo muito peculiar.

Antes da viagem para visitar meus familiares em Cáceres, Evinha e sua prima, Maria das Graças, fizeram-me uma visita em meu apartamento em Copacabana, na rua Domingos Ferreira. As duas chegaram pela manhã com violão e já dizendo: “– O Jimmy me disse que você vai viajar amanhã para Mato Grosso, então viemos fazer o seu ‘bota fora’

com tudo o que tem direito”, falou Evinha, dando risada e já tirando o violão da capa. Ficamos tocando e cantando até meio dia. O som da voz singular da Evinha enchia o apartamento, cantando outro grande sucesso seu, “Casaco Marrão”, dos compositores Antonio Adolfo e Ti-bério Gaspar. Até hoje eu me lembro de tudo isso como se fosse ontem.

Eu vivia uma espécie de “orgasmo existencial”, a vida era um contínuo despertar de poesia, cantos, risadas... Para mim não havia amanhã, eu não distinguia o dia, a noite, a madrugada, o frio, o calor; sentia uma intensidade de querer estar presente em tudo e com todas as pessoas que conhecia.

Conheci a maconha e o LSD, mas logo percebi que esses aditivos não me serviam, aliás, só me atrapalhavam. Conscientizei-me disso ao descobrir que eu podia aleatoriamente alterar minha consciência a qualquer momento, e mantê-la alterada o tempo que eu quisesse. Esse estado de inspiração e criatividade contínuo que carrego até hoje é oriundo disso. Nesse tempo eu compus várias músicas e, uma delas que ainda me lembro foi um samba-bossa, chamada “Desabafo”.

*É vida viva, sem medida,
Meu viver
É embarço, desabafo
Meu viver
Um rosto na janela, é tema numa tela,
Ou cena de novela da vida que vai e não volta mais
Retrato de uma vida, real e desmedida,
Balança mais não cai
É um mau sonho, bem tristonho,
Meu viver
É desabafo, forte traço,
Meu viver.*

Comecei a prestar um pouco mais de atenção na vida depois que sofri um acidente de carro no estado do Espírito Santo, quando viajava para a cidade mineira chamada Nanuque, junto do meu amigo Jorge, namorado da Marisa. Ele havia alugado um Fusca 1300 e, não queria viajar sozinho para visitar sua família que morava lá. O acidente aconteceu por volta das 9 horas da manhã, quando o Jorge perdeu o controle do carro na descida de uma estrada sem asfalto em forma de caracol, o qual o obrigou a direcionar o carro ao barran-

co, ou iríamos cair num precipício.

Quase morremos, sofremos algumas escoriações, mas nada grave. Depois de algumas horas, algumas pessoas chegaram ao local e nos ajudaram a colocar o carro de novo na pista. Expressamos gratidão pela ajuda, todavia, o carro não conseguia dar partida, o motor acionado não respondia e a mão direita do Jorge estava sangrando, devido ao acidente. Levado por um impulso, saí do carro, levantei o capô, verifiquei e descobri que o cabo da bateria estava solto. Consegui prendê-lo com um pedaço de arame que achei na base do motor e, então, conseguimos fazer o Fusca dar partida. Andando a 20km/h, com o eixo do carro empenado e um dos para-lamas dianteiros amassado, raspando a roda em todas as curvas, chegamos à uma pequena cidade chamada Cristais. Dirigimo-nos até a única farmácia do local para fazer curativos, principalmente na mão do Jorge, que não parava de pingar sangue, depois andamos a tarde toda e, por fim, chegamos em Nanuque, ao final da tarde.

Duas semanas depois, eu estava de volta ao Rio de Janeiro. Começaram, então, as muitas peripécias da minha vida. Mudei de Copacabana, onde morava há quase dois anos, para o bairro Pilares, na Zona Norte, a convite do meu amigo paraguaio Jimmy. Depois brigamos e eu acabei mudando de volta para a Ilha do Governador, onde meu irmão Dilson morava e trabalhava numa clínica médica.

Por causa do meu modo de ver o mundo e de colocar a poesia exacerbada da experiência bruta acima de tudo, passava muito tempo lá na Ilha do Governador, tocando e cantando com um amigo que jamais esquecerei, Ronaldo. Éramos apaixonados pelo rock progressivo e, em especial, pela banda Pink Floyd. Gostávamos de cantar juntos a música “Time”, tocando em dois violões, dado que era um dos grandes sucessos da banda. Ele e eu compusemos várias músicas, já que eu vivia inspirado; não me alimentava direito e, por causa disso, fiquei debilitado, o que me ocasionou, com o tempo, uma anemia profunda. Não fiquei pior, graças aos cuidados do doutor Paulo Guapyassú, médico atuante na clínica em que meu irmão Dilson trabalhava. Eu poderia ter desenvolvido leucemia andando debaixo do sol quente da cidade, como ele mesmo me disse, pois no meu exame de sangue foi constatado queda acentuada de hemoglobina, isto é, glóbulos vermelhos no sangue abaixo do que deveriam estar comparados ao de uma criança de 10 anos.

Voltei definitivamente para Mato Grosso, em julho de 1974, e a companheira, Ilva, veio comigo. Contudo, um mês antes de minha

viagem, enviei uma carta aos meus pais dizendo que estaria levando comigo “duas loirinhas”: o violão Giannini e a companheira Ilva. Meu pai então respondeu-me informando minha mãe havia mudado para Várzea Grande e estava morando lá com meus irmãos. Isso aconteceu devido ao tratamento médico dela, o que a obrigava viajar todo mês para Cuiabá, na antiga BR-070 sem asfalto. Quem se lembra dessa época faz saber do quanto era sacrificante essa viagem.

Minha mãe havia montado um boteco e eu comecei a trabalhar com ela. Nessa ocasião, apareceu o meu mestre, um músico cigano chamado Arkel, que me ensinou a conhecer melhor o braço do instrumento, como também um pouco sobre o violão Flamenco; ele também tocava bandolim. Muitas vezes, aos finais de semana, ficávamos o dia todo tocando no boteco, enquanto uma bela bailarina da sua tribo dançava lindamente, fazendo o lugar encher de gente, mas logo houve briga entre minha companheira Ilva e a bailarina. Ela estava grávida da minha única filha Panambi, e minha mãe, então, resolveu vender o boteco. Mudamos para o bairro Coxipó, em Cuiabá. Comecei a trabalhar como copeiro no Master Hotel, porém, à noite eu também tocava e cantava, ou acompanhava os cantates turistas e boêmios que se alojavam lá, bem como outros frequentadores do hotel.

Certo dia, num final de semana, meu irmão caçula Edson, minha irmã Iolanda com seu namorado Cavalcanti e eu saímos da cidade pela BR-364 para nos banharmos no rio das Mortes, perto de Rondonópolis, onde sofri um acidente e quase perdi o dedo médio da mão esquerda; o nervo rasgou, mas o osso não quebrou. Não fui ao hospital, apenas juntei um pedaço de madeira ao dedo, amarrei e aguentei a dor até chegar em Cuiabá. Não fiquei aleijado porque a vontade de tocar era tanta que, após um mês, eu já estava fazendo “terapia”, tentando tocar mesmo com o dedo ainda enfaixado. Não consegui ter a mesma destreza que antes, chorei várias noites, minha filha Panambi, que acabara de nascer, era meu consolo; observava ela se mexer na cama, sorrindo para mim, e, com isso, comecei a acreditar (e acredito até hoje) que a vida é o único milagre! Conformei-me com a situação, pois naquele momento não havia nada a se fazer Não fui ao hospital, submetendo-me às consequências de minha teimosia. Quando a infecção do dedo sarou, senti-o duro, insensível e sem possibilidade de grandes movimentos, senti que era o anúncio da nova realidade perante o violão e a fatal sequela premeditada. Preparei-me, então, para conviver com o resultado após o

acidente e começar a me acostumar com a sina de ser um instrumentista limitado para o resto da minha vida.

Mudei-me para São Paulo no início do ano de 1976, foquei nos meus estudos, que estavam atrasados há mais de quatro anos, terminei o colegial, iniciei o cursinho pré-vestibular para a faculdade de arquitetura. Morava na Estação ferroviária Domingos de Moraes, da FEPASA, dado que, como funcionário concursado da empresa estatal, era meu direito. Aos finais de semana assistia muitos shows, e, em um deles, veio-me a louca vontade de tocar com os amigos cacerenses: Tonico, Batica, João Cunha e os irmãos Victor e Carlos Bolzan, que também estudavam e moravam na república em Osasco. Comecei, então, a tocar com a “loirinha” noites paulistanas afora e, misteriosamente, o dedo médio voltara a ter desenvoltura e, para minha surpresa, com maior extensão que antes, pois desenvolvi muitas nuances sonoras com a nova pegada na música latino-americana que estava em voga em São Paulo. Convivi com vários grupos do Chile, Bolívia e Argentina. Logo criei um grupo também, o qual era composto pelo multi-instrumentista Roberto Batista, que tocava violino, violoncelo e flautas andinas, sua esposa Maria Goreth, que fazia vocal comigo, e a percussão ficava por conta do César Fontes, que também era cantor e compositor. Tocávamos sempre aos finais de semana, na região da Vila Madalena e USP.

A “loirinha” ficou comigo praticamente dezessete anos. Durante quase uma década inteira que vivi na capital paulista, o instrumento me acompanhou, eu compus mais de 30 músicas, gravei trilha de cinema em Campinas-SP, e ainda viajamos juntos por três países. Aqui em Cuiabá, participei do grande projeto Pixinguinha/85, o maior fomentador da MPB que a FUNART criou e que promoveu grandes nomes da música brasileira de todas as regiões do país. Eu fui o vencedor do projeto do ano 1985, mas não levei, sabe por quê? A antiga Fundação Cultural, que zelava pela cultura do Estado, não pagou a contrapartida da participação do Estado no projeto prevista no estatuto da FUNART. A Fundação Cultural foi uma entidade pública que nunca deu importância à nossa música, tinham olhos somente para as artes plásticas, às vezes “flertava” com alguns artistas da UFMT. Ainda bem que acabou, era cabide de emprego de artistas da época da ditadura.

Em 1990, percebi que de tanto tocar, eu havia desgastado o braço do instrumento, o qual começou a trastejar. Isso acontece quando começa a aparecer uns “buracos” na madeira do braço, per-

to dos trastes, ocasionando um som que, popularmente, dizem que é de “taquara rachada”. Conclusão: precisava restaurar o braço!

Já morando em Cuiabá, há mais de seis anos, numa ocasião fui convidado para participar de um festival em Santos-SP. Depois do evento, voltando, eu parei na Capital e levei o violão para um luthier e restaurador que morava no centro histórico, indicado pelo meu colega, o cantor e violonista Pedro Santafé, o qual, para minha sorte, tinha um violão sobrando da marca Giannini-modelo Author, e, que de imediato me emprestou para que eu não parasse de trabalhar enquanto minha “loirinha” era reparada. Contudo, depois que voltei para Cuiabá, tive complicações financeiras o resto do ano, fazendo-me perder a noção do tempo e, quando voltei a São Paulo para pagar o trabalho do restaurador e resgatar a “loirinha” de volta, infelizmente uma notícia me surpreendeu: o luthier havia mudado do local e, conforme informação do seu vizinho, vendeu o instrumento para justificar o pagamento, visto que passara muito tempo e ele não acreditava que eu ainda voltaria para pegar o violão. Foi um presente que ganhei, tornou-se meu primeiro violão, porém, do mesmo jeito que veio... se foi! Como se fosse um “empréstimo do destino”, um segredo... Calado... Opaco!

Continuei tocando no Author da Giannini, do colega Pedro Santafé, pois este também nunca mais havia encontrado, e depois, fiquei sabendo que ele fora assassinado na cidade de Mariana, em Minas Gerais; senti muito pela sua morte, era um grande músico e tinha também uma história de vida incrível, da qual interpretou concorrente da minha música Payador/80 no festival nativista na cidade de Palmeira das Missões-RS, em 1988.

Em 1994, comprei com meu próprio dinheiro um violão da marca Takamini, japonês eletroacústico-modelo clássico-126. Era o único violão dessa marca que ainda restava na Gang, uma loja de instrumento da rua Teodoro Sampaio, na capital paulista. O vendedor, que sentado me observava testar o instrumento, exclamou:

— Esse instrumento parece que tinha que ser seu, pois o último músico que pegou nele aqui na loja gostou tanto e disse que daria tudo para comprá-lo, mas não tinha dinheiro o suficiente e foi embora lastimando a falta de sorte!

Eu olhei para ele, comigo estava o multi-instrumentista Ricardo Stefanelli, que foi professor e maestro-fundador da orquestra da

antiga Escola Técnica Federal de MT. Ele foi uma das pessoas mais importante para a gravação do meu primeiro CD.

Lembrei da minha saga surreal com os diversos violões que havia tido e sorri para o Ricardo, acenando para o vendedor que levaria aquele violão.

Parecia que o conteúdo fantástico e secreto das minhas posses de violão durante toda minha vida, havia chegado ao fim. Foi o que pensei quando passei o velho Author que estava comigo para o violonista Taiguara, um adolescente talentoso, meu afilhado e filho do parceiro e colega o bandeonista Marques Carai.

Com a aporte do Takamini, começara uma nova fase profissional da minha vida. Com ele, gravei meu primeiro CD, em 1995; viajamos muito até o final da década. Estive fazendo turnê no sul do Brasil, ocasião em que o violão sofreu o primeiro impacto destrutivo numa noite em um bar de Curitiba. Também estive no Paraguai, tocando na Rádio Nacional de Asunción, episódio marcante na minha vida e na do Marques, o qual disserto no texto intitulado *A última saga nas reticências sonora da vida*, neste livro.

Culminei meu tempo com esse instrumento, quando realizei o show *Searching for the Lost River*, em 3 de novembro de 2005, nos Estados Unidos, fazendo fechamento do projeto *Mato Grosso State Cultural Fortnight in Washington-DC*.

A última apresentação que fiz com o Takamini foi no Cine Teatro Cuiabá, no ano 2011. Estava passando por um momento difícil, pois tive um princípio de paralisia no dedo polegar da mão esquerda, popularmente conhecida como “dedo em gatilho”, um dos piores males que um instrumentista pode ter.

Depois que eu terminei essa apresentação no Cine Teatro, minha grande amiga, que se encontrava na plateia, a doutora e poetisa paulista Giselle Vianna, pessoa querida e, que sabia do meu problema, veio até o camarim, pegou a minha mão e ficou admirada pelas feições daquela noite, por meu dedo estar naquela condição. Eu disse a ela que minha força vinha ao ver pessoas amigas como ela na plateia, conseguia sublimar qualquer mal e levar em frente o ofício de músico.

Uma semana depois, percebendo que a paralisia do dedo piorava a cada dia, procurei o doutor Paulo Custódio, um velho amigo

e o maior especialista ortopédico de mão que existe em Mato Grosso. Graças a ele, após a cirurgia, não fiquei nem com cicatriz na mão, e o “dedo em gatilho” se foi para nunca mais voltar.

O meu Takamini ficou comigo precisamente durante vinte anos, e o que fez-me separar dele, em 2014, foi o mesmo problema da “loirinha”, melhor dizendo, desgaste do braço, começo de trastejo e o som de “taquara rachada”.

Tudo aconteceu quando certo dia recebi a visita do grande colega cacerense Henrique Maluf, grande cantor instrumentista, querendo conhecer o meu violão, visto que ele sabia que o instrumento era um dos primeiros lançados no mundo pela fabricante japonesa no começo dos anos 90. Logo que ele tocou o violão, parecia não existir nenhum trastejo. Não entendi nada do que estava acontecendo, ele tocava como se o violão estivesse novo... parecia que o instrumento “queria mudar de mão”. Eu já estava acostumado com a minha “saga secreta”, senti que estava na hora de “deixá-lo ir”. O Henrique quis comprá-lo na mesma hora.

Ainda hoje o violão está com ele; vendi-o no mesmo dia. Depois disso, me pus a pensar sobre todas essas sequências surreais do instrumento na minha mão, na minha vida, e percebi então que eu nunca desenvolvi um sentimento particular de estimação pelo objeto, gesto este que não é comportamento comum nas várias histórias dos grandes músicos. Eu sempre soube que quase 100% deles tiveram e/ou ainda têm o instrumento de trabalho como um oráculo ou um objeto sacrossanto.

Logo que vendi o instrumento ao Henrique, um sobrinho do colega Roberto Lucialdo ficou sabendo que eu estava sem violão e me ofereceu um Takamini novo, o qual ele comprara há pouco tempo por impulso de querer aprender tocar, mas como ele mesmo disse antes de me vender, já estava desiludido.

O instrumento estava realmente novo, porém não tinha a mesma qualidade nem a sonoridade do anterior; comprei-o assim mesmo, pois precisava trabalhar, e ele pediu um valor bem abaixo do justo. Este violão rapidamente começou a apresentar problema na afinação. Levei-o ao restaurador, e, após o diagnóstico feito, precisei trocar as tarraxas. Passado apenas um ano, numa tarde quente, eu estava trocando as cordas do instrumento e as tarraxas quebraram de novo. Eu perdi paciência, peguei o violão, levei até o quintal e o destruí, baten-

do numa base de cimento; coloquei os pedaços no lixo, sem nenhum remorso ou escrúpulo. Depois disso, cogitei profundamente meu ato e me lembrei de um outro episódio semelhante que acontecera comigo e uma harpa paraguaia, a qual eu havia comprado em São Paulo para tentar aprender, e como não consegui um professor para me ensinar na capital paulista, levei-a comigo na volta para Cuiabá, em 1984.

Nessa última volta para Mato Grosso, veio comigo o pianista Marques Carai, um músico de ouvido absoluto, afinador e restaurador de piano. Ele decidiu aprender tocar o instrumento e, sem qualquer cerimônia, deixei a harpa com ele.

A tal harpa começou a dar problema na caixa de ressonância e no suporte das cordas desde quando eu morava em São Paulo. Em Cuiabá acontecia o mesmo, quebrou três vezes no mesmo lugar, foi consertado, mas começou a apresentar problema também nas tarraças, o qual foi arrumado várias vezes.

Marques, por sua vez, já estava tocando o instrumento, havia aprendido algumas músicas, tinha um talento musical singular, o qual jamais vi em alguém.

Morávamos no bairro Morada do Ouro. Certo dia, pela manhã já fria do mês de julho, levantamos bem cedo para tomar *mate*, animados pra tocar, porém, quando olhamos a harpa, tivemos nossa última... Lá estava ela quebrada no suporte das cordas.

Marques e eu nos olhamos, parecia que havia uma sintonia de cumplicidade pairando entre nós e, então pegamos a harpa paraguaia e a destruimos. Com um facão, cortamos as cordas, lançamos fogo e sentamos de frente tomando *mate*, observando a pequena fogueira que se formava, enquanto as labaredas oscilavam movimentadas pelo vento sul, que começava a soprar a cidade.

Voltando o último Takamini, após passado dois meses dos quais o meu havia sido destruído, meu sobrinho Rodrigo Cesar de Pinho levou-me até São Paulo e me presenteou com outro Takamini, um bom instrumento que está comigo até os dias de hoje.

Nunca me perguntei pelo meu atípico comportamento diante dos instrumentos que tive nas mãos, tampouco pelo modo frio e desapegado com eles durante toda a vida. Sinto, às vezes, que esse meu comportamento pareceu refletir na minha carreira, provocando diver-

sas “síncope surreal”, que aconteceram na minha vida profissional e que drasticamente me atrapalharam. Talvez tudo isso tivesse a ver com esse meu modo esdrúxulo em relação aos violões que tive, uma espécie de eco malévolo, um segredo inconcebível da minha alma.

Além de toda essa epopéia exótica que se passou comigo e com os diversos violões que tive, há poucos anos eu percebi que sempre existiu uma notável dicotomia de mistério não resolvido ao executar um violão. A minha mão direita tem uma desenvoltura excepcional, que mais parece atender um comando vindo de um íntimo maior da minha alma artística, enquanto a mão esquerda, que respectivamente acompanha a direita, não tem simetria coordenada, fazendo com que a sincronia com a outra seja dificultosa. Talvez tenha sido as consequências que a marcou durante todos esses anos de vida de músico, ela foi a mais mutilada, a que mais sofreu vários traumas cruciais ao ponto de quase me fazer parar de tocar.

Sei que há um mistério e um segredo sincronizados, compondo a trilha reticente da minha existência como músico, o qual faz me sentir como coautor dessa “balada”, que mais parece ser uma intersecção entre o branco, o preto e um terceiro fator no meio. Algo latente, que “sombria” a ligação e que também ignoro. Concluí, então, que existe entre minhas duas mãos e o violão, dois universos interpolados, os quais chamei de “coma do absurdo”. Percebi que a emanção absconsa vinda desse vórtice é a mesma que sempre me motivou a ir em frente, compondo, escrevendo, cantando, viajando, amando “... *antes que as cortinas se fechem*”, como dizia o maior gênio das artes, Charles Chaplin.

Depois que mudei para Florianópolis, em março de 2021, comigo veio a minha viola de Cocho e o violão Takamine, do qual fui presenteado pelo meu sobrinho. Achei que estaria enfim livre do “desígnio” dos violões, mas mesmo com a pandemia, a sombra miasmática continuou, visto que logo após me instalar na nova cidade, meu sobrinho me deixou outro violão Takamine, modelo Folk, pois ele havia comprado para aprender, mas estava sem tempo para isso. Logo em seguida, o meu amigo Dr. Lafayette, esposo da minha sobrinha Fabiana, havia comprado um lindo violão acústico Yamaha de concerto, uma preciosidade, tinha uma leveza e som superequalizado, o qual também foi parar na minha casa pelo mesmo motivo dado por meu sobrinho, a falta de tempo para aprender. Dr. Lafayette é um advogado muito procurado.

Após alguns meses já vivendo aqui no sul da Ilha, vez ou outra conversava com o antológico amigo Beto Moskovich, há muitos anos eu não o via, e ele já havia mudado para Santa Catarina desde que se aposentou em Brasília; estávamos sempre ‘ensaando’ para nos encontrar, mas nada acontecia, até que, certo dia, ele precisou vir a Florianópolis junto de sua companheira Marina, para participar de um grande evento promovido pelo Clube da Caixa Econômica Federal.

Eu conheci Beto em São Paulo, em 1979; ficamos amigos para nunca mais desgrudar. Naqueles idos ainda de Chumbo, ele não sabia tocar nenhum instrumento, mas gostava de música e também de cantar, participou de corais e logo que eu voltei para Mato Grosso, em 1984, ele já trabalhava na Caixa Econômica Federal e já estava aprendendo a tocar viola caipira.

Ao longo desses 40 e poucos anos, conseguíamos nos ver praticamente de cinco em cinco anos, e, na saga de violeiro, ele foi membro da Orquestra de Violeiro de Brasília e gravou um DVD de causos e modas de viola, o qual eu tenho.

Beto e sua companheira chegaram à minha casa em uma sexta-feira, por volta das 20 horas. Após entrarem, ele pegou sua viola da marca Aden Violões–Modelo feito à mão para concertista nº 60021X 200–Ano 2008, assinado pelo luthier fabricante; uma verdadeira preciosidade rara de instrumento, sem contar o som daquela viola, que encantava o ambiente e me elevou ao tempo em que morava na capital paulista, o qual eu vi pela primeira vez uma viola caipira.

Num momento de *feedback* por parte dele, me perguntou em risete, quando me viu pegando o violão Yamaha do Lafayette.

— Cadê a “Loirinha”? — Ele estava se referindo ao violão que eu ganhei do meu ex-cunhado Cavalcanti, o qual eu mencionei a história no início deste conto. A “Loirinha” foi um dos meus violões o qual ele teve muito contato quando morava em São Paulo. Contei a ele o que aconteceu e começamos a afinar os instrumentos, acompanhado da Marina, que estava alheia e empolgada com as nossas conversas.

Começamos a beber e tocar, as velhas canções de raiz, e o Beto sempre dizendo que não estava mais tocando devido ao problema ortopédico na mão esquerda. Mas, mesmo assim, não se fez de rogado e tocou e cantou brilhantemente. Fizemos duetos em algumas músicas e noite adentro fomos destilando lembranças doces e amargas, já com

uma visão mais envelhecida, porque eu havia completado 70 anos e, ele, 58. Varamos a meia noite, até que resolvemos parar. No outro dia, tomamos mate e Marina fez deliciosos ovos mexidos para o café da manhã e então chegou a hora de eles seguirem estrada para o evento. Saíram com antecedência devido a distância da minha casa até local, que é de mais ou menos 50Km/h, e também porque a Ilha é problemática com trânsito, mesmo aos finais de semana.

Ao se despedir, Beto me disse:

— Eu trouxe essa viola para você, porque eu não posso mais tocar, já dei mais três violas minhas para outras pessoas das quais observei talento, portanto, essa é para você! De todas as outras que já dei, essa é a melhor! — Dizendo isso, nos despedimos e eles se foram.

A minha cabeça tentava absorver tudo o que havia acontecido... Primeiro, ver um velho amigo de longa data por poucas horas e, depois, ganhar um precioso instrumento do qual eu pouco entendo e ainda ter que aceitar que um grande violeiro como ele não tocava mais, por questão de saúde!

Fiquei perplexo com tudo aquilo e deparei-me olhando todos aqueles instrumentos na minha sala, senti que não há como parar o “designio dos violões”, parei de tentar querer entender esse meu “autossecredo”, porque faz parte do meu arquétipo pessoal e, como todo mistério, a maldição só termina quando a vida se acaba. Continuarei vivendo esse quebra-cabeça ausente de querer saber como, onde e quando vai terminar. Comecei a perceber que todo instrumento de cordas tem o encordoamento separado e privado, isto é, as cordas ficam no seu lugar numa certa ordem, embora no mesmo suporte, porém, separadas uma de outra no corpo do instrumento. Cada uma com sua propriedade tonal e, que só se entendem quando uma mão humana guiada pelo sentimento configura uma harmonia. Então, nesse instante, há um célebre regozijo de sonoridade por alguns segundos, mas para logo voltarem para suas propriedades privadas, tal como os quatro elementos ‘terra, fogo, água e ar’, que estão presentes em tudo na nossa vida, mas que tem suas propriedades privadas independentemente de existimos ou não na face do planeta.

Todo mistério é composto de outros pequenos mistérios e a somatória deles é que dá sentido a nossa vida, tal como o sorriso e o prazer ao dedilhar um violão...

Capítulo 2

EM CORUMBÁ

Meu tio Pedro Pereira mudou-se para Corumbá em 1958. Nessa ocasião, eu tinha 7 anos de idade. Após ele ter passado cinco anos por lá, resolveu visitar-nos, no final do ano de 1963, e conversou com meus pais, para que eles deixassem que eu fosse com ele na sua volta, propondo que eu passasse o final de ano e as férias escolares com sua família, conhecesse a cidade e, também, para que eu convivesse com os meus primos, que eram bebês quando mudaram para lá.

Eu havia completado 12 anos, estava cheio de energia e, fiquei supercontente porque veria meus primos Ubaldo, Maria José e Cícero, que já estavam crescidos. Depois de várias recomendações, meus pais me liberaram para viajar. Uma semana depois, voei pela primeira vez de avião pela Cruzeiro do Sul, direto de Cáceres até Corumbá. Hoje parece mentira, mas, naquele tempo, havia voo de empresa aérea direto para lá, e foi a primeira vez que saí de Cáceres para outra cidade.

Meu tio era proprietário do Hotel Brasil, o qual ficava na rua Cabral, perto da feira boliviana e da estação de trem Noroeste do Brasil, que fazia linha até Puerto Suarez, na Bolívia, município boliviano que faz divisa com Mato Grosso do Sul. Por conseguinte, lá também já havia baldeação para completar a viagem até Santa Cruz de la Sierra. O trajeto inteiro desde Campo Grande ficou mais tarde conhecido como “*linea del trem de la muerte*” pelos bolivianos, e “*Trem do Pantanal*” pelos brasileiros, imortalizado depois, no lindo tema musical, composto pelos colegas Paulinho Simões e Geraldo Rocca.

Em comum acordo com meu tio e a tia Darci, resolvi ajudá-los na lida do hotel, trabalhando como “o faz tudo”. Ali eu lavava pratos, entregava marmitas, limpava o chaão, atendia clientes, servia comidas etc. Por estar o hotel situado perto da fronteira e perto da estação ferroviária, a maioria da contingência que se hospedava ali era de bolivianos, além do meu tio Pedro, a tia Darci e meu meio-irmão Luiz Justino, este último sob tutela da minha avó Ana Santana, que também havia mudado com eles desde quando saíram de Cáceres. Lá, ensinaram-me a conversação básica em castelhano, para

atender os hóspedes.

No início achei legal aprender outro idioma, visto que meu pai era fluente em cinco línguas, porém, não nunca se preocupou em ensinar para nenhum de seus filhos, já que era pai de seis crianças, e também não tinha muito tempo, pois lecionava em três turnos diariamente durante a semana.

Enquanto eu ainda não falava bem o idioma, ficava sempre na cozinha, ajudando e conversando com o cozinheiro boliviano chamado Ruiz. Ele me ensinava a pronúncia certa e os nomes das coisas mais comuns, principalmente nos diálogos iniciais para o atendimento dos clientes.

Certo dia pela manhã, minha tia Darci me chamou cedinho para ver como estava indo minha conversação, isso depois de passar duas semanas trabalhando e exercitando a fala com o cozinheiro Ruiz. Entregando-me a lista dos números de cada apartamento, ela me instruiu para ir à porta de cada apartamento do hotel e avisar que o café da manhã já estava sendo servido, e me alertou de antemão que, naquele dia especificamente, havia um hóspede brasileiro.

Decorei o molde praxe de conversação orientada por minha Tia, que se configurava assim: *“Buenos días, Señora (ou señor, dependendo de quem atendesse a porta), descansaste muy bien? ... Bueno, entonces! Vengo advertir que ya estamos servindo el desayuno.”*.

Comecei então a fazer os informes, às vezes alguns hóspedes, sorrindo, queriam estender a conversa comigo, mas logo percebiam que eu ainda estava “cru” para um bom diálogo.

Quando bati na porta do último apartamento, quem me atendeu foi uma menina de uns sete anos, que deu risada quando anunciei o café da manhã em castelhano; ela nada disse, mas, em seguida, avisou seus pais, falando em português e fechando a porta. Não dei muita atenção para o que ela disse e fui cuidar de outros serviços.

Entreguei as dez marmitas montado em uma bicicleta Monark, que era o único veículo do hotel para fazer compras de mercadorias e entregas das marmitas. Confesso que era um exercício extremamente pesado para uma criança de doze anos; quem conhece Corumbá, sabe do que estou falando! Não era fácil subir e descer aquelas ladeiras em pleno meio dia, num sol de 45°C na sombra.

Depois de tomar banho e almoçar, fui até a sala do hotel onde estavam minha tia e meu tio conversando e escutando rádio. Ao me virem entrar no recinto, começaram a dar risadas; eu, então, cheio de curiosidade, perguntei porquê estavam rindo e, minha tia, ainda rindo, disse-me que os únicos hóspedes brasileiros que estavam no hotel eram a menina e os pais dela, um casal de Cáceres, amigos deles há muito tempo, e perguntaram a eles depois do café *“onde a tia Darci havia arranjado aquele ‘bolivianinho’ tão engraçado e gentil”*.

Capítulo 3

CERVEJA EM ANOS DE CHUMBO

Meu pai, Haroldo Vidal de Pinho, tinha o apelido de “Tutelile”. Segundo minha vó, Yolanda Vidal de Pinho, esse apelido se originou na sua infância, quando ele estava aprendendo a falar e ao pedir uma colherzinha para comer arroz-doce, ele dizia: “*eu téio tutelile*”. A alcunha continuou mesmo depois de adulto, principalmente entre os alunos do Colégio Estadual Onze de Março, onde ele era conhecido como “professor Tutelile” ou somente “Tute”. Lá ele lecionava matemática e física, mas era químico também, dado que às vezes ocupava a cadeira dessa matéria quando tinha que dar férias ao professor titular. Tinha um jeito diferente de ensinar, obrigando os seus alunos e alunas no final de semana durante o dia a sair a campo junto dele para fazer prática de medidas agrimensora, e premiava com a primeira rodada de cerveja (por conta dele) no final do dia a quem conseguisse tirar um ângulo reto em observação. Isso raramente acontecia, na prática, acabava que, no final, nenhuma equipe conseguia tal acerto. Na sala de aula ele dizia que essas aulas de campo eram mais para saberem que a matemática na sala de aula era como “matar novilhas presas”, enquanto na vida prática, tinha que “campear, laçar, prender e matar a novilha”. Às vezes ele reunia os alunos em casa em noite de lua nova para observar o espaço com o pequeno telescópio, o qual ele tomava emprestado do Colégio, para que estes conhecessem a posição dos planetas do Sistema Solar. O céu de Cáceres naqueles anos era muito escuro na fase da lua nova, visto que a iluminação pública só era mantida até as 21 horas, podíamos ver uma grande parte da Via Láctea.

Com essas e outras irreverências, apesar de serem lembradas até hoje como iniciativas muito importantes pelos seus ex-alunos, ele logo se tornou um dos professores mais querido e popular da cidade, era boêmio, fluente em cinco idiomas, mas nunca misturava o comportamento obrigatório da sala de aula com as bebedeiras em companhia dos seus alunos.

Cáceres foi uma cidade cosmopolita nos anos 50 e 60, tal como Corumbá, no começo do século XX, a razão disso era a navegação

pela Bacia do Prata, que trazia gente de toda as partes do mundo. A cidade aglomerava além dos nativos fundadores, com os migrantes do Sudeste e do sul do país que começavam a chegar, havia também a contingência dos bolivianos, paraguaios, argentinos, bem como árabes, japoneses, e em número menor, franceses, alemães, italianos, americanos, russos, holandeses etc.

Para não esquecer a fluência dos cinco idiomas os quais ele falava, sempre convidava alguns desses emigrantes estrangeiros para ir em casa beber com ele a cerveja fabricada por ele mesmo e, obviamente, exercitar no respectivo idioma, comentando a política mundial pós-Guerra. Era uma maneira que ela achava para ouvir a opinião dos emigrantes estrangeiros, dado que todos, inclusive ele mesmo, ouviam as mesmas rádios de ondas curtas de diversos países.

Minha mãe apenas observava o comportamento dele, pois sempre foi uma mulher do povo, e quando meu pai dizia a ela que vinha um estrangeiro, ela ficava nervosa e curiosa ao mesmo tempo, e perguntava quem seria o visitante; ele, sorrindo, só dizia a nacionalidade. Para ela era tudo mais ou menos a mesma coisa. Por questão de ordem, perguntava o que teria que fazer de “tira-gosto” pra acompanhar as cervejas e, ele como sempre, buscava fazer o melhor para agradar a visita.

Certo dia eu escutei a conversa dos dois, que aconteceu mais ou menos assim:

— *Maria! Faz hoje uns pasteizinhos e corta uns salaminhos, tá?! Dizia ele sorrindo para minha mãe, a qual ficava séria e comentava.*

— *Se for o “suíço”, ou “chô” Hansen (alemão) ou outros “amarelento” — ela se referia assim porque todos os europeus eram loiros —, que vem hoje... tudo bem os dois gosta de pastel e salame, mas se vem o Carlos argentino e o açoguero Guilherme paraguaio, aqueles dois só qué comê carne picada mal passada, e quando num tem fica com cara de cotchorinho embarcado na canoa me encarano, oiano pra mim, como coisa que eu que sou culpada!*

Meu pai dava risada, abraçava-a no seu jeito carinhoso de ex-marinheiro malandro beijando-a na testa e dizendo qual era o convidado daquele dia.

Por volta do ano de 1960, ele resolveu, em acordo com seus alunos, editar um tabloide, visto que não tinha nenhum jornal local para comentar alguns fatos que acontecia no dia a dia na cidade. Munido de

um mimeógrafo inglês da marca Gestetner – 120, tinta preta, manual, começaram a editar o tabloide intitulado “A Voz do Aluno”.

Eu, nessa época, era analfabeto, somente meu meio-irmão, Luiz Justino Pereira, que lia gibi, livros de literatura infantil e outras as coisas para nós, digo assim porque eu e meus irmãos ainda não havíamos sido alfabetizados também e, divertíamos muito porque o Luiz, quando estava lendo as obras, alterava a voz para enfatizar o diálogo de cada personagem e fazia ruídos característico para dar ênfase ao suspense do enredo.

O tabloide “A voz do Aluno” era feito em minha casa; o meu pai, quando não havia nenhum dos seus alunos para ajudá-lo, obviamente eu e meus irmãos que tínhamos que participar na prensagem, porque a tinta borrava com facilidade. Em vista disso, o nosso trabalho era estender folha por folha para secar. Conclusão: ficávamos quase o sábado inteiro estendendo folhas do jornal, depois tinha que organizar páginas por páginas para ser distribuído por nós no Domingo pela manhã.

O “Voz do Aluno” era crítico com as maracutaias da Prefeitura e, por causa disso, logo o tornou-se um informativo sério para a Cidade. Os colaboradores eram Márcio Lacerda, o japonês Kawai, Márcio Curvo, e algumas alunas, dentre elas, Jane Vanini, a mulher que mais tarde se tornaria o maior dossiê cacerense da luta armada e que virou uma lenda internacional dos Anos de Chumbo, até ser morta em confronto com as tropas do ditador Pinochet, no Chile.

Eu me lembro dela, pele clara, cabelos longos pretos, voz eloquente, sempre vestida com roupas escuras, carismática, e transbordava uma beleza reluzente.

Alguns meses antes do golpe militar de 64, a cidade vivia volta e meia com o seu exército em prontidão, o então 2º Batalhão de Fronteira, devido as reviravoltas que acontecia na recém-inaugurada capital federal, Brasília.

No mês de março, eu acabara de voltar de Corumbá, onde permaneci durante as férias de final de ano na casa do meu tio Pedro Pereira de Lima, quando eclodiu o famoso golpe militar de 31 de março. Era de manhã, estávamos todos em casa, quando ela foi invadida pelo comando militar local, para vasculhar e se possível encon-

trar alguma prova que justificasse a prisão do meu pai como agente subversivo atuante. Minha mãe estava de resguardo do nascimento da minha irmã caçula Dirce Pereira de Pinho que havia nascida no dia 17 de março. Foi um choque para todos nós, vendo o trágico acontecimento e meu pai sendo escoltado, embora o comando não tivesse encontrado nenhuma prova, mesmo assim levaram-no.

Eu, em minha precoce imaginação, não compreendia tal procedimento arbitrário por parte do comando militar, sendo que eles sabiam que meu pai havia recém-lutado junto às tropas da FEB, na II Guerra Mundial, pela retomada da Europa e da ameaça mundial do Nazismo. Foi sobrevivente e naufrago quando seu barco partiu ao meio, provocado por um torpedo alemão em pleno oceano Atlântico e, que ele conseguiu se salvar agarrando num pedaço de madeira do navio, até encontrar um pequeno rochedo, o qual passou quase dois meses tentando sobreviver comendo conchas e, cavando buraco na parte alta da pequena ilha para conseguir água doce. Sendo resgatado depois pela marinha americana e levado para Nova York, para ter cuidados médicos, pois estava com baixa imunidade, diversas infecções e, sobretudo, muito anêmico.

Três meses depois, ele já havia se recuperado e estava de novo ao mar, levando as tropas dos aliados do porto de Terra Nova no Canadá até Toulon, na França.; era final da Guerra. Nesse interim o seu comando marino, aprisionou um navio alemão que já estava a deriva sem combustível e sem munição. O comandante do navio falava espanhol e quis conversar com alguém que entendesse e falasse espanhol. Depois de algumas horas, meu pai foi liberado para se comunicar com ele. Quando chegaram na costa de Portugal, a jornada havia terminada e o comando foi passado para outro regimento. Antes disso, presenteou meu pai com um isqueiro, o qual ele guardava com muito orgulho.

Por ordem do comando dos aliados, meu pai ficou no barco brasileiro em Hamburgo, na Alemanha por quase seis meses após a consolidação do conflito. Foi quando ele aprendeu o idioma alemão, visto que já era fluente em inglês, guarani, espanhol e francês.

Transtornado pelas vicissitudes das quais foi acometido durante a II Guerra, em 1946, quando estava com a Marinha Brasileira, ancorado no porto de Buenos Aires, perdeu a noção das coisas e não

voltou para o barco. Por causa disso, foi julgado desertor e nunca recebeu recurso financeiro pela sua atuação na FEB. Não foi levado em consideração que o seu ato inconsciente foi proveniente das sequelas sofridas em campo de batalha. Tampouco a relevância por ter lutado no maior conflito bélico, o qual mudou a história do planeta.

Naquele momento trágico, foi o que se passou na minha cabeça de adolescente e o que me marcou para sempre. Minha conclusão foi que meu pai sempre lutou por aquilo que era digno para uma sociedade justa, para as famílias, para a evolução do conhecimento, da educação, etc., e o que ele recebeu foi ingratidão, perseguição e, acima de tudo, injustiça por parte dos maiores órgãos do país – A Justiça e o Exército Brasileiro. Esse conjunto de decepção e injúria maturou e transmutou a alma dele aos 44 anos de idade, herói da FEB, um precoce aluno de matemática/física, e que sonhava, antes da Guerra, estudar ciência exatas em Dusseldorf, para um marxista convicto dos Anos de Chumbo.

Passados alguns dias, soltaram-no. Ele chegou em casa em uma manhã, com aspecto abatido, e abraçou todos nós, mas não disse uma palavra sequer, nem para minha mãe, todavia, daí para frente, percebi que ele mudou seu comportamento e parou de se encontrar com certos “amigos”, restringindo-se a continuar fazendo sua boa cerveja em casa, a qual ele já havia começado logo que parou de editar o tabloide. Passado um certo tempo, soube que sua ex-aluna, Jane Vanini, já se encontrava na clandestinidade, sendo procurada como guerrilheira/terrorista.

Era uma época cinzenta para mim, mesmo com todo sol pantaneiro, jogos de voleibol toda tarde na praia de Magalhães, treino de Karatê com meu amigo e vizinho Jose Pedro (já falecido), banhos nas águas do rio Paraguai, cantos do Beatles e o movimento da MPB que começava a efervescer nas rádios. Tornei-me um ser amedrontado e inseguro, sentia um perigo latente, uma ameaça furtiva, como nos compassos da música “*Buenos Aires Cero Hora*”, de Astor Piazzola, embora nesse tempo, eu nem conhecesse a obra do grande músico, e também não sei até hoje o porquê dessa associação de ideia com tal música. Toda vez que escuto essa obra, sinto a marcação fria e seca do baixo acústico desse tango, dando a impressão de um perigo iminente oculto, de repente a entrada abrupta do bandoneón, que mais parece um “*staccato*” nervoso e voraz, tomando conta do tema e ru-

gindo com outros efeitos evocava para mim, um despertar sinistro.

Quando meu pai começou a fabricar cerveja, praticamente começava armazenando água de chuva, germinava o milho ou arroz, depois secava, triturava e sapecava, colocando o cereal no forno para ressecar, moer e criar o malte, depois misturava com o lúpulo que ele importava da Argentina, para fazer o mosto, que levava 12 horas fervendo no fogão à lenha, pós-retirado, ficava esfriando e começava, então, o processo de fermentação, que levava em torno de 5 dias a uma semana.

No início, ele “apanhou” ao engarrafar o líquido fora do ponto exato, e, com isso, a maioria das garrafas estouravam, porque estavam ainda em alta fermentação, ou acontecia o contrário, isto é, engarrafava após o ponto exato e a bebida “chocava”.

Certo dia, ele trouxe do Colégio um tubo de ensaio e começou a experimentar colocando nele um pouco do mosto da cerveja pronta, um jeito um pouco rústico que ele criou, para perceber quando a bebida começava a fermentar. O tubo de ensaio era ligado à saída dos gases que efervescia em bolhas contínuas através de uma mangueirinha, mergulhada num copo com água, que servia de guia para ele saber o ponto de engarrafamento do resto da cerveja que se encontrava em outro vasilhame. Ele, então, verificava três vezes por dia quantas bolhas saíam por minuto, com apoio de um metrônomo, com isso, conseguia chegar mais próximo do ponto exato do engarrafamento. Só que isso era um processo aleatório e atemporal, visto que passava uma semana ou mais, e pior, não tinha como prever a hora que as “benditas bolhinhas” iriam sinalizar para começar o processo final, ou melhor, o engarrafamento de toda cerveja. Poderia ser pela manhã, à tarde, à noite, ou até pela madrugada, o qual era o momento que mais acontecia, e meu pai acordava todo mundo para ajudá-lo a lacrar as garrafas. Era como se as “bolhinhas, naquele momento, fossem as donas da bola”.

Certo dia, aconteceu um fato do qual poderia ser chamado de cômico/trágico. Alguns meses após o episódio da sua prisão pelo comando militar, o trauma ainda permanecia na família. Havíamos engarrafado a bebida há uns três dias, e meu pai ainda não havia conseguido prever o ponto exato de lacrar as garrafas para evitar que elas estourassem ou chocasse. Ele tinha um quarto no fundo da

casa, separado de outros cômodos, para não ser incomodado; local este que servia para seus estudos, preparava aulas e datilografava as matrizes nos antigos Stencil, para depois mimeografar e confeccionar as apostilas para seus alunos. Sempre ficava até a madrugada trabalhando, nós dormíamos ao som dos tic tac da máquina de escrever. Porém, naquele quarto era também o lugar em que ele armazenava as garrafas de cerveja para decantar até o ponto de ser gelada para ser consumida.

Em uma dessas noites, no meio da madrugada, minha mãe acordou assustada dizendo para nós que havia escutado tiros vindos do quarto em que meu pai estava trabalhando; foi um tumulto geral e ela chorando disse assim: “*Pronto... chas crianças! Atiraram no Tutelile e eu num vô la vô!!*”.

Mas o que havia acontecido, na verdade, foram estouros de algumas garrafas de cerveja que foram lacradas antecipadamente, ainda em alta fermentação.

Meu pai faleceu em 1999, por crise de diabetes. Em seu túmulo, no cemitério de Cáceres, está escrita a frase: *acredito que o elétron é um ser pensante*, sua frase máxima da sua metafísica a respeito dos mistérios do universo. Foi ateu a vida toda e, no final, sentiu-se aficcionado ao espiritismo kardecista.

Por causa de tudo isso e muitas outras coisas, eu não me tornei um grande apreciador de cerveja até hoje.

Capítulo 4

NA FAZENDA CORREDEIRA

Eram férias escolares do mês de julho, eu tinha dezesseis anos. Meu grande amigo e vizinho, Rindel Leal, e eu estávamos na carroceria de um caminhão, indo de Cáceres até a fazenda Campo Bom, de propriedade de uma família capixaba que ficava à beira da BR-174, perto de um pequeno núcleo de povoação, que naqueles idos anos era conhecido como “Tabuleta”, hoje se chama Glória do Oeste.

Campo Bom era o local em que encilhávamos os cavalos para percorrer ainda mais ou menos vinte e dois quilômetros, até a margem do rio Jaurú, onde ficava a fazenda Corredeira, de propriedade do cacerense “seo” Tino Leal e dona Paulina, mulher pantaneira nativa daquele lugar, ambos genitores do meu amigo Rindel.

Não era a primeira vez que eu ia para lá, dado que, no ano anterior, passei quase os três meses de férias lá. Como estana na adolescência, sentia-me bem estando naquela fazenda, gostava de trabalhar o gado, cavalgar para buscar alguns animais em outra fazenda, tanger carro de boi, etc., pescar, caçar (hoje sou contra), e apreciar as belezas naturais. Lembro-me que não havia luz elétrica, tampouco água encanada, ou mesmo a novidade da época, o rádio de pilha. Tudo era feito no modo mais simples e o dia era trabalhoso, desde a madrugada até o anoitecer. À tarde, banhávamos no rio Jaúru, um dos afluentes do rio Paraguai, era o rio de água mais cristalina que conheci, podia ver os peixes há dois ou três metros nadando no fundo.

Depois do jantar, conversávamos um pouco e íamos dormir, pois estávamos todos exaustos, visto que no dia seguinte, a labuta seria a mesma. Eu não estava acostumado porque durante todo o ano acordava às oito da manhã, já que estudava no período da tarde.

A fazenda produzia, além de queijo, rapadura, carne seca, e quando matava uma rês, já vinham encomendas dos vizinhos para adquirir carne fresca, miúdos etc. Quanto à cabeça da rês, era assada e servia de refeição no final do trabalho. Ela é, até hoje, tal como a costela assada, como néctar pantaneiro, e fazia parte da consagração final.

Para atender a necessidade local e aproveitar a demanda oca-

sionada pela distância, dona Paulina estocava na fazenda aguardente artesanal comprada de outro produtor, querosene, vela, munição, facas, machado, picaretas etc.

O dia a dia numa fazenda pantaneira era de levantar-se às 4 horas da manhã para ordenhar as vacas apartadas dos bezerros, que dormiam do piquete, depois soltar o gado todo do piquete maior para pastar. Nós, juntamente dos peões, comíamos o quebra-torno (café da manhã), recorriamos o cercado em torno da fazenda para ver se não havia nenhum aramado arrebitado, e, caso houvesse, tinha que consertar na mesma hora; almoçávamos e, à tarde, tínhamos que prender a junta de boi no carro, colocar dois barris de metal e buscar água no rio Jaurú, o qual ficava a uns 300 metros de distância da casa da fazenda. Isso tudo acontecia todos os dias, porque caso tivesse que ir até o pé da serra, lugar em que o gado ficava engordando na “invernada”, a cavalgada começava de madrugada e só terminava ao anoitecer. Afora tudo isso, o dia que se abatia alguma rês para vender carne, fazer carne seca ou moer cana pra fazer melado e rapadura, a trabalhadeira era dobrada e durava o dia todo também, ao contrário do que todo mundo pensa sobre uma possível tranquilidade e lazer numa fazenda pantaneira. Como diz o dito popular dos peões pantaneiros: *“Aqui ocê num tem tempo nem de coça bunda.”*. Era como se vivia na fazenda Corredeira naqueles idos anos.

No final de semana, a gente saía para caçar ou pescar. Devo registrar nestas linhas que foi com o Rindel Leal que eu aprendi a mexer e disparar pela primeira vez uma arma de fogo e, pra ser mais preciso, era uma espécie cartucheira calibre 36. Acertei o alvo há uns trinta metros de distancia. Naquele tempo não existia IBAMA nem SEMA, então, para distrair ou comer alguma carne que não fosse de origem bovina, praticávamos a caçada. Outras vezes, ficávamos em casa amolando facas, fabricando cartuchos para revólver, espingarda, pois sempre chegava pessoas precisando de munição.

Eu me lembro de um daqueles finais semana do mês de julho, por volta das quatro horas da tarde, quando apareceram na entrada da fazenda dois peões autênticos, montados cada um num cavalo pantaneiro, vinham gritando e saudando na entrada da porteira por dona Paulina; era costume de todo visitante anunciar sua chegada para o dono da fazenda saber quem estava na “cancela da entrada”.

Os três cachorros da fazenda saíram a toda latindo, fazendo o aranzel de sempre. Ridel e eu estávamos no alpendre da fazenda, conversando. Dona Paulina logo chegou no local, com um rifle Winchester calibre 44 na mão e um revólver 38 no coldre.

Quando ela reconheceu os visitantes, sorriu e baixou a guarda, encostou o rifle na parede, chamou os cachorros com sua voz forte de comando, enquanto os cavaleiros apeavam das suas belas selas, tirando os chapéus de carandá da cabeça, dando boa-tarde sorrindo, mostrando os ouros nos dentes.

Respondendo a saudação, dona Paulina olhou para mim e para Ridel e piscou os olhos para que continuássemos sentados. Ela, então, fez sinal para os visitantes entrarem. Eu não entendi o que mais ela quis dizer com o piscar dos olhos, vendo que o Rindel ficou sério, mas tranquilo, continuamos quietos olhando para os visitantes.

Logo que amarraram seus cavalos, entraram e sentaram no banco do alpendre e começaram as conversas de praxe, sobre chuvas, preço da arroba do boi de corte na fronteira, jogo de truco espanhol, sempre dando risada, até que disseram que iriam precisar de cachaça, rapadura e carne seca. Dona Paulina pede para Rindel e outro ajudante, um indiozinho, pegar para eles; enquanto ela pegou a garrafa de cachaça que estava na nossa mesa e serviu, dando um trago para cada um, para degustarem o produto que estavam comprando.

Beberam num gole só, estamparam um sorriso e continuaram fumando seus palheiros. Depois de tudo arrumado e entregue para eles, ambos pagaram os mantimentos e se levantaram para colocar nas bruacas dos respectivos cavalos, sempre conversando com dona Paulina e dando risada; foi aí que aconteceu uma cena que não esqueci até hoje: um dos cachorros da fazenda, o mais brabo, surgiu de repente e, sem latir, mordeu o pé de um dos peões, porém, ele estava de bota e deu um pontapé no animal, derrubando e deixando-o ofegante, meio prostrado.

O peão sacou seu revólver do coldre e olhando para dona Paulina disse em voz alta:

— *Dá licença, dona Paulina, mas vou matar seu cachorro! Dizendo isso, disparou três tiros no animal, que já estava já machucado e deitado.*

Quando ele se voltou para a fazendeira, ela havia sacado seu

38 e disparou em seguida três tiros também no pé do peão. Um disparo acertou-o no calcanhar, fazendo com que ele gritasse de dor e deixasse cair a arma no chão. O outro peão só assistiu calado, sem dizer nada, apenas segurou a rédea do cavalo do colega para que ele não saísse em disparada, e, também, para que voltasse e desse um jeito de montar, pois dona Paulina estava, desta vez, com o rifle Winchester 44 apontado para eles e gritava:

— *Vai imbora djá! Ou eu atiro nos dois e, depois de passá a cerca, nunca mais quero ver chuas cara por aqui... Se aparecê, vô atirá na cabeças do cês! Conheceu cú de breú!*

O cavaleiro, com ajuda do outro, pegou o seu revólver que estava no chão, e, conseguindo montar, saíram galopando, deixando a porteira aberta; dona Paulina imediatamente fez sinal para que o indiozinho que fosse lá e fechasse. Ela, então, tranquila, sentou-se no banco, sempre com olhar para horizonte. Depois de um certo tempo, colocou o rifle em cima da mesa, ainda acompanhando os cavaleiro galopando ao longe no cerrado, enquanto o indiozinho caminhava de volta, foi quando ela olhou para mim e para seu filho Rindel e exclamou:

— *Esses daí, é dgente increnquera, djá tinha criado um pampero semana passada lá na fazenda do "Djão de Cráudio"!*

Ela fica quieta, mas com semblante ainda em riste, completa sua indignação olhando para nós e dizendo:

— *É bugre de beijo rotcho... Num escramenta!*

Capítulo 5

SOB AS SOMBRAS DE CORTAZAR
E RICARDO ROJO

— *Pa donde vas?*

— *Me voy pa Tucumán...!* — Respondi ao vendedor de passagens do guichê do terminal rodoviário da cidade Resistencia, província da região do Chaco argentino. Eram mais de cinco horas da manhã do dia 10 de maio de 1982.

Já havia passado três dias que eu me encontrava nessa cidade, após sair de Asunción, capital do Paraguai. Estava de férias de trabalho e fazia pesquisas musicais, comprando fitas cassetes de músicas folclóricas, visitando museus, dado que nessa cidade, em especial, existia a famosa e histórica Peña Martin Fierro, o qual era um lugar obrigatório para todo investigador cultural conhecê-la, pois todo depositário da cultura antropológica gaúcha da região se encontrava lá.

Eu tive um importante privilégio naquela ocasião, porque um dos diretores me acompanhou na apreciação, embora o local estivesse fechado, ele fez questão de abrir e me mostrar o “magnífico santuário”. O gesto daquele senhor demonstrou-me o quanto eles se orgulhavam e valorizavam a sua cultura.

Quando saí do Paraguai, notei a grande diferença na operação financeira, isto é, lá você comprava qualquer moeda estrangeira no meio da rua, enquanto na Argentina era possível apenas indo ao banco, sem contar que o câmbio em dólares era muito burocrático.

O movimento da cidade estava com um ar emblemático de patriotismo, porém, furtivo e interrogativo, devido a Guerra das Malvinas, que acontecia no sul do país, quando as ditaduras latino-americanas das décadas anteriores começavam a dar sinais de cansaço.

Após pagar e pegar minha passagem, dirigi-me para um banco da rodoviária onde se encontrava um gaúcho argentino tomando mate, enquanto ao seu lado havia um paraguaio vendendo chipá-soó (bolo feito de farinha de milho recheado de carne). Estava com fome, eram quase 6 horas da manhã e o clima estava frio. Ao sentar-me, pedi ao paraguaio uma chipa-soó, ele me serviu sorrindo, dizendo: “*Oime racú eterei!*” (está quente e gostoso), eu agradei paguei-lhe e comecei

a comer, quando vi os olhos do gaúcho, que mateava me encarando, então puxei conversa com ele, propondo uma troca.

— *Que tal? Tu me deja chupar su mate y yo te regalo una chipa ca-lientita.*

Ele olhou para mim, para minhas botas e fez sinal que sim com a cabeça. Pedi ao paraguaio para dar uma a ele. Este, por sua vez, sorrindo, pegou o quitute e entregou na mão do argentino que, imediatamente, colocou a iguaria no banco, alcançou a garrafa térmica, pôs água quente na cuia e logo me serviu, dizendo que já estava quase chegando a hora do seu embarque. Eu disse que não se preocupasse, pois eu só queria tomar um pouco, visto que eu não havia tomado no hotel. Enquanto eu sorvia o mate, que estava uma delícia, ele comia a chipa me olhando, como se estivesse reconhecendo alguém. Depois de alguns minutos, pegou suas coisas e mostrou que o seu ônibus estava encostando. Então, despediu-se dizendo: “*Muchas Gracias!*”, mas ainda me encarando com um ar de suspense, que permaneceu mesmo após embarcar, pois ele ficou ainda me olhando da janela do ônibus.

Achei estranha a perplexidade do gaúcho comigo, fique por um breve momento cogitando sobre isso, e a pressa dele parecia estar “querendo se livrar de mim”. Logo que o ônibus dele saiu, eu também entrei na fila para embarcar no meu ônibus que acabava de estacionar na plataforma e fui me preparando para enfrentar em torno de oitocentos quilômetros de viagem até San Miguel de Tucumán, cidade maior do norte argentino.

Dentro do ônibus haviam pessoas de todo tipo, casal de índios, mulheres bonitas e bem vestidas, casais de velhos, homens jovens e, devido ao horário do ônibus que optei, fui descobrir ao longo do trajeto que era do tipo “pinga-pinga”. A viagem foi aquela paração e o tempo todo entrando e saindo gente. Permeando nessa ondulação contínua de para e anda, pareceu-me que o óbvio repetitivo me realçou detalhes antes não percebidos e comecei a reparar as bandeiras argentinas nas casas, ruas e avenidas do país, pairando o espírito patriótico da população mediante a Guerra, mesmo sabendo que eram governados por um dos últimos generais mais sanguinário da ditadura, o nada mais, nada menos, que Leopoldo Furtunato Galtieri, o general da chamada “guerra suja”, que perseguiu, matou e desapareceu com pessoas, que não aceitavam o regime militar fascista de extre-

ma direita, que havia imperado no país desde 1976, mas que naquele momento, ele era o então Presidente da República e comandante da Guerra das Malvinas.

Cheguei em Santiago del Estero, quase uma hora da tarde para almoçar. Essa cidade foi uma das províncias argentinas que falava um dialeto do idioma Quéchua e, que era o berço da “Chacarera”, um dos mais lindos bailados do folclore do país. Por um breve momento me lembrei de uma toada dessa região muito popular, que aprendi em São Paulo com uns músicos argentino e, que diz assim:

*Chcarera me han pedido,
Que cante una copla yo.
Como yo soy santiaguero,
No puedo decir que no.*

Logo após o almoço, o ônibus recebeu mais passageiros e, por mais estranho que pareça até aquela cidade, ninguém sentou ao meu lado no coletivo, como se o meu acento vizinho estivesse ocupado por algum passageiro invisível e, que só eu não conseguia vê-lo.

A cisma de suspense parecia que ia continuar, quando, de repente, sentou-se ao meu lado um argentino branco, de olhos verdes, careca, talvez de origem alemã, vestia um sobretudo marrom e, logo que se acomodou, puxou conversa comigo, meio que sabendo que eu era brasileiro, pois demonstrava grande admiração pela atriz Sônia Braga, visto que, naquele tempo, as novelas brasileiras faziam grande sucesso no país. Eu disse para ele que não era apreciador de novelas e que gostava de músicas folclóricas, que era cantor nas horas vagas, aos finais de semana e que estava de férias do trabalho, porém, fazendo pesquisas de músicas folclóricas do Cone Sul. Disse a ele que havia passado no Paraguai e que buscava conhecer de perto o norte argentino. Ele sorriu e, simultaneamente, naquele instante, o som de bordo do ônibus começara a tocar músicas argentinas e eu logo reconheci a voz do cantor Jorge Cafrune, um dos ícones da música folclórica de alguns anos atrás, considerado cantor subversivo pela ditadura, vindo a morrer de “acidente”, em 1978, na via expressa da saída da capital de Buenos Aires. Por ironia do destino, atropelado por um caminhão, conduzido por um menor de idade, visto que ele, pela maior parte da sua vida, só andou a cavalo, nunca havia entrado num carro, com exceção de quando fez turnê na Europa.

Naquele momento eu percebi a idiossincrasia e a hipocrisia de uma ditadura falida, pois, antes da Guerra, Jorge Cafrune era considerado rebelde do sistema, por um tempo foi proibido a execução de algumas de suas músicas em todo o país, apenas por ter um caráter essencialmente nativista. Por causa do conflito bélico que acontecia nas Ilhas Malvinas com a Inglaterra, liberam todas as suas músicas, por terem forte caráter patriótico nativo. Lembrei-me de Chico Buarque e de sua obra controversa “Geni e o Zepelim”.

O passageiro, meu vizinho, percebendo que eu conhecia as músicas do cantor, perguntou se eu cantava daquele jeito, eu disse que sim, vi em seus olhos verdes um ar de reprovação, então ponderei humildemente minha afirmação dizendo que não era tão bom quanto ele. Por um instante, ele olhou para a frente e mudou de conversa, dizendo que o motorista do ônibus era muito ruim, expressando-se com indignação: “*Este chofer no sirve! Estamos malos, hasta Tucumán!* “. Eu respondi que não estava com pressa, ele não respondeu e se curvou para olhar para trás, foi quando percebi uma protuberância debaixo das suas axilas, que me mostrou claramente a configuração de uma arma. Comecei a elucubrar: “*Por que ninguém sentou ao meu lado quando sai de Resistencia?*”, todas as pessoas que entravam no coletivo, olhavam para o acento que dividia comigo, depois para minha cara e, sentavam com outros passageiros ou ficavam em pé me olhando. Por um breve instante me perguntei: “*O que esse sujeito está querendo de mim, pois foi o único que sentou ao meu lado?* “.

Senti-me a personagem Clara do conto “O Ônibus”, do romance Bestiário do escritor argentino Julio Cortázar, as únicas diferenças naquele momento eram que os passageiros não estavam vestidos de preto, nem carregavam flores, nem era dia de Finados e, a conversa que eu estava tendo com meu vizinho de assento também não tinha um caráter de assédio como aconteceu com a personagem do romance, quando sentou um homem ao lado dela. No meu caso, era um colóquio com ar interrogativo sofrível. Não entendi o que estava acontecendo e nem sei por que associei tal situação momentânea ao personagem de Cortázar.

O coletivo cruzava os pampas e, para afastar o ar de suspense que estava me corroendo, fixei-me na imensidão que se estendia no horizonte e, então, comecei a ter uma espécie de reverberação de *insight* do passado da região, quando os índios pampeanos viviam livres, sem existência de estradas, cidades, aramados e, tampouco, por-teiras. A abóboda celeste era a cobertura dos pampas, uma espécie de

simetria aconchegante de bem-aventurança e, por causa dessa alusão, os gaúchos argentinos denominaram os pampas de “*cielo al revés*”. Ouvia em minha alma o retumbar de um bombo leguero, os gritos extáticos dos gaúchos numa roda de disputa do sapateado “*Malambo*”. Um tempo magnífico, em que na lentidão das distâncias plasmava um cambaleante aroma espectral, vindo da fragrância da poesia da liberdade, era o canto do “*pássaro corsário que não conhece alpiste... do Payador Perseguido, Don Ata*”.

Uma brusca diminuição de velocidade do veículo fez-me voltar à tona e junto à enfadonha pergunta pertinente: “*O que há em mim que não consigo saber?*”.

Depois de algumas horas, o ônibus havia chegado numa cidade chamada Termas del Rio Hondo, era meio caminho até o destino final e, para a minha surpresa, o passageiro ao meu lado, o vizinho interrogativo, me disse que ficaria ali e se despediu com seu sorriso falso de agente federal anti-subversivo.

A noite estava fria e escura, somente a meia-lua parecia querer clarear a imensidão da pampa. Consegui adormecer e, quando acordei, sentia fome e o ônibus estava desembarcando no terminal rodoviário em San Miguel de Tucumán, eram 7 horas da manhã, quando fui informado de uma hospedaria onde recebia estudantes e turistas em viagem, então me dirigi para o local, que ficava perto da rodoviária. Quando entrei com mochila e violão, o atendente muito sorridente perguntou-me se eu estava indo para o Festival de Salta, evento este que iria acontecer nos próximos dias na próxima grande cidade ao norte. Eu disse a ele que vinha do Brasil e que iria para a Bolívia no outro dia, mas que estava precisando de imediato beber e comer alguma coisa, e ele então me disse, apontando a direção: “*Hoy solamente tenemos pollo con papa e um vinito muy lindo de la región, si tu quieres, vá dejar tus cosas en tu cuarto y despues vá hasta el comedor allí adelante.*”

Livre-me da mochila e do violão, deixando-os no quarto, e me dirigi para a copa, sentei numa mesa, do outro lado estava um casal de europeus, percebi porque conversavam em alemão e, na mesa ao meu lado, estava um viajante francês, que mal falava espanhol, trocamos algumas palavras e gestos, tentando nos comunicar. Quando o homem que me atendeu aproximou-se, perguntando a nós, o que queríamos. Eu, então, respondi que queria o vinho tinto do qual ele

havia falado e, depois, o *pollo con papa*; quanto ao francês, meu vizinho, gesticulou para o atendente, me apontando, pedindo a mesma coisa que eu, porém, pediu um vinho rosé e, por sua vez, levantou-se da mesa e perguntando onde era o banheiro. O atendente apontou a direção para ele, olhando-o com desdém, enquanto ele se dirigia ao mictório. Voltando-se para mim, sorriu com ar de cumplicidade e disse, piscando os olhos: “*Este chango maricon no conoce vino! Si quieres vino rose en el norte argentino, vaya tener!*”. Pegou uma garrafa de vinho branco e uma outra de vinho tinto, misturou para dar a cor de vinho rosé, esperou o francês voltar e levou até a mesa dele, sorrindo e dizendo: “*Prontito, aqui esta tu vinito!*”. Eu me controlei para não rir.

Dormi bem, até o meio dia, depois saí para conhecer a bela cidade que já beirava 500 anos de história. Foi a primeira vez na minha vida que avistei a Cordilheira dos Andes, pois Tucumán está no sopé da grande maravilha e, por onde eu andava, lá estava ela, imponente, com seu cume coberto de neve. Senti que estava próximo da auréola dos mistérios da América do Sul, sim! Onde o princípio da paridade é que explica a origem do fenômeno humano na América, quanto ao mito uno da criação bíblica, não tem nenhum valor cultural, mas sim a emblemática chegada do casal Manco Cápac e Mama Ocllo ao Meio-dia em Cuzco, onde hoje é o Peru. Mediante a fundação dessa cidade, é que começou a histórica Dinastia Inca. Naquele momento, veio-me à cabeça as seguintes palavras: “*Somente nos olhos do condor e do puma estão plasmados, a inefável poesia espectral que elucida o acontecer de um tempo em que éramos mais sombras sem formas, do que objeto e ... Continuamos caminhando no latente ... Vir a ser.*”. Era a voz telúrica numinosa, que às vezes me exalta algum mistério o qual me é enigmático no momento, mas a reverberação que fica em meu ouvido interno traz logo uma compreensão inexprimível.

Na próxima noite, embarquei para uma cidade chamada La Quiaca, fronteira com a Bolívia. Já dentro do ônibus ouvido a bordo a voz conhecida do poeta/cantor/compositor maior, Atahualpa Yupanqui, e sua grande obra “*Lunita Tucumana*” que tinha tudo a ver, pois da janela do ônibus eu via a lua que estava quase cheia e brilhava no céu, junto à Cordilheira.

Essa primeira viagem que fiz no norte argentino foi a maior peripécia que passei dentro do país, dado que não havia linha direta de ônibus para lá, tive que sofrer as conhecidas baldeações e, por mais que eu tivesse embarcado às 10 horas da noite, os seiscientos e poucos quilô-

metros que distanciavam-me do destino final levaria mais de 24 horas para chegar. A primeira parada foi na cidade de Salta, onde cheguei às 6 horas da manhã, por que naquele tempo, a estrada não estava totalmente pavimentada, então tive que passar o dia todo na cidade, por que minha baldeação dali para a frente, só sairia às 7 horas da noite.

Deixei minhas coisas na Rodoviária e sai para conhecer Salta, lembrei que o maior movimento da chamada “Nueva Canción Latino-americana”, dos anos 60 do século passado, havia começado ali e, que depois se espalhou por vários países da América.

Esse movimento artístico-cultural teve sua ideologia numa reunião, nessa época, de vários músicos e poetas, quando todos eles fizeram uma releitura da “bíblia gaúcha”, ou melhor, Martín Fierro, versos escritos pelo provedor da literatura gauchesca, o argentino, Jose Hernandez. Esta obra é uma espécie de cordel, em toda antropologia artística/cultural e moral da formação do homem argentino se encontra ali, mas precisamente no verso número 4.765, onde a poesia começa com estas palavras:

*Procuren, si son cantores
El cantar con sentimiento,
Ni tiemple el instrumento
Por solo gusto de hablar,
Y acostumbrense a cantar
En cosas de fundamento.*

A cantora Mercedes Sosa, esta, embora tenha nascida em Tucumán, mas foi em Salta que ela começou a encantar o mundo com sua voz, levando essa palavra de ordem carregada do sentir latino-americano num carismático contralto emoldurado de um lindo e singular vibrato índio.

Fui até o emblemático local, onde esse movimento começou chamado Balderrama, nome este que é também título de um dos *hits* da cantora. Chegando lá, encontrei fechado e com um aviso que só abriria no final da tarde, mas li na pequena lousa da porta de entrada: “*Hoy tenemos Los Cantores de Alba y Carlos Di Fulvio*”, logo abaixo os preços “*5 empanadas y un vaso de vino tinto—25 pesos*”. Enquanto eu lia e admirava a penha folclórica que ficava numa esquina, próximo a um canal de um riacho canalizado, um sujeito de terno e barba bem-feita, muito sério,

me perguntou se eu já conhecia o local, eu lhe disse que não, mas gostaria, ele, então, disse-me que à noite o local estaria aberto, porém, eu lhe expliquei que era brasileiro e que estava em viagem para Bolívia. Nesse momento, o homem começou a me perguntar sobre a política brasileira e o que eu fazia naquela região, pois era raríssimo encontrar brasileiros por ali. Eu disse a ele a mesma coisa que havia dito ao meu passageiro vizinho no ônibus de Resistencia. Logo que afastamos de Balderrama conversando, eu lhe perguntei onde compraria músicas folclóricas e livros, e ele, com toda gentileza, me levou para os lugares específicos e fez questão de ficar comigo o resto da manhã e, quando chegou a hora do almoço, avisou que tinha um compromisso, deixando-me perto de um restaurante de comidas típicas no centro da cidade, mas, antes, tivemos um diálogo mais ou menos assim:

— *Bien chango brasileño...te dejo aquí...y me despido...Hay muy buenas cosa pa tu comer y chupar por acá.* — disse-me o homem. Eu por minha vez, lhe agradei por tudo e por me “*ciceronar*” na cidade, porém, ao apertar minha mão como despedida, ele ainda me olhou e disse: — *Te cuida chango!* —, olhando firme para mim e passando a mão no rosto. Eu dei um sorriso, mas não entendi o seu gesto enfático. Logo adentrei-me no restaurante e me deparei com vários tipos de pessoas, me distrai e foquei no movimento do local, vendo que a contingência do restaurante era de gente do povo, cada um vestia-se do seu jeito. As mesas estavam cheias e, num canto, havia um gaúcho de poncho vermelho-carmim, sentado sozinho e tomando vinho, esperando para ser servido, aproximei-me e pedi licença para sentar na mesma mesa. Ele me olhou de ‘cima em baixo’ e sinalizou com a cabeça, liberando para que eu sentasse, mas continuou quieto e tudo o que eu perguntava a ele, me respondia em monossílabo, às vezes com a universal comunicação de sim/não com o balançar da cabeça. Depois de terem nos servido a entrada, um *locro* (comida feita de milho de canjica e carne bovina), o qual é um costume local servir esse ensopado antes do prato pedido, lembrei-me de minha infância em Cáceres, a qual sempre comi *locro* e pensava que era comida cacerense. Continuei bebendo vinho e me comunicando com o lacônico gaúcho, até chegar o nosso assado. Após o almoço, tirei da minha bolsa tiracolo dois Cigarro-poy (charuto paraguaio), visto que, naquele tempo, eu fumava, e ofereci a ele, o qual sorriu um pouco, aceitando, mas logo ficou sério e se despediu de mim, repetindo: “ — *Gracias...permiso!* ...

Gracias...permiso! ". E foi caminhando para a saída, olhando para mim sério. Continuei sentado, bebendo meu vinho e fumando, olhando o movimento, até que resolvi sair, pois ainda precisava ir à uma loja-sebo comprar alguns livros.

Sai de Salta exatamente às sete da noite em direção à Jujuy, província a qual a cidade fronteiriça de La Quiaca fazia parte do município, meu destino final no país. Preparei-me para viajar mais de 400km/h subindo e descendo na Cordilheira. Poeira, frio seco, ar rarefeito adocicado e, de quebra, parando a cada dez a quinze minutos, para descer passageiro, a maioria indígenas da região. Andando sempre a vinte por hora, chegamos à Jujuy pela manhã e a baldeação para o destino final sairia ao meio dia. Lá fui eu de novo, andar e comer pela cidade que nem parecia argentina, a maioria da população era indígena, poderia se dizer que estava na "argentina boliviana".

Depois de perambular pela pequena cidade, comprando material folclórico e despachando cartões postais para as namoradas em São Paulo e para a minha mãe em Mato Grosso, tais objetos, naqueles idos anos, funcionavam como uma espécie de "fac-símile de ressonância de localização" para saberem por onde andava a pessoa no momento. Almocei num quiosque da feira, assistindo um gaúcho sentado num pequeno palco, cantando "*Camino a Los Valles*".

*Gargueritas guapas
Marchando adelante;
Piedras en la senda
Canto en el aire
En los apeaderos
Se aflojan las cinchas,
Mientras en el cerro
Va muriendo el día
Canta que te canta
Caminos a los valles...
Que esta pena mia
No la sabe nadie
Pasamos la noche
Rodeándolo al fuego.
Luces de esperanza...*

*Sombra de recuerdos...
La aurora sangrando
Como un corazón...
A ensillar de nuevo,
Que falta un tirón...*

Era uma velha canção que o poeta Atahualpa Yupanqui fez, olhando o entardecer daquela região, eu já a conhecia na voz do grupo folclórico Los Cantores de Alba que iria cantar na noite passada, em Salta.

Quando o cantor finalizou, fui até ele para congratulá-lo pela bela interpretação, ele sorriu, conferiu-me do pé à cabeça, apertou minha mão, olhou de lado, ficou sério e logo despediu-se de mim.

Logo estava saindo de novo para a última etapa da viagem em terras argentinas. Dali para a frente, as curvas e as subidas eram mais íngremes, a paciência e a experiência é que comandava o motorista que estava no volante do ônibus.

Fiquei impressionado com certos nomes de cidades à beira da estrada, como "Pampa del Infierno", "Três Cruces" e "Humahuaca", esta última foi tema inspirador que deu origem a música "Humahuaqueño", um canto folclórico muito popular da região e, que foi gravado no Brasil pelo cantor Roberto Carlos, na fase de produção do seu único disco em espanhol, nos anos 70.

O frio aumentava a cada parada e o ar seco e rarefeito também, até que, beirando 7 horas da noite, cheguei em La Quiaca, cidade que está a quase 3.500 metros na Cordilheira dos Andes. Ao descer do ônibus, a primeira coisa que vi foi uma poça de lama congelada, o vento assobiava, e meu rosto parecia estar dentro de um congelador de geladeira. Busquei rapidamente um hotel, guardei minhas coisas e perguntei à atendente se havia alguma coisa para beber e comer, ela me disse que não havia bebidas alcóolicas, somente chás e refrigerantes, mas informou que as cantinas da cidade estavam abertas. Saí na rua enfrentado o frio cortante e não ví nada aberto, achei que algo estava errado e perguntei para um senhor que ia passando em frente ao hotel, ele então me esclareceu que as cantinas estavam abertas sim, mas que as portas ficavam fechadas por causa do vento frio. Escolhi uma localizada numa esquina, empurrei a porta e realmente constatei que estava só encostada. Havia um burburinho de pessoas conversando, bebendo e dando risadas no balcão, porém, quando eu

entrei, eles olharam no meu rosto e foram saindo do balcão; ficaram quietos, pararam de dar risada e me olhavam como se eu fosse algo sobrenatural. Eu me senti um pistoleiro procurado entrando em um bar em filmes de Bang Bang e, mais uma vez, a reticente pergunta: *O que estava acontecendo de estranho comigo que só as pessoas viam?*

Encostei no balcão e perguntei ao senhor que atendia qual a bebida destilada mais forte que ele tinha para me aquecer, ele me disse que era a Ginebra, uma aguardente feita de uva e zimbro, parecida com a aguardente Steinhager, feita no sul do Brasil. Não a conhecia, porém, pedi para ele encher um copo. Logo que me serviu, virei-me para os clientes e saudei a todos, levantando o copo. Só me olharam, não deram a mínima pela minha saudação e continuaram a falar baixo, olhando para mim; comecei a pensar que talvez eles estivessem me confundindo com alguém, achei que seria perigoso ficar por ali. Bebi tudo de uma só vez, paguei, e sai sob o olhar do bar inteiro. Naquele momento, ia entrando um índio de poncho e gorro colorido, mascando folha de coca, que me encarou sério, depois sorriu e me perguntou: — *Benjo! Donde está tu guitarra?* Antes mesmo que eu respondesse qualquer coisa, ele começou a falar em aimará comigo, como se eu fosse conhecido dele. Não entendendo nada, eu me despedi. Depois fiquei pensando, como ele sabia que eu tinha um violão? Será que ele veio comigo no ônibus e eu não percebi?

Quando um mistério te espreita, você se sente a mercê do que há de vir, é como mergulhar na imensidão de um vórtice que abriu de repente e que somente te resta esperar um resultado opaco, como uma dízima periódica que não para de repetir o mesmo resultado. Porém, no meu caso... era um espectro aterrorador abismal.

De volta ao hotel, estava com a chave, fui dormir sabendo que no outro dia teria que fazer câmbio de Cruzeiros para Peso Boliviano, uma vez que já não tinha nenhum dólar, somente o dinheiro brasileiro e argentino e, que as duas moedas estavam na mais baixa cotação diante da moeda boliviana, devido à Guerra das Malvinas.

De manhã, por volta das 8 horas, fui até a portaria e perguntei à índia que estava no atendimento qual o horário da saída do trem para Oruro, ela respondeu que sairia às 11 horas da manhã, mas que eu teria que embarcar na vizinha cidade boliviana, que fazia divisa chamada Villazon. Pensei comigo, *'vou tomar um banho, estou coçando'*, já passava mais de um dia que não via um chuveiro, perguntei para

ela onde era o banheiro. Ela, então, mostrou-me onde era e, me adiantou dizendo que não tinha água quente, pedindo desculpas, e que não havia banheiro e privada conjugada, como era no resto do país.

Não me preocupei com a falta de água quente no banheiro, mesmo porque eu nunca tomei banho em água quente na minha vida, então me dirigi ao local. Era um recinto quadrado, apenas um cano preso na parede, sem chuveiro e sem porta. Pendurei a toalha num prego e abri o registro, foi um choque térmico, mas continuei lavando meu corpo inteiro, incluindo a cabeça. Depois que terminei, sai enrolado na toalha, já lá fora bateu uma rajada de vento frio que congelou instantaneamente a água que umedecia meu cabelo. Foi o banho mais frio que tomei na minha vida e, quando me aproximei da entrada do corredor do hotel, estava uns índios parados, me vendo sair do banheiro, um olhando para outro... foi quando ouvi um deles exclamando espantado: — *Este chango esta loco! Mira! Quedo, todavia, rojo!* —. Realmente eu havia ficado roxo, entrei no apartamento e, ao olhar-me no espelho, constatei a observação do índio, quanto ao meu cabelo, começava a descongelar. Vesti minhas roupas, organizei a mochila e fui à portaria pedir uma chaleira com água quente para tomar um mate e me aquecer, a índia, então, me disse que seria melhor que eu tomasse o mate com folhas de coca na água quente, para me animar, e ainda me precaveu que teria que andar uns trezentos metros de subida para atravessar a fronteira e, chegar na estação do trem do lado boliviano. Tomei o mate recomendado e, na mesma hora estava me sentido ótimo; paguei o hotel, peguei minhas coisas e caminhei até a aduana do exército argentino, que somente carimbou minha saída do país. Em seguida, fui para a aduana boliviana que ficava na metade do caminho até a estação ferroviária.

Logo quando cheguei, já fui parado e os soldados começaram a revistar minha mochila, tirando todas as coisas, e, quando terminaram, mandaram eu recolher, pois já havia uma pequena fila se formando atrás de mim para se submeter ao mesmo processo. Tudo pronto, então, fui para o escritório para carimbar meu passaporte, registrando a entrada no país. Lá dentro, fizeram um monte de perguntas e a última foi:

— *Brasileño! Que viene hacer en la Bolivia, entrando por Argentina, aunque tu país tiene una frontera bien mas ancha al leste con nosotros?*

Eu já estava ficando irritado e murmurei em voz baixa:

— *Porque tengo que visitar tu madre, carajo!*

Ele não escutou direito o que eu havia dito, porque naquele instante entrou um soldado falando alto em aimará e, que parecia dizer algo importante e urgente. Eu comecei a sorrir da celeuma do momento. O militar que tratava comigo também sorriu e registrou a minha entrada no país, mas dando somente sete dias, depois olhou para minha cara de novo, pegou um outro carimbo que dizia “*Turista*” no *puede trabajar*, carimbou mais uma vez meu passaporte e me entregou, fazendo sinal para que eu saísse logo da sala. A data era de 13 de maio de 1982.

Eu pensei que os problemas haviam terminado, porém, quando saí dali e fui até o guichê da plataforma comprar passagem para o trem boliviano, ao ficar ciente do preço do boleto até Oruro, verifiquei minha carteira e percebi que só tinha dois dólares, alguns pesos argentinos e cruzeiros brasileiros em grande quantidade, todavia, a moeda brasileira estava tão desvalorizada, tal como a argentina, o que era praticamente não aceitável naquele fim de mundo. A fronteira brasileira estava muito longe dali, isso piorava mais a minha situação para cambiar, e a “sinuca de bico” era que eu tinha que comprar a passagem somente em dólar ou peso boliviano.

Só havia um cambista que comprava cruzeiro, eu tive que me arranjar com ele, só mais tarde fui saber que paguei três vezes mais do que deveria.

Durante a viagem, eu presenciei muitas coisas. Primeiro, fiquei sabendo que não podia carregar café em pacotes naquela região, era considerado mercadoria de contrabando, isso se verificou, porque eu estava cochilando e acordei com a gritaria de uma índia que tentava puxar da mão de um policial do trem um pacote de café colombiano, e o agente, se livrando dela, ameaçou prendê-la.

Quando o trem parou para jantar num lugar chamado *Toco Pozo*, ainda era dia, eu saí para comer, mas evitei o restaurante da ferrovia com receio de gastar muito, comecei a ficar paranoico, com medo de ficar sem dinheiro, resolvi comer um lanche fora dali. Havia vários quiosques de pratos feitos perto da estação e, eu já conhecia algumas comidas bolivianas, pois sempre comi quando morava em Cáceres.

Foi então que me lembrei da grande obra “Meu Amigo Che”, um conto autobiográfico, do escritor argentino Ricardo Rojo, obra esta na qual ele relata a sua passagem pela Bolívia junto do médico argentino, Ernesto Guevara de la Serna, ou “Che” Guevara, este, antes de se tornar a figura emblemática mundial e que o ensinou a “comer para reserva”. Isto é, comer devagar e em grande quantidade para travar a fome e, depois, passar várias horas sem precisar se alimentar. O resultado disso era a economia que se fazia, porque em toda a Bolívia, embora naquela época o almoço para uma pessoa fosse barato e satisfazia muito bem duas pessoas, facilitava-se mais “comendo para reserva”, seguindo a sugestão do grande “Che” e seu amigo escritor.

Olhei para a índia sorridente e pedi um prato chamado *Chicharrón* (feito com milho chocro e carne), e logo tive uma bela surpresa “*bien calientita*” como eles diziam. Quando botei a comida na boca, estava carregado de uma pimenta chamada *locoto*, a vendedora me vendo fazer careta e “chorando”, começou a dar risada, então reclamei a ela:

— *Por que tanto aji?*

E ela respondeu-me, ainda rindo:

— *Sin aji... nada queda lindo en este mundo changuito!*

Depois da minha “choradeira” e a gozação por parte da índia se divertindo, ela me ofereceu, de graça, uma bebida gelada chamada *Api*, um tipo de suco feito de milho e fruta, parecido com o “Aluá” que faziam em Cáceres, quando eu era criança.

À noite, quase não embarcou passageiro nas estações que o trem fazia escala, estava muito frio, ao meu lado não sentou ninguém, como sempre, desde quando saí de Villazón. Tudo se repetia como acontecera nos ônibus argentino, as pessoas me olhavam e não sentavam ao meu lado. Era mais ou menos duas horas da madrugada, eu acordei com minhas botas congeladas, parecia que eu estava com barras de gelo nos pés, não havia comprado água e estava com uma sede violenta, fui até o banheiro para achar uma pia e poder beber um pouco de água ... sem chance! Encontrei a torneira da pia congelada. Por mais que o trem tivesse aquecedor no corredor, não estendia até o banheiro, fiz meia volta e retornei para meu acento, descalcei as botas e foi, sem dúvida, um alívio. Coloquei meus pés

perto do aquecedor do corredor, torcendo para ninguém transitar e tropeçar nas minhas pernas, foi então que consegui dormir até de manhã. Tinha esquecido do alerta que meu amigo boliviano havia me dito na véspera da viagem para comprar meias de lã, porque bota de couro, costumava “congelar” no Altiplano. Acordei quando o trem apitou, anunciando a chegada na estação de Oruro.

Ao desembarcar, fui direto a um quiosque e bebi muita água, já buscando saber onde se localizava a mina San Jose, pois teria que encontrar o endereço da casa da família Ali Orozco, a qual um dos filhos dela era estudante da USP e morava comigo em São Paulo. Não foi difícil, porque o motorista do táxi que peguei conhecia a família e me deixou na porta da casa. Eu desci e me apresentei, mas todos já sabiam da minha chegada, porque Simón, o membro da família o qual dividia a casa comigo no Brasil, já havia avisado por carta sobre a minha passagem por lá. Mesmo assim, no momento em que entrei na casa, uma vizinha que estava conversando em quéchua com a matriarca da família me encarou séria e murmurou, olhando para a mãe do meu amigo:

- *Es Benjo, no?*

Eu não entendi nada, fiquei olhando para ela, que parecia ter visto um fantasma, e naquele momento a matriarca riu e disse a ela em espanhol, para que eu entendesse também, que eu era amigo do filho dela que estudava no Brasil. A vizinha sorriu meio constrangida ao ser apresentada para mim, mas logo se foi.

Fiquei dois dias em Oruro, cidade esplendida, carismática, e por causa disso vem a fama de fazer o maior carnaval da Bolívia. Muita música, pessoas gentis para atender nas lojas e quiosques. À noite visitei as minas que estavam a 400 metros de fundura no solo. Foi uma viagem de aproximadamente dez minutos de descida no elevador e, que só parou quando havia chegado no átrio da mina. A primeira coisa que eu vi quando saí do elevador foi uma figura representativa do *Laika*, ou melhor, o demônio da mitologia Inca. Ao seu redor havia vários tipos de pepitas de prata, chumbo e estanho, percebia-se que as pepitas eram oferendas e, no meio daquela nuvem de pó suspensa que mal dava para falar, eu ainda perguntei a um dos mineiros que estava mais próximo de mim, o por quê daquelas oferendas. Ele, então, me disse que cada pedrinha de minério

que estava no altar, era um tipo de agradecimento que a tradição cultural fazia ao *Laika*, por ter encontrado um novo veio. Percebi que esse culto era herança da idiossincrasia da cultura do catolicismo, que sempre pregaram em dizer ser a riqueza coisa do demônio e que para obtê-la, teria que agradar a entidade representante, tal como acontece aqui no Brasil, no terreiro de Candomblé, o qual tem que pedir licença para o Exú para começar certos tipos de trabalhos.

Os povos andinos, antes dos espanhóis, que eu saiba, não tinham hábitos de garimpar aqueles tipos de minérios. Por outro lado, mesmo o ouro que era na maioria de aluvião no tempo dos Incas e que foram extraídos nas localidades de Cuzco, Lima e Quito, não eram comuns nas minas de Oruro.

Comecei a sentir-me sufocado, minha cabeça começou a doer por causa do pó levitando no ar, então pedi para eles me mandarem de volta. Os dois mineiros membros da família Ali Orozco que estavam me conduzindo, se ocuparam, levando-me para a superfície. Nessa experiência, eu vi de perto o que é o trabalho escravo e como era a vida de um mineiro no Altiplano; lembrei-me das impactantes palavras que estão na grande obra “*Si Me Dejan Hablar*” da escritora boliviana Domitila Barrios, dado que ela foi esposa de um mineiro do local nos anos 60.

No último dia em Oruro, eu não sentia mais a paranoia sibilina latente que me acompanhou até ali, parecia que o fantasma enigmático que havia permeado durante a minha viagem o tempo todo, havia acabado, mas, mesmo assim, antes de eu embarcar para La Paz, eu quis saber o que a vizinha da matriarca da família Orozco havia dito no dia em que cheguei. Então perguntei de novo a eles na hora do almoço.

Disseram-me que eu era muito parecido com um guerrilheiro boliviano da região de Tarija, uma província próxima dali, chamado Benjamin Cruz, mais conhecido como “Benjo”, e que havia desaparecido ou morto há pouco tempo, era considerado a voz dos mineiros, pois também era cantor, tinha barba e vestia um poncho de vicunha vermelho, (o meu pelo menos era de pelo de llama e tinha a cor preto e branco, a qual a matriarca Orozco me disse ser poncho peruano de mulher). Disseram também que “Benjo”, sempre ao terminar sua apresentação, brandia o violão para cima e clamava que o tal instrumento era sua

arma, depois afastava do microfone sendo ovacionado com palmas, ele então voltava e reiterava dizendo: “— *Por ahora!* “. Sua fama corria em toda parte sul da cordilheira. Sua figura, assim como outroos mártires da guerrilha daquela época, eram pessoas barbudas, tal como configurou essa hegemonia dos barbudos exportadores da revolução cubana e, que ainda era marcante na região, mesmo após a morte do guerrilheiro lendário “Che Guevara”, acontecido há mais de uma década, visto que tal estampa não era bem vista pelas famílias por ali, porque tinham medo de sofrerem represálias por parte do governo atual.

Quando eles terminaram o esclarecimento e os relatos dos feitos do mártir Benjamin Cruz, eu liguei os fatos acontecidos: o motivo condutor da paranoia era o meu porte e a minha barba, pois lembrei que não havia ninguém barbudo durante toda viagem até ali, e entendi o porquê dos assombros dos passageiros e a marcante atenção policial que a minha imagem provocou desde quando aproximei do gaúcho no terminal de Resistencia, na Argentina; da conversa interrogativa do agente do governo armado no ônibus e o outro em Salta, o qual me insinuou o fator indutivo, passando a mão no rosto para que eu me cuidasse com a barba e, que eu não havia percebido naquele momento; por último, o suspense coletivo na noite gelada na cantina da cidade La Quiaca e a pergunta sobre meu violão feito na saída pelo índio de poncho.

O esclarecimento da família Ali Orozco me fez ter uma catarse de entendimento realista, afinal, eu transitava no Cone Sul da América, onde as ditaduras estavam em riste desde a Patagônia, estendendo até o Altiplano boliviano, país este que tinha um histórico de vários golpes militares, tanto de esquerda quanto de direita, o tempo todo, e, naqueles idos anos, o clima desses fatos não era diferente. O então presidente que governava, embora fosse um militar de centro chamado Celso Torrelío Villa, às sombras do General “narco-ditador” Garcia Meza de extrema direita, já começava nublar no “firmamento do condor”.

Quando cheguei em La Paz ou Chuquiago, como dizem os bolivianos mais tradicionalista, eram 10 horas da manhã de uma segunda-feira. Telefonei de um orelhão do terminal rodoviário para Davi Lopes, meu amigo boliviano que conheci em São Paulo e que foi funcionário, assim como eu, da extinta FEPASA. Era casado com Elizabete, brasileira, tinha uma filha chamada Melina, nascida no Brasil, nome este em homenagem à uma guerrilheira boliviana anônima já

morta. Foi uma grande alegria encontrar meu amigo Davi, pois havia passado quase um ano quando ele resolveu voltar para o seu país. Sua filhinha já não falava português, com apenas cinco anos era uma “papagaiazinha” fluente em espanhol. Num daqueles dias, tentei conversar com ela para ver se lembrava o idioma português. Ela entendia tudo, mas respondia em espanhol. No segundo dia que eu conversava com ela pela manhã, apareceu, de repente, um cachorrinho da vizinhança dentro de casa, eu então perguntei a ela se ainda lembrava o nome do bichinho em português, ela olhou para mim, sorriu e disse: “— *Cachorro!* “.

Algumas vezes Davi e eu saíamos no final de tarde para ele me fazer conhecer La Paz. Íamos, então, para a periferia da cidade, pois era lá que moravam os verdadeiros nativos do lugar, onde viviam as pessoas de baixa renda. Bebíamos Singani San Pedro, uma aguardente feita de uva, em qualquer “boliche”, para nos aquecer do vento frio, enquanto conversávamos com as pessoas que respondiam as nossas “puxadas de conversa”. Algumas delas respondiam ainda usando a autóctone, saudação quéchua: *ma suwa* (não roube), *ama llulla* (não minta) e *ama quella* (não seja preguiçoso), e, obviamente, eles davam mais atenção ao Davi, porque sabiam que ele era boliviano e visto que... ele não tinha barba. Eu havia contado a ele o episódio patético que passei até chegar em Oruro, ele dava risada a cada etapa dos fatos, depois ele me disse que essa fobia dos índios com pessoas barbudas, não era fato emoldurado recentemente, pois me informou que tal estigma já vem desde a época da invasão da América pelos espanhóis, os quais chegaram pela primeira vez nas costas do continente, precisamente na região da qual hoje é o Peru. Os tais históricos invasores, após terem passado mais de meses navegando, obviamente toda tripulação estava sem se barbear, sendo assim, foi essa a primeira impressão que os nativos tiveram dos brancos europeus quando aportaram na região. Porém, depois das atrocidades praticadas, tais como doenças, estupros, saques, escravidão, etc., o qual engendrou na memória da população invadida tal preconceito à figura do homem de barba, culminando mais tarde com a figura dos padres barbudos e, que foi o maior trauma psico-coletivo generalizado para sua cultura.

Antes de continuar a viagem, faleceu naquela mesma semana um parente próximo da família do Davi, e isso me levou a participar

do velório boliviano, que foi, para mim, uma experiência mais singular e surpreendente, tratando-se de funeral.

Chegamos todos cedo, a maioria trajando roupas pretas, o clima era muito parecido com qualquer velório, mas, ao passar das horas, era oferecido em bandejas folhas de coca para mascar, cigarros para fumar, bebida alcoólica (chicha, cerveja ou Singani) e comida. De modo algum você teria direito de recusar a ingerir uma daquelas coisas servidas, pelo menos uma, teria de ser consumida. Eles disseram para mim que, caso eu recusasse todos os brindes, *o espírito do morto ficaria zangado comigo e que eu não seria uma boa pessoa na comunidade, teria que ser banido*. Diante da imposição cultural sem saída, eu preferi o Singani e, depois, a comida.

Mais tarde, já acompanhando os familiares a caminho do cemitério, o cortejo é igual no Brasil, porém, são contratados vários músicos folclóricos que tocariam na hora de baixar o caixão, um tema folclórico do gênero *vidala*, um solo instrumental de *quena* e *zampoña*, instrumentos de sopro feito de bambu, e o Charango, um pequeno instrumento de cordas feito de carcaça de um bicho chamado Quiriquincho, animal muito parecido ao nosso tatu. O “réquiem” era também acompanhado ao som de violão e bombo leguero. Essa cerimonia já era um costume comum entre eles antes da invasão europeia no século XV.

Na volta do cemitério, os músicos continuaram tocando e cantando em quéchua, em aimará, várias toadas do folclore até chegar de volta à casa da família do morto. Lá começa o baile ao som da *Cueca boliviana* e o *Huaino*, música alegre para dançar, muito usada no carnaval de todo país, gênero que corresponde ao nosso samba.

Na América pré-colombiana, especialmente na Cordilheira dos Andes, os Incas viviam uma harmonia simétrica com os outros povos que hoje são denominados Collas. Na sua cultura musical, só havia três temas específicos e, que cada qual correspondia ao seu estado de espírito. Portanto, quando estavam tristes, tocavam ou cantavam o Yaraví, se estivessem alegres, era executado o Huaino e para enterrar os mortos, a Vidala. Não havia culto empático à idolatria, tampouco à pessoa que morria. O baile pós-morte era um meio de se despedir daquele que se foi desta vida.

No outro dia conversei com Davi a respeito dos sete dias que me deram de permanência no país, mostrei respectivamente o carim-

bo que estava no passaporte, pois já haviam passado seis dias, visto que, eu teria que sair do país, no próximo dia. Fomos, então, naquela mesma manhã, até a Embaixada Brasileira, para ver com o embaixador se ele poderia me dar mais alguns dias de permanência, até que eu pudesse chegar à fronteira, porém, quando chegamos lá, a informação que tivemos pela atendente era de que o embaixador estava em viagem e voltaria na outra semana e, que somente ele tinha o poder de me autorizar tal prorrogação.

Pensando em problemas que eu poderia trazer mim e à família do meu amigo Davi, parti de La paz para Santa Cruz de La Sierra nesse mesmo dia. Embarquei às 8 horas da noite, num ônibus comum, o qual entrou num congestionamento por causa da caminhada de protesto da COB (Central Obrera Boliviana), que reivindicavam queda da inflação, que estava subindo a cada semana.

Desta vez meu acento vizinho, não ficou vazio, pois sentou uma índia muito bonita, mascando folha de coca e rindo à toa. Fomos conversando e, depois, nos ‘pegando’ no escurinho do coletivo, mas tudo acabou de manhã, quando a jovem desembarcou na cidade de Cochabamba, demos um beijo de despedida, que deixou o aroma e o gosto de coca na minha boca por algumas horas. Estava na metade do caminho do meu destino de chegada.

O resto da viagem foi um exercício de paciência, no sobe e desce do ônibus, bailando no relevo do “mar das serrarias dos Andes”, como eles dizem. Já estava me acostumando com tudo aquilo e fiquei contemplando os abismos pela janela do coletivo, era como sempre... quando você pensava que estaria tudo acabado, começa de novo, parece que o veículo está andando em artefato de divertir ratos em gaiolas.

Faltavam poucos minutos para zero hora, quando o ônibus entrou no terminal rodoviário de Santa Cruz de La Sierra. Peguei minhas coisas e fui direto para um hotel ali perto. O dono me atendeu sonolento, dizendo para mim onde era o apartamento que ficava no térreo, me entregando a chave e, dizendo para mim que ficasse tranquilo, que no outro dia ele faria o registro da minha entrada no hotel. Eu ia lhe dizer que meu passaporte estava com data de visto vencida, mas vi pela cara do velho boliviano, que não seria um bom momento para tratar daquele assunto e que, talvez, ele até poderia mudar de ideia e me mandasse embora.

Já me encontrava deitado, quase dormindo, quando ouvi uma explosão de bomba pelas cercanias do hotel e, em seguida um barulho de carros de corpo de bombeiros e polícia. Fiquei quieto, ouvi passos e conversas na entrada do hotel, visto que meu apartamento estava a apenas alguns metros da recepção, mas eu estava muito cansado e adormeci.

No outro dia, logo que passei na recepção para registrar a minha entrada conforme foi combinado com o senhor que me atendeu, ele olhou meu passaporte e viu a data do visto vencido, voltou para mim, coçou a cabeça e começou a sorrir, me dizendo:

— *Usted es un brasileño de suerte.*

Não entendi o porquê ele estava me dizendo aquilo, pedi uma explicação. Então, ele me disse que se ele tivesse registrado a minha entrada na noite passada, eu estaria bem longe dali, por que a explosão que houve na noite passada foi uma carga de dinamite, que a esquerda boliviana atirou dentro do consulado americano na avenida Canhoto e que, imediatamente, a polícia veio ao hotel procurando qualquer estrangeiro clandestino para prender como suspeito para fazê-lo de bode expiatório e, que o único estrangeiro que estava no hotel e ainda com passaporte vencido, era eu. Minha sorte maior, disse ele, foi que, dessa vez, eles se contentaram em só checar a lista de registro dos hóspedes, não conferiram os apartamentos. Após os acertos com o senhor do hotel, o qual ele apenas me aconselhou a ir naquela manhã até o consulado e conseguir uma prorrogação por uma semana, para evitar transtornos, tanto para mim quanto para ele. Dessa vez ele falou sério, me entregando o passaporte.

Saí do hotel, passei num quiosque, onde conheci uma linda *cruzeña*, dona do comércio. Comi *salteñas* e tomei um chá preto com ervas. Procurei saber com a boliviana onde era o consulado brasileiro, ela me explicou certinho, então, me dirigi para lá. O cônsul era um senhor do Nordeste, muito atencioso, porém “enrolão”, porque após eu relatar o fato da madrugada e o alerta do senhor do hotel, obviamente ele sabia do perigo que eu corria por estar clandestino na cidade, após o ataque terrorista. Só disse para que eu ficasse tranquilo, que ele consultaria a embaixada em La Paz para saber se poderia fazer a prorrogação ou me dar um salvo conduto momentâneo e, já dizendo para eu voltar no outro dia no mesmo horário. Não gostei

nada do resultado, mas o que há de fazer? Saí de lá desgostoso, e para não pensar no assunto, caminhei até o centro histórico para conhecer a origem da cidade.

Contei meu dinheiro na carteira e vi que não tinha muito, resolvi colocar prioridades, principalmente com comida e bebida, pois ainda tinha que comprar a passagem aérea para a cidade de San Matias, município que fazia fronteira com Mato Grosso, precisamente com a minha cidade natal, Cáceres.

No outro dia, priorizei as coisas comprando a minha passagem aérea, para embarcar três dias depois, por que era a disponibilidade do voo e do horário para aquela região. Então comecei a “comer para reserva”, até que se resolvesse a minha situação no consulado, que já haviam passado dois dias e o cônsul me enrolando. No terceiro dia, após o almoço, antes do horário marcado do voo, fui para o aeroporto para embarcar e dispensar a “penosa” prorrogação do visto do cônsul, todavia, o voo, no último momento, foi cancelado por causa de chuvas torrenciais na cidade de Robore, onde o avião faria escala. No saguão do aeroporto, todos passageiros também se decepcionaram e, de acordo com os informes oficiais, ficaria para o outro dia no mesmo horário.

Retornei para o mesmo hotel, pois o dono já estava acostumado com esses tipos de problemas, ele já havia me dito que o consulado lá não resolvia nada, porque somente a embaixada em La Paz é que mandava, devido ao regime ditatorial da política do momento, acentuado também pelo narcotráfico e evasão de dólares na fronteira brasileira, esses e outros fatores, haviam se tornado uma celeuma e um problema para o país.

No outro dia o voo também foi suspenso, pois as chuvas continuavam. Então, um brasileiro casado com uma americana e eu resolvemos falar com o diretor do aeroporto sobre nossas situações de passaporte vencido e, que estávamos correndo perigo, a fim de saber se ele poderia nos ajudar, nos mandando direto para a fronteira, isto é, para San Matias, visto que também haviam mais pessoas na mesma situação. O diretor começou a nos destratar e falar um monte de ‘merda’, eu me alterei com ele e o resultado foi a prisão de nós três pela polícia do aeroporto e, imediatamente, fizeram um comunicado ao respectivo consulado.

Depois de algumas horas detido no aeroporto, apareceu um motorista do consulado brasileiro, para levar-nos até o órgão. Chegando lá, eu com mochila e violão e o cônsul nos olhando com cara de reprovação, foi logo dizendo que nós não estávamos no Brasil, para brigar e xingar autoridades em aeroporto. Na hora eu controlei a minha vontade de quebrar o violão ‘na cara daquela almofadinha’ e apenas respondi:

— *Senhor quero te dizer que, quem primeiro xingou e nos destratou lá foi o diretor, e eu não sou homem de aturar desaforo injusto, visto que o senhor é o principal culpado dessa situação, pois se tivesse nos dado a prorrogação ou o salvo conduto, ninguém estaria com pressa para viajar e não teria acontecido nada disso, não é mesmo?*

Naquele momento toca o telefone, a secretária atende, conversa com o interlocutor do outro lado da linha e este pede para falar com o cônsul, que pergunta quem está na linha; ela tampa o fone e diz que era “señor Mario”. O diplomata pede para transferir a ligação. Ele, então, começa a falar em português com a pessoa, numa naturalidade que parecia ter muita intimidade com ele, dizendo que estava despachando e que a noite iria encontrá-lo, comentou sobre mulheres, negócios, depois de alguns minutos de tanta risada e brincadeiras entre eles dois, despediu-se do amigo desligando o telefone. Pediu, em seguida, o passaporte do rapaz brasileiro e anotou o nome, logo após, pediu o meu. Quando ele olhou minha foto e meu sobrenome, comentou:

— *Engraçado! Você é parecido e tem o mesmo sobrenome desse meu amigo que falou comigo agora pelo telefone, ele também é de Cáceres, tem uma grande fazenda aqui em Santa Cruz, você é parente dele?*

Eu não fazia a mínima ideia de quem seria essa tal pessoa, perguntei qual o nome dele, e ele, de pronto, me disse:

— *Mario de Pinho!*

Eu secamente respondi:

— *Ele é meu tio!*

A partir daquele momento, o tratamento comigo mudou completamente. Ele ligou para a embaixada em La Paz, conversou em espanhol, mas que dava para perceber que era um alto escalão da segurança nacional que estava do outro lado da linha, em seguida falou com o aeroporto e disse que estaria em andamento um telegrama ex-

presso pelo departamento das relações exteriores para embarcar todas as pessoas brasileiras para a fronteira. Depois de muitas conversas idiotas e sorrisos amarelos, saímos da embaixada.

Eram quase 5 horas da tarde quando decolamos de Santa Cruz de la Sierra e após mais ou menos uma hora de vôo, chegamos em San Matias.

Tive o privilégio de estar sendo esperado no aeroporto pelo senhor Carlos Veggi, um boliviano casado com uma cacerense chamada Dona Ana Veggi Atalá, que era o então atual prefeito da cidade. Fui para sua casa, pois ele já havia morado em Cáceres, era amigo da minha família. De lá, fomos para um pequeno clube social, ficamos bebendo e conversando, pois havia mais de cinco anos que não o via, sabia que havia se tornado autoridade máxima de San Matias, e que seu filho, Arnaldo Veggi Atalá, era meu amigo em São Paulo. Depois de tomarmos todas, fomos dormir, porque no outro dia eu teria que embarcar cedo para Cáceres.

O ônibus saiu às oito horas da manhã, depois de andar alguns quilômetros chegamos na aduana boliviana da Coricha, que fica há 10km/h do rio Limão e, que do outro lado ficava a aduana brasileira. Ambos departamentos só registravam, naquela época, o nome da pessoa, visto que, a entrada e a saída de pessoas dos dois países em passaporte, só era efetuada em Cáceres, onde locava o consulado boliviano.

Após o ônibus atravessar a ponte do rio Limão, meu instinto de homem dos trópicos me levou até o pequeno boteco, ao lado da aduana e, foi naquele momento que começou a palpitar em mim o som e a letra da música “Guaia Pantanera”, a qual só terminei mais tarde, já em Cuiabá, com participação do parceiro da época, o bondoneonista Marques Carai. É um canto lamento-ecológico que diz assim:

Mato Grosso na “frontera”

Tem “Chiquito” e “Payaguá”

Tem “morena pantanera”

Cacerense e “charopá”.

Mato Grosso na “frontera”

Tem rasqueado e caburé

Tem Coricha e San Matias

Tem Gaiva e Mandiorê.
 E o tempo passou,
 E a vida mudou
 E a rasga-mortalha cantô.
 Na bera do rio
 O mato caiu
 E o “pé-de-garrafa” sumiu.
 Mato Grosso na “frontera”
 Tinha bagre e jacaré,
 Capivara nas “zambuera”
 E “piava chamburé”.
 Mato Grosso no “frontera”
 Resta pouco pra acabar
 Sem floresta o “pai-do-mato”
 Foi pra nunca mais voltar.
 E o tempo passou
 Vinhoto chegou
 E a rasga-mortalha cantou
 Na bera do rio
 O mato caiu
 E o “pé-de-garrafa” sumiu.

Ao entrar no recinto, senti cheiro de peixe frito e, por conseguinte, lá estavam na estufa, duas bandejas, uma com “ventrecha de pacú” e outra com mandioca cozida sem sal. Havia mais de cinco anos que não via aquilo na minha frente. Sentei à mesa e pedi uma pinga com casca de Jatobá... comi praticamente as duas bandejas, sob o olhar risonho do dono do boteco que, curioso, me perguntou se eu era mato-grossense e, eu lhe respondi:

— Mais do que eu, só essas duas coisas — Falei apontando para a mandioca e para o pacu. Ele começou a rir, eu bebi o último gole do amargo e engoli o último pedaço da ventrecha. Era 27 de maio de 1982, estava em Mato Grosso, depois de transitar, por terra, ar e sobre trilhos, no coração da América do Sul.

Capítulo 6

“...ISSO FOI A MELHOR
POESIA DO DIA....”

Quando eu fui morar com as colegas Zuleica Arruda e Vera Bagetti, não esperava ter uma fase da vida tão intensa de criatividade e desenvolvimento artístico/musical e, sobretudo, existencial ao mesmo tempo, pois vivíamos o tempo todo desenvolvendo o autoconhecimento e pesquisando a música em todos os leques sonoros. Elas são pessoas inspiradoras, quem as conhece sabe muito bem do que estou falando.

Certo dia, elas me falaram que o poeta Manoel de Barros estava em Cuiabá e estaria à noite com a gente. Eu havia lido há pouco tempo a sua obra “Livro das Pré-coisas”. Fiquei maravilhado e foi a primeira vez na qual senti de que estava diante de escritos que “ecoavam a minha infância”.

Quando anoiteceu, estávamos todos com o Poeta no famoso “Pycuá” (fala-se Bororo), uma espécie de “chapéu de palha”, que elas haviam construído no quintal da sua casa à beira da piscina; era lá que nos reuníamos todas as noites. Porém, naquela noite em específico, foi muito especial e marcante para minha vida de artista pantaneiro.

Conversávamos com o poeta que estava sempre alegre, tal como ele se manteve a vida toda. Mostrávamos as nossas músicas o qual ele apreciava, comentava algumas coisas, sorria e, num certo momento, por sugestão da Zuleica, pediu-me que cantasse para Manoel a minha única obra, uma poesia que havia escrito de antemão, mas depois eu a musiquei e dei o título de: A Seiva Payaguá. Eis a letra:

Pantanal “frontera” minha
De pitomba e jatobá
“Lavadera, poaiero”
“Carrocero” e “charopá”
Corumbá, Porto Esperança
Paraíso Payaguá
“Canoeros” jamais visto
Fibra verde... “carandá”
Aguapé, vitória-régia
Camalote e Biguá.

“Boiadero fronterizo”
Seiva forte... Payaguá
Moreninha, olhos negros
Capilé, maracujá
Tererê das tardes quentes
Flor morena... Payaguá
Pantanal “frontera” minha
Paraíso Payaguá
Com “A Marcha do Progresso”
Nem sei com vai “ficá”.

Após terminar de cantar, Manoel me olhou e disse, voltando-se para todos os presentes:

— *Você é pantaneiro!*

Fiquei por um breve momento perplexo, pois foi a primeira vez que uma pessoa me diz sobre meu teor antropológico com tanta convicção.

Desse dia em diante tornamo-nos amigos e, quando ele viajava de Campo Grande para para a cidade em que eu estava, sempre nos encontrávamos e conversávamos muito. Certo dia, perguntei a ele, o que o levou naquela noite a afirmar categoricamente ser eu um pantaneiro. Ele, então, voltou o olhar para mim e disse:

— *Quem se importa hoje com carandá? Pitomba? Água-pé? Biguá... —, fez uma breve pausa, olhou para mim e continuou ... que eu saiba são coisa que não serve pra nada e nem pra ninguém, somente eu e você, que ainda valoriza o que as pessoas jogam fora... não é mesmo?*

Naquela hora abriu em minha alma um veio espectral de possibilidades poéticas, percebi que dentro da simplicidade vive a complexibilidade, mas que somente uma alma humilde pode perceber e, que das coisas mais simples, é que jorra a maior poesia.

Quando o poeta Carlos Drumond afirmou, no final dos anos 80, em entrevista antes de morrer, que Manoel de Barros era o maior poeta da atualidade, então a tietagem em torno dele ficou densa e, evidentemente, o seu compromisso com o público *cult* intensificou e, praticamente passei anos sem falar com ele.

Quando foi lançada a obra mais emblemática dele “*Para encontrar o azul eu uso pássaros*”, produção a qual teve como pano de fundo as belíssimas fotos dos fotógrafos Asa Roy e Osmar Onofre e, que tais

profissionais conseguiram captar com precisão genial, a poesia extremamente abstrata e tão dispersa como um esfarelamento de ideias, numa sincronia de imagem que causa uma perplexidade abissal. Vale lembrar também nessa obra o magnífico texto preambular do falecido ex-governador, Dante Martins de Oliveira, que prostrou uma humilde congratulação a obra, ato jamais visto por um chefe de estado no texto inicial intitulado: “Obrigado, poeta”. Foi um testemunho único de um político que zelava pela nossa cultura.

O lançamento foi na antiga sede da Secretaria de Estado de Cultura, onde era o Grande Hotel. Quando entrei no local, lá estava ele, tomando vinho, sorrindo e conversando. Ganhei o livro dele autografado naquela noite e, essa preciosidade está comigo até hoje, às vezes eu releio, quando estou com baixa vibração... Seus poemas são, para mim, um exercício de abstração e de liberdade.

Foi a última vez que estive com ele em vida e, me lembro que naquela mesma noite um repórter de um canal de TV, o qual não me lembro o nome, perguntou a ele, olhando e piscando para mim com cumplicidade, por que não havia “alguém” tocando músicas pantaneiras no lançamento, e, ele, sorrindo, disse:

— *A música atrapalharia o livro e o livro atrapalharia a música.*

Eu e Manoel rimos muito da cara de estranheza que o jornalista fez.

De vez em quando eu ligava para sua casa em Campo Grande e conversávamos, pois ele sempre tomava um Malte no final de tarde, e aí, num certo dia, quando eu havia feito o poema “Interação”, falei com ele sobre o neologismo “pingueira” que usei no poema para dar um sentido maior no tema e, por se tratar de um termo de origem pantaneira, visto que nesse interim, o cantor e compositor Jucelino Dinis, também de Mato Grosso do Sul, estava gravando no estúdio Pineto, aqui em Cuiabá, um chamame de sua autoria com o título “Pingueira do meu Rancho” e, o meu poema “Interação” foi feito para fazer abertura no começo da música.

Ele respondeu que *o neologismo é, na verdade, como o boi “baguá”*. *Todos sabem que ele existe, mas só vai ter nome quando alguém por um laço nele!*

Falar com ele era como estar num mundo de alteração de semânticas o tempo todo, principalmente quando ele já tinha intimidade com a pessoa, porque fora disso, ele era mais calado.

A última vez que falei com ele foi numa sexta-feira, nos idos do mês de setembro, e a temperatura da Capital havia passado a semana beirando os 40°C. Eu havia acabado de conversar sobre o calorão por telefone com minha mãe, que mora em Cáceres, e ela comentou o seguinte:

— *Esse calorão tá detchano a gente estropiado aqui em casa, que nem catchorro murrinhento debatxo da mesa.*

Eu gostei tanto do jeito como ela se expressou, conseguindo resumir e transmutar para uma linguagem própria o estado da sensação térmica que estava acontecendo naquele momento. Foi então que liguei na mesma hora para o Poeta e contei sobre o parecer que a minha mãe havia dito sobre o clima. Ele então me disse:

— *Que coisa linda! Isso foi a melhor poesia do dia... vou guardar meu lápis.... Hoje não escrevo mais nada!*

Capítulo 7

VONTADE DE ESTAR VIVO

Quando a morte nos ronda, descobrimos que a vida é o único milagre e, se esse milagre insistiu e se repetiu em continuar palpitando-nos, temos que considerá-lo como o som de um canto exótico e amigável no escuro e, que o mesmo quer nos fazer ouvir alguma coisa inefável do inédito e seguir caminhando no opaco existir.

Com essa frase e, a qual faz parte da minha próxima obra, eu quis começar a relatar este episódio da minha vida, quando fiquei quatro horas no mundo das sombras da morte na cidade de Reserva do Cabaçal.

Tudo começou em junho de 1991, com o convite do professor/docente Benedito Pinheiro de Campos, da UFMT, o qual propôs que o bandoneonista Marques Carai e eu fôssemos trabalhar no projeto Museestado.

Já havíamos apresentado em vários municípios do Estado, quando fomos fazer a escalada nas cidades do Oeste, dentre elas Rio Branco, Araputanga e Reserva do Cabaçal.

Na noite do evento de Araputanga foi tudo bem, tivemos uma aclamação muito amável do público participante com os alunos das escolas, a população local, foi tudo ótimo. Depois do *show* eu estava me sentindo enjoado, salivando muito e acabei não dormindo direito. Andava bebendo conhaque Domec à noite porque eram dias de outono, e as noites eram mais frescas, mesmo fazendo calor durante o dia, eu tomava uma dose antes do almoço e isso iria ser o fator principal para os próximos acontecimento e também por mudar meu modo de ser com bebidas alcoólicas.

No outro dia, saímos cedo para o pequeno município de Reserva do Cabaçal e, por ser a estrada ainda sem asfalto, fomos chegar na cidade por volta de 11 horas da manhã.

O prefeito local fez questão de fazer um almoço de recepção para a comitiva do Projeto, almoçamos e voltamos para o hotel, por eu estar mal dormido, tentei cochilar um pouco conversando com o colega Marques Carai. A atriz Mara Ferraz e a sua produtora e acompanhante Sandra estavam também no mesmo hotel, visto que

iríamos, como das outras vezes, apresentar o show “Nossas Tradições Numa Noite Cuiabana”, evento esse que já havia se consolidado com o público, pois havíamos lançado numa temporada de dois meses no Hotel Fazenda Mato Grosso.

Em torno de 04 horas da tarde, eu resolvi, junto com Marques, banhar-me nas águas do rio Cabaçal, um riacho cristalino que passa alguns metros do hotel. Chamamos também a Mara e a Sandra e dirigimos para a beira do rio.

Eu e o Marques entramos no riacho e a água estava gelada, senti um impacto, mas continuei buscando um lugar mais fundo para poder mergulhar, mas foi aí que senti uma contorção no estômago e minha última imagem foi eu me afastando da beira do rio, vendo o Marques saindo para a margem, enquanto eu, naquele momento, afundava e era sugado e levado pela correnteza.

Não vi mais nada, perdi a consciência e, depois de algumas horas, comecei a ouvir vozes... aos poucos fui despertando e sentindo que estava vivo numa cama.

Lentamente fui reconhecendo o som das vozes das pessoas e ao abrir totalmente os olhos, vi o rosto da Mara e da Sandra e também do Marques e do “Zorro», apelido do motorista da van. Este, ao ver que eu estava despertando, se propôs a fazer um mate para me reanimar. Eu aceitei e ele logo saiu do quarto, mas rapidamente retornou com a guampa e a chaleira começando a me servir. A atriz Mara Ferraz sentou-se ao meu lado e relatou o que havia acontecido. Segundo ela, quando eu desapareci sugado pelas águas, ela começou a gritar na beira do rio e, naquele momento, ia passando um policial meio bêbado, que perguntou a ela o que houve, e ela conteou-me que chorava e apontava para o rio. Depois de alguns segundos, o policial, ao se inteirar do que estava acontecendo, dado que ele era morador nativo do lugar, disse pra ela acalmar que se o meu corpo entrou no rebojo, sairia perto da pequena cachoeira que ficava uns cinquenta metros dali. Sem dizer mais nada, ele tirou a farda e correu para o local do qual disse que o meu corpo flutuaria. Ficou olhando até que realmente meu corpo apareceu já em direção à cachoeira. Ele, então, pulou no rio e me puxou pelos cabelos, conseguindo me segurar e trazer à margem. Ainda ofegante, disse para Sandra que se eu caísse na cachoeira, dificilmente escaparia

por causa das pedras que se encontravam embaixo e que esse tipo de fato já era muito comum, mas que todos acabavam morrendo por bater com a cabeça nas pedras.

Logo o meu quarto ficou repleto de pessoas, dentre elas o professor Benedito Pinheiro, que, sorrindo, me agradeceu por estar de volta à vida.

Eram quase 8 horas da noite e no Centro de Convivência estavam nos esperando para o nosso *show* da noite. Foi então que o Marques disse:

— *E aí vamos ou não vamos tocar?*

Aquela entonação de voz, como era de costume, me animou eu fiz sinal que sim com a cabeça e o assessor do prefeito, Ezequiel Fonseca (hoje Deputado Estadual) e o professor Benedito saíram para anunciar que o evento iria acontecer.

Terminei de tomar o mate com o Zorro, vesti meu traje negro e junto dos outros colegas rumamos para o Centro de Convivência. O local estava lotado e, ao entrarmos, ouve uma gritaria de saudações, acompanhada de burburinho paralelo do meu lado, dizendo que foi um milagre eu estar ainda vivo.

Comecei a cantar, como era de costume, a música “Canto Guacho”, e depois outras do meu repertório para logo dar a deixa para Mara Ferraz entrar em cena com o humor ribeirinho na personagem Dita; embora ela já tivesse feito aquela performance diversas vezes, aquele dia, além dela improvisar o roteiro de costume, começou a brincar com o acontecimento ocorrido comigo algumas horas antes. Ela falava e olhava para mim, como se eu fosse uma criança ribeirinha o qual a mãe sempre está alertando com os perigos do rio.

Dizia ela mais ou menos assim:

— *Viu guri teimoso! Quantas vez eu djá te falei pra não nadá perto de rebodjo, mas ocê é mal ovido né guri e se Gonçalo (referindo ao policial que me salvou) não tivesse ali ...hummm!!! ocê djá tava essas horas lá no salão dos bagres, né chomano!*

A plateia se divertia e eu não conseguia acompanhar as emoções do *show*, na minha cabeça havia uma plenitude de uma mistura de perplexidade e mistério, como se fosse um cantarolar de sons de algures, o qual nunca consegui experimentar nesta vida, emergência

como faísca de uma fogueira, velhas imagens de pequenas lembranças de situações de amor, sexo, risadas etc.

Foi um instante único naquela noite, porque até hoje ainda paira uma dúvida em minha consciência: *“se todo aquele público que estava lá foi por causa do nosso show ou eles foram lá para ter certeza de que eu havia sobrevivido ao afogamento?”*

Não sei a resposta...a existência é um fio tênue sobrecarregado de nossas emoções e constantemente ameaçado por uma abissal sombra ameaçadora de perigos. Isso que nos torna humanos e nos faz seguir em frente, mesmo não sabendo o porquê da nossa frenética existência.... Estamos vivos! Mas morrendo de curiosidade para entender de onde vem a luminescência do opaco existir...

Capítulo 8

RUA DO RASQUEADO
– A HISTÓRIA OFICIAL

Era um Domingo cuiabano comum, tarde ensolarada no mês maio de 1992, o local chamado “Só na Gaita”, um espaço bifuncional de propriedade do senhor Wizer, situado na rua Treze de julho, até hoje não fiquei sabendo porquê o lugar tinha esse nome, mas durante a semana, funcionava uma mecânica de reparos de carro, somente aos finais de semana virava encontro de pagodeiros e afins.

O Pagode e o Axé Music eram os sons do momento, grandes grupos nacionais como Raça Negra, Só Pra Contrariar, Fundo de Quintal e, os grandes vocalistas baianos como Daniela Mercury, Netinho, Chiclete com Banana etc. balançava os grandes programas de TV, bem como todos os espaços de *shows* no país inteiro.

Em Cuiabá não era diferente, só para citar alguns grupos regionais que atuavam na cidade, os quais seguiam essa onda dos pagodeiros de bandas nacional: Pura Raça, Cuiabá Samba Show, Legislativos do Samba, Sambatuque, Karadogol, Esquina do Pagode, Beco do Pagode, Tempero do Samba, Sambrasil, Unidos do Samba e tantos outros, porém, o mais articulado de todos era comandado por uma das maiores vozes do samba da Capital, Edinho Cuiabano e o grupo Visual, que contava com outros grandes vocalistas, como Bia Borel, Gil Moreno e Joacir. Eram “as feras” que se encontravam naqueles idos anos todo os finais de semana no “Só na Gaita”, para fazer a domingueira do pagode.

Eu já sabia que todo Domingo havia um circuito de pagodes em Cuiabá e, que cada um começava num horário. Ao meio-dia, no bairro do CPA, às 15h, no bairro Cophamil e, no finalzinho da tarde, fechava-se o circuito no “Só na Gaita”, que ficava até meia noite.

Eu chegava lá em torno das 17h30, para conseguir me sentar, visto que depois que o Edinho Cuiabano começava a cantar, o local ficava superlotado e, como eu nunca fui dançarino, chegava cedo, pedia uma bebida e tomava conta logo de uma das poucas mesas que havia no local, para depois agregar pessoas amigas que chegavam e não encontravam mais mesa. Com isso, eu assegurava com elas, para guardar minha cadeira, na hora de ir ao banheiro, dado que, quando

voltava, sempre já havia uma outra pessoa sentada na sua cadeira.

É que a maioria das pessoas iam lá para se divertir, para sambar mesmo! Eram jovens cheios de energia e o pagode era o ápice musical dançante do momento.

Eu observei o circuito do pagode aos Domingos em Cuiabá durante uns seis meses, mesmo andando de ônibus para chegar nos locais e, depois de certo tempo, verifiquei que alguns dos vocalistas que citei anteriormente insinuavam cantando alguns rasqueados, mas não segurava o repertório por muito tempo, como diz o dito popular: “faziam voo de galinha”, porque não passava de três, no máximo cinco músicas e já paravam. Os dançarinos, por sua vez, olhavam um para cara do outro, como se estivesse perguntando: “por que parou? ... parou por quê? ”, mas eles não davam atenção ao público, e voltavam ao repertório do pagode, ou melhor, na onda que a mídia mandava.

Quem mais demonstrou conhecimento de repertório de rasqueado foi o cantor Edinho Cuiabano e o grupo Visual, que fazia um tempo de vinte minutos e, mesmo assim, as pessoas reclamavam com ele.

Foi perante esses acontecimentos que ficou claro para mim que era o momento crucial para fazer o resgate cultural da nossa tradicional dança popular urbana: O Rasqueado Cuiabano.

No segundo semestre daquele mesmo ano, o músico e professor Neurozito Figueiredo Barbosa havia inaugurado um bar de música ao vivo na avenida Miguel Sutil, chamado Mirante Bar, no bairro Santa Helena, buscando um espaço para a MPB na noite cuiabana e, que tal estilo musical, já estava começando a ficar escasso. Ele queria também lançar a banda Sangue Latino, que havia montado com seus filhos.

Certo dia, uma amiga de campanha política, Maria das Graça Campos, me ligou para marcarmos uma conversa no espaço do Neurozito, dizendo-me que a professora Therezinha Arruda, havia pedido a ela para me entrevistar, pois o seu sobrinho, o grande Dante Martins de Oliveira, estava de novo começando sua campanha para prefeito de Cuiabá e, pretendia, caso fosse eleito, promover melhor a Secretaria Municipal de Cultura, a qual ele havia criado na sua primeira gestão e que, na minha opinião, ou proposta para o tal

empreendimento, naquele momento, era muito importante para o avanço da cultura na Capital. Para quem não sabe, esse órgão está situado no Coxipó, onde também faz parte o Espaço Silva Freire.

Cheguei lá às 09 da noite, ela estava me esperando tomando sua cervejinha, com uma agenda e uma caneta na mesa. Conversamos sobre a campanha, dado que já éramos companheiros de outras campanhas, como a do próprio Dante, para prefeito em 1985, que foi eleito com quase 80% de votos, sobre seu adversário Gabriel Novis Neve, mas que depois de eleito, atendendo o convite do ex-presidente José Sarney, renunciou para ser Ministro da Reforma Agrária.

O que aconteceu naquela mesa, naquela noite, foi o início estratégico de uma mudança radical para a cultura musical em Cuiabá e, que iria mudar o entretenimento da noite cuiabana para sempre. Quando ela me perguntou o que seria de suma importância para a cultura musical da cidade, eu respondi sem pestanejar:

— *A Rua do Rasqueado, um projeto para resgatar a nossa dança popular, a qual está desaparecendo, sendo engolida pela onda do pagode carioca e pelo vanerão dos gaúchos. Visto que essa outra dança também já está tomando conta das noites na Baixada Cuiabana. Tudo isso, Maria... É por causa das diversas rádios do interior, que só tocam pagode e vanerão, promovendo somente esses dois gêneros.*

— Só isso Guapo! — Disse ela, num tom ainda meio inseguro, mesmo depois de ter ouvido a minha contundente justificativa. Ela sorriu, anotou e logo perguntou se eu teria uma outra proposta.

Eu lhe respondi que a outra era muito faraônica e que apostaria que nunca seria feito, mas, mesmo assim, ela insistiu em saber, então eu disse:

— Um Teatro Municipal! Po que Cuiabá é uma cidade centenária e não tem um Teatro Municipal, tão comum em outras capitais do país.

Vieram as eleições e Dante de Oliveira ganhou fácil de outros candidatos. No ano seguinte, depois do carnaval, Maria das Graça me ligou, dizendo que o Secretário Municipal de Cultura, o então poeta Moises Martins, queria conversar comigo a respeito da minha proposta, a qual foi reconhecido pelo novo Secretário como assunto de alta relevância.

Notei de cara que o órgão havia sido ocupado por grandes

pessoas que tinham vínculo moral e, sobretudo, consciência da importância da cultura, pois estavam fazendo parte do novo “*staff*”, além do poeta Moises, o jornalista Waldemir Felix, como Diretor de Ação Cultural, Benedito Donizeti de Moraes (Pescuma), como o Assessor Cultural, e também os grandes atores Justino Astrevo (Lau) e Lourivaldo Rodrigues Amorim, bem como o ex-vereador Aurélio Augusto, Antonieta Luiza da Costa e Edvandes Pinto de França, estes dois últimos representavam a cultura afro.

Após a conversa, ficou acordado que eu faria o projeto para ser apreciado pelo novo *staff*, caso todos concordassem, a proposta seria encaminhada à prefeitura.

Voltei para casa, esbocei o projeto no mesmo dia, mas só levei lá na outra semana. De cara, foi impossibilitado, pois o orçamento estava aquém do esperado. O Secretário Moises foi enfático, dizendo que eu teria que arrumar patrocínio para, pelo menos, a metade do valor total.

Voltei para casa, meio indignado e, fiquei a semana inteira numa expectativa buscando a solução para o embargo, pois já estávamos na metade da quinzena do mês de março de 1993 e, a proposta do projeto era para ser lançada na semana do aniversário da cidade, ou melhor, no dia 8 de abril.

Na terça-feira da outra semana, o jornalista Waldemir Felix me disse que a Secretaria pretendia lançar o projeto, pois era importante para o aniversário de Cuiabá, porém, teria que ser alterado, ao invés de ser semanal, seria quinzenal. Não concordei muito com a nova proposta, mas achei importante começar assim mesmo.

No dia 1º de abril, o jornal Diário de Cuiabá informou sobre o projeto e anexou uma entrevista minha dizendo os propósitos do evento, também divulgaram todo objetivo e metodologia que seria aplicada, e que seria lançado o primeiro evento no dia 5, que seria a próxima segunda-feira, visto que dia 8 era feriado por causa da data do aniversário da cidade e, obviamente, a Secretaria estaria fechada. Todavia, informando que os próximos eventos seriam às quintas-feiras. Não poderiam ser às sextas-feiras, porque já havia um outro projeto da gestão anterior acontecendo há dois anos no centro histórico, chamado “Sexta-feira na Praça”, que contemplava todos os gêneros musicais, promovido pelo grande colega e amigo Clau-

demir (Baiano). Por causa disso, e respeitando o colega, não busquei a realização do evento em praça e também optei em fazer às quintas-feiras. Acomodei o evento na rua Cândido Mariano, esquina com a rua Ricardo Franco (calçadão), e negocie apoio logístico, tais como banheiros, atendimento ao consumo de bebidas, ligação de cabo de eletricidade etc., com o único bar da rua chamado Hora Extra, do meu grande amigo Josemar de Araújo Sobrinho, conhecido como Tenente, no qual tem parte especial nesta história.

No dia do primeiro evento, toda a imprensa estava lá, porque o prefeito Dante de Oliveira e o secretário Moises Martins, se fizeram presentes, fazendo o lançamento oficial. O evento foi um sucesso de cara, a banda antológica Requeng foi a primeira a se apresentar. O outro convidado foi Bolinha, que não pôde comparecer devido a outro compromisso seu o qual foi mudado a data e o horário em cima da hora, coincidindo com a do evento. Desconsiderando todos esses e outros contratemplos, tudo deu certo, pois antes de encerrar, já havia acabado todo estoque de peixe frito e cervejas do bar Hora Extra, bem como dos vendedores ambulantes que aproveitaram e “fizeram a festa”.

Quinze dias depois, fiz o segundo evento e o aglomerado de público foi maior, o Bar precisou que contratar mais ajudantes e aumentar o estoque de bebidas, mesas e cadeiras.

No terceiro evento, a Secretaria pediu uma reunião comigo, para dizer que teria que parar o projeto, devido as circunstâncias econômicas. Conversamos e propusemos mandar uma proposta para a Cervejaria Cuiabana, e graças ao então senhor José Carlos, diretor comercial da revendedora Dinâmica da época, e, também, à articulação do Pescuma e do Waldemir Felix, o diretor abraçou o projeto e foi oficializado e acordado o apoio do Josemar, proprietário do bar Hora Extra. Além do tri-acordo, tive um acerto com o então secretário de Viação e Obras Públicas da época, Wilson Santos, que se comprometeu mandar para o local dois módulos de palco, toda semana. Tudo certo, daí para a frente os eventos seguiram sem interrupção todas às quintas-feiras.

Nos próximos meses, surgiu outro problema: a carência de bandas de rasqueado. Eu só sabia da existência de bandas, além do Requeng, da banda do Bolinha, dos Maninhos do Som e dos Cinco

Morenos e, obviamente, todos já haviam sido contratados. Foi então que entrou na história a figura mais importante para a continuação do projeto. O meu finado amigo Ivo Moraes, mais conhecido como Ivo Joia, por ser ele o maior joalheiro do centro da cidade. Cuiabano nativo, boêmio, compositor um dos frequentadores assíduos do evento. Numa conversa com ele, expus a minha dificuldade em relação à necessidade de participação de outras bandas, dado que, eu não conhecia todas as bandas atuantes nas noites da Baixada Cuiabana, já ele era categórico, acompanhava as festas na Baixada todos os finais de semana e, então, me apresentou o senhor Cecílio, líder da banda Big Son, muito conhecida no meio, mas que havia trocado de nome, porque havia um novo vocalista e compositor, chamado Hamilton Lobo, músico que tornou-se lendário na história do resgate do rasqueado na época dos eventos. Embora nascido no Pará, já havia muito tempo que morava em Várzea Grande. A banda Big Son passou a se chamar Banda Signus, era e ainda é uma corporação musical formada por músicos componentes da mesma família. Tais como eram na época, as bandas França, Scott Son, Os Maninhos, Grupo Tradição, Conjunto Maravilha etc. Todas elas foram imprescindíveis para a gênese do projeto e fizeram parte substancial das quintas-feiras. Mesmo assim, eram poucas, então continuei a contratar bandas de pagodes, interpolando para não parar o evento, tal como o Edinho Cuiabano e Grupo Visual, Beco do Pagode, Legislativo do Samba, todavia, acertando com eles para que cantassem mais rasqueados. Isso fez com que muitas composições antigas, como *Leverger*, *Não Sou da Redondeza*, *As Meninas da Cidade*, *Menina vô te conta*, *Siriema*, *Percorrendo Mato Grosso* etc., comesse a ecoar de novo na boca dos novos cantores naquela esquina histórica. Algumas músicas eram de domínio público, porém, esquecidas, quanto aos temas instrumentais como Quilombinho, Tanque do Baú, Pititi Patata, Lambari na Cuia, Cuiabaninho, Chifrando Vento etc., também emergiram no repertório das bandas.

Um dos pontos mais importante nesse resgate foram os comentários sobre a musicalidade e a vida desses grandes mestres, através de textos que eu havia pesquisado os escritos. Com isso, eu também usava para atrair a imprensa e trazia esses escritos para serem relatados na hora da execução das respectivas obras, as quais estavam guardadas há muito tempo e que ora estavam voltando à tona, como a dos mes-

tres Ignácio, Albertino, Honório Simarinho, Vicente dos Santos, Tote Garcia, José Agnelo e tantos outros.

Muitos jornalistas e imprensas locais, tiveram um papel substancial na divulgação inicial do projeto, tal como a TV-Centro América, que divulgava a minha programação toda às quintas-feiras no M-TV 1ª Edição, bem como, a Brasil-Oeste, ambas faziam cobertura no local e, com isso, as bandas que só tocavam na Baixada, começaram a ser promovidas na Capital. Importante lembrar que a antiga Rádio Cultura de Cuiabá era do senhor Fauzer e foi muito importante na divulgação do evento. Eu me lembro do saudoso William Gomes, quando me via chegando toda as quintas-feiras pela manhã no seu programa *“Com a Cara e a Coragem”*, programa matutino e líder de audiência naquele tempo. Quando o William Gomes me via entrando no estúdio da Rádio, ele ia anunciando no seu modo peculiar dizendo assim:

— *Djá vem Guapo matracá chuá programação!*

Ele dava risada e em seguida fazia sinal para o técnico, o grande DJ Pelezinho, que executava vários rasqueados gravados ao vivo da antológica banda Requeng em fita de vinil, visto que não havia gravação nova de rasqueado em disco, além da Dupla Henrique e Claudinho, Nardinho, Conjunto Serenata e Benjamim Ribeiro. É importante registrar que alguns anos antes de eu começar o projeto, precisamente em 1988, a dupla Henrique e Claudinho já havia gravado ainda em disco de vinil e feito grande sucesso com a obra *“Cuiabá... Cuiabá”*, do compositor Roberto Lucialdo, e também *“Moreninha Cuiabana”*, das compositoras Zuleica Arruda e Vera Bagetti. Tudo se passou 5 anos antes, quando havia a famosa boate Panacéia, a qual sempre aos sábados à noite, sob o comando dos irmãos Balú e Edmilson Eid, o rasqueado era apreciado pela elite cultural cuiabana que frequentava a danceteria e a Dupla embalava a noite cuiabana com várias músicas, tanto de compositores novos, quanto dos já falecidos e alguns de domínio público. Não havia nenhum local na cidade onde pudesse dançar o rasqueado, tampouco havia tido projeto popular para o povão e que, *constitucionalmente é um direito fundamentado na recém-criada Nova Constituição de 1988*. A casa funcionou até meados dos anos 90, e devido a morte de um dos irmãos incentivadores, fechou.

Devo agradecer também a imprensa escrita e as reportagens de grandes jornalistas como Elza Lima, Maria Barbant, Rita Comini, João Bosquo Cartola e Doralice de Matos do Diário de Cuiabá, esta última, por sua vez, escreveu um apanhado antropológico muito especial do que estava acontecendo no processo social do evento, quando intitulou na página do suplemento cultural o DC Ilustrado *“Artista e Povo: hora e lugar certo”*.

Tivemos grandes momentos *“naquela esquina”*, principalmente de artistas que estavam visitando a cidade, tal como o cantor Orlando Brito de Campo Grande e a grande figura do carnaval carioca, o *‘nada mais nada menos’* que o lendário dossiê carnavalesco já falecido, Joãozinho Trinta.

Quando chegou no final de 1993, fiz uma enquete e percebi que os frequentadores do evento não queriam que eu parasse. Quanto à Secretaria Municipal de Cultura, todos sabem que os governos encerram o exercício contábil em outubro e, obviamente, todos os convênios tem que parar em dezembro, quando entram em recesso coletivo. Mediante isso, fui conversar com o gerente de venda da Cervejaria Cuiabana, Jose Carlos, e ele, de imediato, topou em dar continuidade comigo, e garantiria o apoio em até 50%, desde que fosse em outro lugar, ali mesmo no centro, mas que fosse um local coberto, visto que já estava chegando as chuvas de verão.

Falei então com o senhor Batista, proprietário do restaurante Chopp Estrela, restaurante este que ficava na esquina das ruas Pedro Celestino e Voluntários da Pátria. Negociamos com ele a realização do evento todas às quintas-feiras até o mês de abril do ano seguinte.

Tudo acertado na a parte financeira e o local, encontrei-me de novo na *‘sinuca de bico’*: eu não poderia usar o nome do projeto Rua do Rasqueado, devido ao contrato de continuidade com a Secretaria Municipal, para o próximo ano. Conclusão: falei com os jornalistas e a imprensa local, expliquei o problema, dizendo que o evento iria ser em outro local, devido as chuvas, mas que iria chamar *“Tchinfrim Cuiabano”*.

Na primeira semana foi meio devagar, mas, na segunda, já lotou e o jornal A Gazeta noticiou assim: *“Tchinfrim Cuiabano agita a cidade”*, uma bela reportagem da grande jornalista Maria Barbant, no Caderno Vida da competente Rita Comini.

Nesse tempo, eu tinha uma namorada chamada Josete Noleto de Barros (Jô) e ela foi a única pessoa que me ajudou durante esses seis meses do evento. Estava desempregada e eu precisava exatamente de uma pessoa segura, de confiança, para a venda das bebidas. Seria ela, sem dúvida. Josete foi uma grande mulher na minha vida, tinha uma dignidade e uma percepção fora do comum. Hoje, embora esteja morando fora do país, ainda nos comunicamos. Quanto ao proprietário Batista e esposa, pessoas trabalhadoras, cuidavam da distribuição das bebidas e fazia o *beef* pantaneiro que eu havia ensinado a eles e que seria o único “tira-gosto” para ser oferecido durante o evento. A equipe era eficiente, pois o dinheiro para pagar todas as despesas teria que sair da venda de cerveja e outras bebidas, conforme o entendimento com os patrocinadores, dado que eu não poderia cobrar entradas das pessoas.

O “Tchinfrim Cuiabano” não parou em abril, como foi premeditado; não houve empenho por parte da Secretária em começar de novo o projeto Rua do Rasqueado na semana do aniversário da cidade. Jô e eu seguimos em frente até o começo de julho, quando decidimos parar. Resolvi dar um tempo para mim e para os outros que participaram da empreitada e, que faço questão de enfatizar seus nomes nesta história: além da Jô, do Batista e sua esposa, o técnico Diokleber dono da Kleberon e iluminação e sua equipe, bem como do seu irmão, o baterista Denilson, os quais foram pessoas fundamentais nessa empreitada. Senti a falta deles quando não quiseram continuar trabalhando comigo, na volta do projeto no segundo semestre, para o local original ou melhor, o Calçadão.

Naquele ano, o resgate do rasqueado como dança popular da noite cuiabana já havia se consumado, como conta a reportagem da Maria Barbam do Caderno Vida do jornal A Gazeta do dia 29 de junho de 1994. Ela comenta que as bandas de pagode citadas no começo desta história haviam colocado o rasqueado no repertório, porque só assim conseguiam se manter na “velha nova onda”.

Várias bandas de rasqueados nasceram turbinadas pelo Projeto, assim como novas músicas, novos cantores e compositores, tais como a banda Ventrecha de Pacú, liderada pelo ex-assessor cultural da Secretaria, o então compositor Pescuma e o saxofonista Bolina. A banda Verão, do cantor Rodrigo (neto do compositor cuiabano José Agnelo), a Jú Bahiana e o Joãozinho do Cavaco (filho do músico Luis

Marinho e neto do compositor João Marinho da Fonseca). A banda Viola Cocho, do grande compositor e vocalista Roberto Lucialdo, a Banda Pó de Guaraná, que era comandada pelo já falecido Chiquinho do Trombone e o trompetista Wesley Bigode, que mais tarde foi o criador da banda Mega Boys. *Porém, quero destacar a Banda Pó de Guaraná, que era também composta pelo baterista Diego Queiroz (hoje líder da banda Os Amigos) e a saxofonista Deise Carvalho (neta do maestro/compositor Luis Cândido, autor do Hino de Cuiabá). O naipe de sopro dessa banda (Chiquinho, Deise e Wesley) foram os primeiros músicos que participaram da produção do meu primeiro CD—Pantanal... Branco e Preto, gravado em São Paulo.*

Foram tantos artistas e bandas que surgiram na virada do ano que é muito difícil lembrar e descrever hoje sobre todos eles. O mais importante foi o resultado do resgate, visto que na metade do ano de 1994, o rasqueado tocava em todas emissoras da Capital e do interior do estado.

Comecei, então, a terceira etapa do Projeto em agosto, como foi registrado pelo jornal A Gazeta do dia 17 daquele mês. Após uma reunião de novos acertos com a gerência da Cervejaria Cuiabana, na qual estiveram o proprietário do Bar Hora Extra, o senhor Josemar A. Sobrinho, o Secretário Municipal de Cultura Moises Mendes Martins, bem como o gerente geral de operações da vendedora Dinâmica, o senhor Jânio Ferreira, que enfatizou a importância da cultura para a sociedade e congratulou a mim e a Secretaria Municipal pelo projeto, dando seu maior apoio.

O evento já havia se consolidado na população, as bandas tradicionais já estavam sendo contratadas para vários eventos nos finais de semana, tanto na Capital quanto nos outros municípios. O Bar Hora Extra já estava ficando pequeno pela demanda de pessoas de todos os níveis nas quintas-feiras, as TVs estavam sempre presentes fazendo cobertura. Vários artistas de renome nacional apareciam por lá para ver e conhecer de perto a legítima música e dança popular da terra. Acontecia também naqueles idos dias, a chegada do telefone celular em Cuiabá.

Essa efervescência provocou também um “efeito colateral” num colégio privado, que funcionava numa galeria do calçadão. Certo dia, fui chamado pela diretora para conversar sobre o assunto,

a qual disse-me que *toda quinta-feira, após às 20 horas, nenhum aluno queria mais estudar, porque escutavam as bandas tocando e ficavam dançando no meio da sala de aula*. Ela queria saber pela minha boca, quando ia acabar os eventos, porque eu estava infringindo a lei constitucional, fazendo evento a menos de 500 metros da área da escola. Eu disse a ela que iria baixar um pouco o som, mas que o calendário do evento iria até dezembro, era o contrato que eu tinha com a Prefeitura. Ela disse, então, que iria me processar; não respondi nada, apenas despedi e saí da sala. A conclusão foi que nunca recebi tal processo.

No final do ano, coloquei no palco pela primeira vez uma dupla sertaneja de adolescente, eram Anselmo e Rafael, lembro-me que o Rafael ainda cantava com o agudo de menino, pois a puberdade não havia chegado na sua vozinha, mas que já demonstrava a vocação de artista. Recebi, também naquele mês, um convite inusitado pelo então diretor da antiga TV Manchete, Marcos Schechtman, para participar da minissérie “A Lenda”, o qual contava também com vários artistas da área de arte cênica regional, tais como Luis Carlos Ribeiro, Liu Arruda, Mara Ferraz, Lúcia Palma e tantos outros.

Fechei o último evento com as bandas Requeng e Signus, porém a música “Rebuça e Tchuça” do compositor e cantor paraense Hamilton Lobo, já fazia grande sucesso nas rádios, na voz da dupla Henrique e Claudinho. O encerramento foi uma noite com participação popular de vários artistas, um estrondoso bailão de rasqueado na esquina histórica do projeto que terminou meia noite.

Em janeiro de 1995 fui para São Paulo gravar o meu primeiro CD–Pantanal... Branco e Preto. Antes, conversei sobre a continuidade do projeto para o próximo ano, mas o secretário Moisés Martins não me deu segurança para dar continuidade; agradeci ele e toda a equipe da Secretaria Municipal pelo êxito do projeto e, então, fui cuidar da gravação das minhas músicas, por conta própria, sem nenhum apoio significativo para a produção. Lembro-me que a vereadora, que estava presidente da Câmara de Cuiabá, a então senhora Beatriz Spinelli (Bia), foi quem me ajudou com as passagens de ônibus para São Paulo, pois estava levando comigo o trombonista Chico Bezerra, a saxofonista Deise Carvalho, o trompetista Wesley “Bigode” e o baixista Fidel Fiori.

O rasqueado já havia se consolidado nos corações e mente

da população cuiabana. Vários eventos surgiram nesse interim da minha ausência, aproveitando a auréola do meu projeto, tais como Encantação Mato Grosso I, II, III e IV, das minhas queridas e eternas colegas Zuleica Arruda e Vera Bagetti, o qual eu participei em quase todos.

Quanto ao megaevento Rasq`Art I e II realizados pela produtora de eventos Regina Kaiser, a qual nunca me convidou para participar de nenhum, porém agradeço somente ao colega Roberto Lucialdo, que foi um dos convidados dela e, que o mesmo vendo a falta de consideração e injustiça por parte dela, me convidou para a subir no palco no seu *show*, o qual cantamos juntos para um público de mais de 30 mil pessoas na Avenida Mato Grosso.

A consolidação maior resultante de respaldo do meu projeto Rua do Rasqueado, mediante a todos esses eventos foi “A Grande Noite do Rasqueado Cuiabano”, *show* e gravação ao vivo no palco da praça de eventos do bairro Morada da Serra, promovido pela gravadora Atração. Esse acontecimento único gerou um CD homônimo com quase todos os artistas do momento, somente Zuleica, Vera e eu ficamos fora de novo. Primeiro porque não fomos convidados pelos organizadores, segundo porque a maioria dos promotores de eventos de Cuiabá sempre foram carreiristas e só pensavam em ganhar dinheiro, e, pior que isso, era a discriminação deles com os verdadeiros artistas da terra. Eram pessoas falsas, sem consciência cultural, tampouco consideração com quem criou o movimento, diferente do que acontece hoje na Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, onde os personagens lendários dos movimentos culturais são venerados e carregados pelos novos artistas nos grandes eventos todos os anos. Aqui sempre foi um querendo derrubar o outro, uma falta de respeito geral, acham que nós, legítimos artistas da terra, temos que fazer referência a eles, que não passam de aventureiros que não deram certo nas suas regiões e vieram para Mato Grosso. Mas o que concluí sobre tudo isso, foi apenas uma verdade: *Se não fosse o projeto Rua do Rasqueado, eles nunca seriam o que são hoje*.

As rádios da Capital e da Baixada tocaram o rasqueado até 1997 e, no ano seguinte, começaram a cobrar propina dos artistas, obviamente, nenhum músico ganhava o suficiente para pagar o suborno que eles queriam e a conclusão foi que pararam de vez de executar a produção musical regional nas maiores rádios da Capi-

tal. Com isso, posso afirmar que o meu trabalho de resgate poderia ter sido maior e mais completo, se não fosse a ação nefasta desse inimigo da história da música de Mato Grosso, as grandes emissoras de rádio da Capital e do interior do Estado.

Mediante esse quadro injusto que se formou contra a nossa música, o legislativo reage e olha com atenção o movimento transformador que o meu projeto fez e a promoção que a música regional provocou e transformou substancialmente a noite cuiabana nos últimos anos em todo Estado, o então ex-deputado José Geraldo Riva aprova o Projeto de Lei n. 7.070, de 07 de dezembro de 1998, o qual é imediatamente sancionado pelo governador Dante de Oliveira, *tornado-se obrigatória a execução de 20% de música regional na programação radiofônica em todo Estado*. Fato que não foi cumprido até hoje.

Outro fator importante aconteceu também, no começo deste milênio. O dia 7 de abril tornou-se o *Dia Estadual do Rasqueado* com empenho e criação do ex-Deputado Estadual Roberto Nunes, por meio do Projeto de Lei n. 7.383, de 27 de dezembro de 2000.

Quando estive com Roberto Nunes e perguntei o porquê daquela data, ele respondeu que *“foi cogitada e intencional... Para que a festa da comemoração do aniversário de Cuiabá começasse um dia antes”*. Achei ótimo...isso é ser cuiabano!

Em 2004, após nove anos sem fazer nenhuma temporada do evento, acarretado por várias vicissitudes e, obviamente, por falta de interesse por parte de agentes impróprios colocados nos órgãos de cultura. Mas, nesse interim, fui convidado pelo ex-secretário de cultura do município, Justino Astrevo, para dar continuidade no projeto, visto que a depreciação por parte do meio radiofônico da capital havia excluído totalmente da sua programação toda a produção musical regional, em especial o rasqueado e o lambadão, que também já estava em voga nas noites cuiabana. O dia 7 de abril (dia do rasqueado) coincidiu cair numa quinta-feira daquele mesmo ano, então eu comecei a 3ª temporada do projeto na Praça do Museu do Rio, no bairro do Porto (apenas por questão de lançamento), para, logo em seguida, se fixar na Praça Caetano Albuquerque, no Calçadão do centro histórico. A volta foi uma apoteose, pois toda quinta-feira reunia mais de 800 pessoas de todas as camadas sociais e idades, além de turistas nacionais e estrangeiros, sendo que a maioria eram

pessoas de baixa renda e que não tinham dinheiro para pagar dance-teria, e constitucionalmente sabemos, que eles têm direito à cultura e lazer.

Foi um começo já contando com a nova dança: O lambadão. Um advento musical, oriundo da velha lambada paraense, que ficou cultuada na Baixada, por causa do seu criador, o cantor e compositor paraense Pinduca e seu parceiro Mestre Vieira. Segundo contam, Pinduca passava meses com os músicos da região nos anos 80, como atesta o músico Valdecir da Banda Signus. Isso fez com que alguns músicos aprendessem o ritmo na íntegra, como aconteceu com a própria Signus e a Requeng, as quais eram bandas mais notórias naquela época, enquanto que outros, por dificuldade técnica, desenvolveram uma *“caricatura da lambada”*, que, mais tarde, foi dar origem ao lambadão.

Eu vejo esse episódio como um momento de reflexão histórica para a tendência antropológica que teve com o advento do lambadão na noite cuiabana. Porque até então, sabemos que o rasqueado na sua formação carrega na sua força de expressão a pegada acentuada da polca paraguaia e o siriri; quanto ao lambadão, tem a pegada da musicalidade amazônica, completamente diferente do rasqueado.

Contudo, é incontestável e historicamente real que somente com o auge do meu projeto é que essa nova música e dança começou a aparecer nas noites cuiabanas, ganhando notável popularidade, dado que, por questão de ser uma música de fácil execução (a maioria das músicas usa somente dois acordes para ser tocada) e, além de também ser notória a falta de consciência cultural da maioria dos músicos, tanto da Capital quanto da Baixada Cuiabana, os quais, empolgados com a nova música, decidiram diminuir a execução do rasqueado nos bailes em detrimento dela. Obviamente, em 2004, precisei fazer novo resgate, dando preferência às bandas que executassem mais rasqueado.

Nesse interim, o evento foi agraciado com um projeto de arte plástica, intitulado *Rasqueado é Coisa Nossa*, idealizado pela produtora cultural Ana Angélica. Esse novo implemento foi muito bem-vindo. Começou no dia 5 de agosto, data esta que também foi marcada pela visita do Sr. José Neinstein, adido cultural Brasil/ Estados Unidos, o qual observou e considerou o rasqueado dizendo: *“...uma musica que tanto os que tocam (músicos), quanto os que dançam (público)*

sempre estão sorrindo... uma música contagiante... há muito tempo que eu não via essa conjunção”, concluiu ele, já me fazendo um convite para apresentar o rasqueado no próximo ano nos Estados Unidos.

Foram 30 eventos ao longo de 8 meses com o apoio já das duas secretarias e também da Secretaria do Desenvolvimento do Turismo. Culminei no final do projeto com o lançamento do único CD homônimo do evento, uma produção antológica do melhor do rasqueado cuiabano através dos tempos e que, hoje, está na Suíça, nos Estados Unidos, na Alemanha, pois foram adquiridos por vários músicos pesquisadores desses países, principalmente do museu de Zurich, na Suíça; este por sua vez, levado pelo meu colega, Luiz Fernandez, músico e pesquisador da viola de cocho. Em 11 de novembro daquele mesmo ano, mais um Projeto de Lei (de n. 8.203) do Deputado Estadual Jose Geraldo Riva, *declarava o rasqueado como música símbolo de Mato Grosso*, sancionado pelo então governador Blairo Maggi. Eu me senti vitorioso com mais essa salvaguarda do projeto do competente deputado Riva, pois vi que consegui um grande avanço pelo reconhecimento mais uma vez do Legislativo Estadual pela nossa música. Todavia, para chegar até o final do ano com o projeto, foi graças ao apoio substancial da Secretaria de Estado de Cultura, que não mediu esforços para que o projeto se prolongasse até dezembro, quando as chuvas se intensificam.

No ano seguinte, comecei o projeto, mas só consegui levar a temporada 2005 até outubro do mesmo ano, dado que precisei viajar para Washington, D.C. no começo de novembro, a convite do Sr. José Neinstein, como havia tratado no ano anterior, para apresentar o rasqueado no evento *Mato Grosso State Cultural Fortnigth in Washin-gton*. Por outro lado, a nova gestão municipal do prefeito Wilson Santos prometeu-me apoio, porém não cumpriu com o prometido e o projeto não pôde continuar no ano seguinte. Eu havia completando um total de 197 eventos ao longo das quatro temporadas, desde seu início, em 1993.

Quando a Orquestra de Mato Grosso foi organizada, pela brilhante e histórica iniciativa do ex-secretário João Carlos Vicente Ferreira e o maestro Leandro Carvalho, fui convidado para ajudar e dar suporte antropológico/musical para a produção dos concertos. A primeira coisa que Leandro me perguntou foi sobre o rasqueado, dado que ele já sabia da recém-aprovada lei do Legislativo Estadual

sobre a música e queria começar por ela. Eu, então, convidei-o para assistir naquela mesma semana a lendária e carismática Banda Regueng, a qual era a convidada. Eu me lembro até hoje, vendo ele e sua esposa Lúcia Carameles chegando e se encantado com a pegada e a reação do público no local, ao som da antológica banda. O que mais chamou a atenção do casal foi a multiplicidade da instrumentação do grupo. Além de bateria, baixo, guitarra e os naipes de metais, incorporava também banjo, bandolim e acordeão. Eu lhe disse naquele momento que tal banda era a soma histórica da formação sonora do rasqueado através dos tempos.

Quando foi lançada a Orquestra do Estado de Mato Grosso, após um longo e perseverante trabalho do maestro Leandro Carvalho e de sua esposa Lúcia Carameles, a qual teve o apoio fundamental do projeto Ciranda, junto do então maestro Murilo Alves, eu me senti realizado ao ver o auditório do SESC- Porto lotado durante os três dias de concerto e o lançamento do primeiro CD da Orquestra intitulado “Mestres do Rasqueado”. Leandro Carvalho havia registrado e imortalizado pela primeira vez em linguagem erudita, os compositores póstumos Tote Garcia, José Agnelo e Mestre Albertino, esfregando na cara dos dirigentes da Orquestra da UFMT, que sempre discriminou a nossa musica regional e que até os dias de hoje, nunca tinham feito “o dever de casa”, registrando em eventos e em gravações sonoras os nossos compositores póstumos.

Nos anos seguintes, fiquei cuidando da minha música, auxiliando o Leandro Carvalho e reescrevendo o meu livro “*Remedeia co que tem*”, visto que havia lançado uma pequena cartilha em 2005 pago com meus recursos apenas para auxiliar o Maestro na sua empreitada de concertos didáticos no interior do Estado, pois não havia nada escrito sobre a nossa musicalidade para que as crianças e jovens conhecessem a nossa cultura musical, principalmente nas escolas das cidades novas. Após quatro anos trabalhando em outros projetos musicais, eu voltei com pequenas temporadas do projeto todos os anos, já com algumas modificações e, para manter uma dinâmica maior nos eventos, entrou a figura substancial do locutor Valcir Amaro, com sua voz singular, dando ênfase nos intervalos, com brincadeiras e com pequenas entrevistas junto ao público presente. O evento também começou a ser aberto com áudio de vinhetas exclusivas, exaltando a origem do rasqueado e o significado social

para a cultura local. Tudo isso para manter a chama do rasqueado acesa, que sempre foi meu objetivo primordial. Não era mais resgate da nossa música/ dança, dado que todas as temporadas, a partir de 2004, foram mais celebrações, mantendo os eventos somente nos meses de seca e já englobando o advento do lambadão, como nova dança popular e já fazendo parte da salutar e inebriante noite cuiabana.

De 2015 até os dias de hoje, por questões de união de pastas das secretarias, tive o apoio da Secretaria do Estado de Turismo, criei então o quadro Clássicos Mundiais. Um intervalo de meia hora de execução pela banda base, de grandes peças musicais conhecidas em todo mundo, tais como Jazz, Bossa Nova, Boleros, árias eruditas etc. Foi um acerto com o ex-secretário de Turismo já falecido, Jairo Pradela, para fazer empatia a cultura musical de todos os tempos e de todo mundo, saudando, então, os turistas que sempre estavam presentes no Happy Hour. Houve também muitos concursos de rasqueado durante o evento promovido e pelas lojas comerciais do centro histórico, culminando, assim, o quadro atual do projeto.

Capítulo 9

QUANDO A SIMPLICIDADE
INOCENTE DESMORONA O
SACROSSANTO OBSTINADO

Às vezes eu fico analisando o momento em que vivemos e cheguei a conclusão que o fenômeno humano está numa encurvadura em que o joio e o trigo vão andar de mãos dadas; quer queira quer não, os tradicionalistas, os religiosos e, principalmente, os idealistas. As instâncias, tanto da arte, da cultura, da ciência, da justiça, da moral etc., estão se perdendo nos “horizontes de eventos da existência”, na razão direta do avançar dos anos deste novo milênio.

Espantei-me quando li sobre a faxineira novata que em 2015 destruiu todas as obras conceituais do Museu de Arte Contemporânea de Bolzano na Itália, que era intitulava de “Onde vamos dançar esta noite”; ela havia visto no recinto garrafas vazias de champanha, bitucas de cigarro, confetes, serpentinas, copos descartáveis e, então, resolveu “limpar” o local. Não foi a primeira vez que isso acontece com obras conceituais feitas com lixos. Devemos lembrar que houve três polêmicas aqui no país por causa da metalinguagem usada na arte contemporânea com insinuações eróticas e que causou transtornos em diversas camadas a respeito do que pode ou o que não pode ser usado para se expressar e valorizar... afinal, existe liberdade total de expressão ou estamos diante de um novo horizonte pusilânime de liberdade, como aconteceu com a arte plástica renascentista que censurou o nu artístico sob a égide da igreja Católica da Idade Média? Ou teremos que formar tecnicamente pessoas em arte contemporânea e pagá-las muito bem para atuarem como simples operários e faxineiros dos museus?

Elucubrando sobre tais acontecimentos, lembrei-me de uma memória a qual o escritor João Carlos Vicente Ferreira me contou, quando ele mesmo foi protagonista de um fato muito semelhante a esse.

Antes, quero registrar a minha participação e testemunho ocular em várias passagens que esse grande amigo e colega o qual juntos vivenciamos durante três décadas e, que começa no final da década de 1980, quando o então Senador Julio Campos cria a Fundação que carrega o seu nome e convida o pesquisador/historiador/publicitário paranaense, João Carlos Vicente Ferreira e sua esposa,

a pedagoga Eleonor Cristina Ferreira, para juntos trabalharem no projeto Memória Viva, idealizado por João Carlos. Após ele mudar definitivamente para Mato Grosso, conhecemo-nos e, logo ele me estendeu o importante convite para juntos trabalharmos durante dois anos fazendo pesquisas, gravando e editando 54 vídeos para o Projeto da Fundação, compromisso este que só terminamos no final do ano de 1994 e, que eu, paralelamente, dividia o tempo tocando/cantando e fazendo palestras sobre a musicalidade regional, e que também nesse interim, já havia lançado e consolidado o meu projeto Rua do Rasqueado.

No ano seguinte, João Carlos estava de volta ao Paraná, seu estado natal, pois havia recebido uma proposta para escrever três livros, dois sobre a história do Paraná e outro intitulado *Mato Grosso e seus Municípios*. Este último, mais tarde, se tornaria a obra mais importante para o acervo do Estado. Trabalho o qual havia sido tratado aqui com o então governador recém-empossado, Dante Martins de Oliveira.

A peripécia da ida dele com a família e tudo mais para se estabelecer de novo no Paraná foi uma verdadeira “odisseia”, pois ele havia mudado para cá e vendido sua única morada que tinha lá. Portanto, em sua viagem de volta para se estabelecer de novo no Sul, aconteceram várias situações que, visto de hoje, pareciam um conto sarcástico.

Contou-me ele que, quando estava de passagem de carro com a família por Campo Grande, encontrou o cacerense padre Firmo, pessoa o qual ele já tinha cultuado uma boa amizade durante os anos em que morou em Várzea Grande. Naquele dia, naquele momento, teve um diálogo fatíloquo como reverendo, no qual ele se lembra até hoje e, que foi mais ou menos assim:

— *Seu João Carlos tá mesmo querendo deixar Cuiabá?* — Perguntou o reverendo olhando sério para o escritor, que meio indeciso respondeu:

— *É! Tô sim, padre Firmo!*

— *Cuidado moço! Cuiabá é uma cidade “agarrativa”!* — Respondeu o padre com um certo ar inquisitivo.

Eles se despediram e a família seguiu em frente. Mas a “odisseia” começa quando se estabeleceram primeiramente em Matinhos-PR, depois Balneário Camburiú – SC. Em seguida voltam para o estado do Paraná e conseguem se fixar de novo em Maringá, onde ele terminaria os dois livros, porém, em 1998, por circunstâncias inexpli-

cáveis, estava de volta a Cuiabá, consolidando assim a fatídica “determinação” do padre Firmo.

Eu, logo que terminei a segunda temporada do meu Projeto Rua do Rasqueado, fui a São Paulo gravar meu primeiro CD–Pantanal...Branco e Preto e permaneci praticamente o ano todo por lá, devido aos imprevistos de “marinheiro de primeira viagem”. De volta para Cuiabá no final do ano de 1995, preparei-me para lançar o meu primeiro CD, enquanto que João Carlos ainda escrevia as duas obras, *Paraná e seus Municípios* e *Mato Grosso e seus Municípios*, morando ainda em Maringá, mas volta e meia ele aparecia em Cuiabá para fazer pesquisas históricas para o respectivo livro. Foi numa dessas viagens que ele me fez a proposta inédita, sugerindo colocar as minhas pesquisas escritas sobre a música mato-grossense no seu livro que ainda estava sendo escrito.

Foi a primeira vez que uma pessoa me valorizou como pesquisador, visto que até aquele ano, mesmo trabalhando aqui há mais de dez anos, mostrando vários trabalhos, fazendo recitais didáticos/culturais, palestras na UFMT nas aulas de EPB do professor Benedito Pinheiro, nunca fui procurado por nenhuma entidade local para um trabalho sério de registros. Fiquei contente, porque ele obviamente me daria os créditos pelos textos, e foi o que aconteceu. Mais tarde, esse ímpeto dessas pequenas linhas e páginas no seu livro me alavancou para que no começo deste século se consolidasse na edição do meu primeiro livro, *Remedeia co que tem*, que se tornou hoje leitura obrigatória para a cultura musical regional.

Durante a execução do projeto Memória Viva, muitas coisas aconteceram, algumas muito engraçadas. Uma delas foi em 1991, quando saímos de madrugada com a equipe de gravação da produtora contratada, VT-1000, para captar imagem sobre a história do Marechal Rondon em Mimoso, depois iríamos para o município de Barão do Melgaço, para gravar imagens do ponto histórico da lendária “Trincheira Barão de Melgaço”, da época da Guerra do Paraguai.

Gravamos as imagens em Mimoso até as 09 horas da manhã; seguimos, então, para Barão do Melgaço, chegamos lá por volta das 11 horas da manhã, procuramos uma pessoa na cidade, o qual sabíamos que era descendente dos que participaram da vigilância junto ao histórico aparato de defesa para nos guiar até o local onde fora montada a famosa

Trincheira. Íamos captar imagens seguindo um roteiro e as informações que João Carlos havia obtido em livros, que contam que tal aparato foi construído em 1866, na época da Guerra da Triplíce Aliança, para barrar a subida da esquadra paraguaia que já havia tomado a cidade de Corumbá e, que a pretensão dos invasores era tomar de assalto a capital Cuiabá e anexá-la aos seus outros territórios já conquistados no Brasil. Pelas informações que constavam nos livros de história, na época, no local foram colocados dois canhões bem no alto da morraria da cidade, num ponto estratégico onde o rio Cuiabá faz curva e, então, a esquadra inimiga teria que diminuir a velocidade, o que a tornaria um alvo quase fixo e fácil para serem alcançados pelos canhões da Trincheira.

Encontramos um senhor muito gentil, no qual seu bisavô foi também um dos guardiães do aparato; ele então nos levou ao local, porém, para a nossa surpresa, quando chegamos no local exato e que situava no ponto mais alto da cidade, não vimos os ditos canhões. Então perguntamos a ele o que foi feito dos canhões que deveriam estar ali, e ele nos respondeu meio sem entender a pergunta.

— *Mas como xomano! Alguém num te falô, que djá faz tempo que baderam os dois canhão pra Cuiabá... inda esses dias teve aqui um otro sinhô historiadô que me falô que os canhão tá lá no quartê da Polícia Militar no Porto.*

Descemos do local, num sol de rachar, dando risada... era o que podíamos fazer depois desse fiasco. O nosso informante também sorria com ar de que fizemos o papel de “bobo tchera tchera”. Fomos almoçar e ‘tomar umas’ pra encerrar o patético episódio.

Voltando então ao começo desta história, o que me fez comparar com o fato da faxineira italiana do Museu de Arte Contemporânea que citei no começo, o João Carlos foi testemunha e coparticipante de um fato semelhante, quando se dispôs a ajudar a dona Irene Rockemback, mulher que zelava pelo material histórico da fundação do município de Nova Santa Helena, onde ela era a guardiã da memória dos pioneiros que erigiram a cidade que fica próximo do município de Colíder.

Dona Irene, por ter ascendência alemã, e sendo ela e sua família os principais fundadores do município, guardou com muito zelo vários objetos simples, mas que trazia uma história particular carregada de sentimento sobre os primeiros dias da fundação da cidade.

João Carlos já a conhecia quando fez a pauta de registro da cidade para o projeto Memória Viva e para o livro *Mato Grosso e seus Mu-*

nicípios. Quando estava terminado o livro, ainda morando no Paraná, dona Irene conversou com ele por telefone dizendo que queria doar todo o material histórico do seu museu particular para a Fundação Julio Campos e, pediu para que ele buscasse o acervo na casa dela em Nova Santa Helena, por que ela estaria de volta ao Paraná por questões particulares. Este, por sua vez, após aceitar a ajudá-la, se deslocou munido de uma caminhoneta com carroceria desde Maringá até o município de Nova Santa Helena, onde a dona Irene o esperava já com todos os objetos embalados. Não houve dificuldades para carregar, ele somente almoçou com ela e pegou estrada de volta. Na correria, ele esqueceu de avisar à Fundação Julio Campos que iria chegar por volta de meia-noite e que precisaria de alguém no local para abrir as portas para que ele pudesse descarregar os objetos. O que ele não esperava aconteceu. Justamente naquela noite o guarda “seu” Gonçalo, o qual já o conhecia, estava de folga e não havia ninguém para recepcioná-lo, ele não tinha nem telefone, nem endereço do guarda, tampouco de alguém onde ele pudesse deixar o material. Conclusão: Com medo de largar na casa de algum conhecido e extraviar, levou tudo para o Paraná.

Passadas algumas semanas, ele recebe um telefonema da dona Irene Rockemback, acusando-o de ter apossado de todo material, a qual ela tinha doado à Fundação Julio Campos. Este, por sua vez, explicou o fato ocorrido, mas ela continuou com desconfiança, ligando e cobrando o trato. Até que um dia ele abriu todos os objetos embalados para certificar se tudo constava na lista que dona Irene tinha lhe passado. Vendo que estava tudo certo, ele carregou os objetos de novo para a camioneta e levou de volta para a Fundação, chegando lá em torno das 07 horas da noite; desta vez o guarda “seu” Gonçalo, se encontrava lá, que ficou contente em vê-lo de novo. Após a explicação sobre o acervo, o qual ele havia pedido para que fosse arrumado num local adequado e seguro para guardá-lo, “seu” Gonçalo foi enfático indicando para ele a sala e, este, por sua vez, começou a descarregar um por um. Era um ferro de passar roupas a carvão, facões, um machado quebrado, uma foice, umas pedras de amolar etc. Enquanto ele descarregava as coisas, “seu” Gonçalo começou a dar risadas sozinho e ao mesmo tempo mantinha seu ar curioso, acompanhando tudo.

Quando João Carlos pega o último objeto, uma canga de boi, o guarda não aguentou e, rindo, exclamou assim:

— *Óia seu Djão... Pra que que o sinhô tá trazeno essas badulaqueras*

aqui pra Fundação... lá onde eu moro no Bonsucesso, la perto de casa tá tcheio desses troços.

Ele ficou olhando para o João Carlos que havia parado para ouvi-lo e, que ainda carregava a canga de boi no ombro, e este também começou a rir vendo a inocência simplória do “seu” Gonçalo banalizando os objetos do acervo que o fez passar várias situações constrangedoras e ainda andar mais de dois mil quilômetros. Ele continuou rindo, levando a canga no ombro, enquanto escutava a voz do guarda que continuava dizendo:

— *É só ir lá no Bonsucesso, seu Djão, lá tem disparate, é só panhá xomano! Num precisava essa trabaiera que o sinhô teve de trazer lá do Paraná!*

Capítulo 10

PIMENTA “TCHUMBINHO” DE CUIABÁ

Casa da Cultura sediada no antigo Club Feminino, hoje Secretaria Municipal de Cultura, foi convidada pelo município de Santa Rosa-RS no ano de 1985 para participar do festival de música nativista denominado 3º Musicanto, e a nossa querida e então coordenadora professora Therezinha Arruda fez todo o possível para que o meu grupo musical da época, Nova Canção Mato-grossense, fosse representar o Mato Grosso, visto que, oficialmente, o convite teria que ser à antiga Fundação Cultural, órgão estadual de cultura que nessa época não reconhecia os novos trabalhos da música regional e só valorizava as artes plásticas.

Numa segunda-feira chuvosa, no dia 18 de novembro do mesmo ano, eu e o bandoneonista já falecido, “seo” Astério da Conceição, saímos de ônibus até a cidade de Cascavel-PR, onde iríamos pegar baldeação até Santa Catarina e, de lá, até Santa Rosa -RS, viagem que levou quase 48 horas até chegar no local.

Lembro que, quando saímos de Cuiabá, eu havia participado três noites seguidas de *shows* na Capital e estava um pouco afônico. Quando chegamos em Cascavel, uma mulher que trabalhava numa lanchonete no terminal, percebendo minha rouquidão, me disse que tinha o melhor remédio para “consertar garganta de cantor”, foi como ela se expressou sorrindo e, me serviu uma dose dupla de pinga curtida no alho. Foi a melhor coisa que me aconteceu no caminho, por que depois que embarquei no ônibus/baldeação, eu apaguei e só acordei já de manhã chegando na Rodoviária da cidade de Maravilha-SC, e quanto a afonia, tinha desaparecido por completo. Bebo esse “remédio” até hoje quando estou querendo ficar rouco.

Enquanto isso, na retaguarda, saindo um dia após nós, viajando num corcel azul, a nossa Coordenadora Therezinha Arruda, o pianista Marques Carai, o percussionista Otavio, e o grande representante da cultura gaúcha em Mato Grosso, o senhor Tenente Fioravante, que fez questão de nos acompanhar, dado que foi muito importante para toda a nossa delegação.

Passado pouco mais de um dia que havíamos chegado em Santa Rosa, “a comitiva do corcel chegou”. Então, “seo” Astério e eu fomos

encontrá-los no local do Festival, onde estava toda a coordenação do evento, encabeçada pelo grande músico Luis Carlos Borges, o prefeito municipal, a imprensa da capital de Porto Alegre e tantas outras pessoas, pois a delegação de Mato Grosso era de grande importância para o evento. O fato era visto como o começo de uma boa aproximação para um futuro intercâmbio cultural entre os dois estados, o qual já era notável devido a maior contingência da migração gaúcha. Por outro lado, estava “quentíssima” a Emenda Parlamentar de Dante de Oliveira, que havia trazido de volta a democracia ao país, as eleições diretas, e ele que havia recentemente se eleito prefeito de Cuiabá; a nossa coordenadora Therezinha Arruda era sua tia.

Ficamos sabendo que nossa apresentação seria no dia 21, numa quarta-feira, às 21 horas, num local chamado Acampamento Musicanto, e também no dia 24 no Centro Cívico Cultural, sede oficial do festival. Após os ensaios e a interação com outros artistas como Renato Borghetti, o cantor Cesar Passarinho, os compositores Elton Saldanha e Leonardo, os quais os conhecemos pessoalmente e também com o pessoal que trabalhava na comissão organizadora e, que sempre havia aquelas pessoas que nos diziam ter parentes que migraram para Mato Grosso. Éramos bem tratados em todo lugar que estávamos, afeto este que guardo até hoje do povo gaúcho.

O Musicanto era um festival mais aberto e se estendia a outros estados, bem como outros países, por isso o *slogan* do evento era *Sul-americano de Nativismo*. Havia grupos da Argentina, Uruguai, Itália, e de estados brasileiro, como Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná etc.

O Senhor Fioravante, nosso representante do povo gaúcho em MT, era de Três Passos, um município vizinho de Santa Rosa. Por ser um “pelo duro”, ou melhor, um gaúcho autêntico, como ele sempre se autointitulava, era uma excelente pessoa, além de militar aposentado, músico e líder de uma banda chamada Chilena de Prata que fez muito bailão em todo o estado do RS, assim como em MT. Desde quando ele migrou com sua família inteira para Rondonópolis, nunca parou de participar de eventos. Sempre brincalhão, sorridente, vaidoso, contava causos o tempo todo e, era uma enciclopédia ambulante do linguajar gaúcho. Levava-nos para todo lugar, apresentando para alguns amigos do seu município vizinho que estavam participando do evento.

Encontrávamos certa manhã junto a ele após o café, na maior

praça da cidade, que estava fervilhando de pessoas que vieram prestigiar e participar do evento. Naquele momento, estava vindo em nossa direção, tomando mate e conversando, um grupo de músicos argentinos. Logo se aproximaram, os saudamos e conversamos um pouco sobre a importância do evento. O senhor Fioravante ficou quieto, só observando os “hermanos” dos pés a cabeça. Depois que eles se foram, ele olhou para nós e disse sorrindo:

— *Você viu tchê! O colorido das alpargatas que eles usam... Tá mais enfeitada que carroça de polaco em dia de casamento.*

Ficamos rindo por alguns minutos e, coincidentemente, apareceu uma carroça polaca de verdade toda enfeitada, cheia de polacos imigrantes, que vieram participar do evento e que realmente tinha tudo a ver com o que ele acabava de criticar; a risada do grupo continuou o resto da manhã.

Quando chegava a noite, ele se “pilchava”, isto é, se vestia com indumentária típica gaúcha, porém, como andava aqui em Cuiabá de bolsa tira-colo, carregava nela, além de documentos pessoais, um Colt Cavalinho calibre 38—cano longo, visto que tal artefato não combinava nem um pouquinho naquele momento com a indumentária típica gaúchesca e que o certo seria prender o revólver na guaiaca, mas ele preferia pedir para o pianista Marques Carai carregar a bolsa tira-colo para ele com o revólver e tudo. No primeiro dia, logo que ele pegou a bolsa, estranhou o peso e perguntou o que havia dentro, após o esclarecimento por parte do senhor Fioravante que justificou dizendo:

— *Sabe tchê! Além de militar, eu sou gaúcho que não perdeu a cisma até hoje!*

O dia das nossas apresentações, que duraram pouco mais de uma hora cada, foram momentos maravilhosos, o público aplaudiu em pé, fomos homenageados e a imprensa nos assediou para saber da cultura e da música de Mato Grosso, o qual a nossa anfitriã Therezinha Arruda deu uma aula na entrevista para os jornalistas sobre o assunto, através do seu profundo conhecimento artístico/histórico.

No último dia, antes do final do Festival, estávamos numa reunião cultural chamada Tertúlia, onde acontecia roda de chimarrão, churrasco, cantoria e poesia. Um evento à parte, desvinculado da programação oficial e que acontecia um pouco afastado do centro das manifestações. Conversávamos com um senhor que aparentava ter uns 50 anos, era casado e os irmãos dele já haviam migrado para o Mato Grosso há mais de 10 anos. Ele também estava animado para

migrar e nos perguntava como era a vida em MT; cada um de nós respondia a ele o que sabíamos num tom cordial.

Num certo momento da conversa, o senhor Fioravante pediu licença e perguntou se ele era casado, se tinha filhos, se ainda se dava bem com a esposa. O senhor achou estranho a pergunta do conterrâneo, um tanto presunçosa, e perguntou a ele o porquê queria saber tantos detalhes, e Fioravante então disse:

— Vou te contar, tchê, o porquê estou te fazendo essas perguntas. Lá em Cuiabá, tchê, em uma pimenta que os cuiabanos chamam de pimenta “tchumbinho”, eles usam muito, principalmente na peixada... É ardida, barbaridade! Quando eu mudei de Rondonópolis para Cuiabá, já não andava muito bem com minha esposa, lá conheci uma china mato-grossense chamada Josita, descendente da velha estirpe cuiabana, e também “pelo duro”, igual a mim. Essa morena me fez um convite na ocasião de um bailão, para que eu fosse qualquer dia à sua casa, comer um prato típico ribeirinho chamado Munjica de Pintado. Olha, tchê! Depois de comer aquela peixada com a tal pimenta tchumbinho, só voltei pra casa no outro dia à tarde, e já pra sair de imediato da vida da minha ex-esposa.

Deu uma pausa, olhou para cima, e continuou o relato:

— Vô te conta, tchê! Parece que as chinas cuiabanas têm molho dessa pimenta na xereca.

Foi só risada e o senhor que estava esperando alguma coisa trágica chorava de tanto rir. Enfim, nos divertimos muito junto com essa grande pessoa que nem sei se ainda está entre nós.

Capítulo 11

A ÚLTIMA SAGA NAS RETICÊNCIAS SONORAS DA VIDA

Eu morava no Hotel Tapajós, na rua Américo Salgado, perto do prédio do comendador João Arcanjo Ribeiro no bairro Baú Sereno, mas, naquela noite, eu me encontrava em pleno palco instalado no campo de futebol do Colégio Estadual Liceu Cuiabano, cantando no evento da Festa Internacional do Pantanal, organizado pela Secretaria de Estado de Cultura. O evento estava superprestigiado, pois estávamos na era Dante Martins de Oliveira, e havia muito empreendimento cultural acontecendo na Capital e no interior.

Quando acabei de encerrar minha participação cantando a música “Rancho de Chão Batido”, de minha autoria e do compositor J. Dinis, despedi-me do público, ouvindo o grito de ‘mais um, mais um’, mandei um beijo para a plateia, desci a escada do palco com violão na mão, assinei o recebimento do cachê e logo avistei a minha amiga Creuza Medeiros, que estava me aguardando ali perto para me levar até a rodoviária, porque eu iria viajar para Curitiba às 22 horas, nessa mesma noite. Era final do mês de abril do ano de 1998.

Fui para o Sul porque precisava sair um pouco da mesmice rotineira. Por outro lado, o grande amigo e parceiro, de mais de quinze anos de trabalho, o bandoneonista Marques Carai, havia se mudado para lá. Como eu sempre fiz esse tipo de atirada de corpo e alma no tempo e no espaço, segurando somente nas raízes do espontâneo e apostando no que há de vir... Lá estava eu, pela “n” vezes dentro de um ônibus, “surfando” mais de novo nas ondas reticentes da vida; eu sentia que teria que ir... Era como se houvesse um comando latente me impulsionado a copular com um sentimento nas oscilações abissais do inédito. Beirando já os 47 anos de idade, indo fazer uma turnê imaginária com meu violão, na qual nem tinha imaginado por onde andaria, e como iria fazer... somente sabia que estava indo.

Faltando alguns minutos para completar 24 horas de viagem, o motorista do ônibus me avisou que eu teria que descer na próxima parada, caso eu fosse ficar em Campo Largo, como havia dito a ele antecipadamente, pois a cidade era colada com Curitiba. Eu confirmei com ele e paramos no local. Desci, peguei minha mala e o violão, sen-

tindo a temperatura bem baixa. Liguei para o Marques do meu celular, um analógico Motorola, dizendo a ele que eu já me encontrava na parada de ônibus da via expressa. Ele apareceu em seguida, dirigindo um antigo Dogde, junto da sua esposa Carolina e, me levaram direto para sua casa. Foi uma alegria geral, pois havia nascido há poucos dias mais uma filha do casal.

Havia passado duas semanas, bebíamos vinho e tocávamos todas as noites, pois havia muito tempo que não nos encontrávamos e precisávamos reciclar nosso repertório, que era muito, o qual nunca fizemos questão de contar. Num belo dia, recebemos a visita do nada mais nada menos que o escritor João Carlos Vicente Ferreira, que estava em Curitiba fazendo pesquisa. Lembrei-me que havia deixado com ele antes de viajar, o endereço do Marques, caso ele fosse à capital paranaense. Ele veio também comprar um carro e observar o movimento político. Acompanhado dele, estava uma grande pessoa que conheci e tornou-se um amigo, e também outro colega, o senhor Walter Oliveira, que já havia sido vereador da Capital; outrossim, era dono de uma bela e confortante voz, muito semelhante ao do saudoso Dick Farney.

O João Carlos e o Walter ficaram encantados, vendo a harmonia e a singularidade o qual eu e o Marques fazíamos tocando nossas músicas e, o repertório latino-americano, mas a maior curiosidade deles foi estar diante de um negro brasileiro, o Marques Carai, tocando bandoneon e com a pegada tradicional da “platinidad”.

Após esse encontro, resolvemos ensaiar os dois colegas, pois pretendíamos fazer alguma apresentação nas noites de inverno da capital paranaense e, com três cantores, três estilos e dois instrumentos, seria fácil vender nosso *show*.

Era ano de eleição para Presidente, Deputado Federal e Senador, e a amizade deles no meio político era de alta relevância, visto que o João Carlos havia recentemente lançado o livro “Paraná e seus Municípios”, uma obra que já havia se tornado referência para o acervo do Estado.

Numa dessas reuniões, eles me apresentaram ao governador, o grande arquiteto e urbanista Jaime Lerner, que havia sido, ao longo da década, o prefeito que transformou Curitiba num dos exemplos de cidade-capital-modelo. Jaime era um homem de poucas palavras, se expressava sinteticamente com profundo conhecimento cultural e, acima de tudo, tinha uma grande observação social para os diversos e

geniais empreendimentos que a própria Capital testemunhava.

No outro final de semana, através do loby do João Carlos e do Walter Oliveira, conseguimos fechar duas noites de apresentações no restaurante “Estrela da Terra”, a maior casa de sopa de Curitiba. O local tinha dois andares e ficava perto da Boca Maldita, centro histórico da Capital, que ainda respira a Bohêmia e a genialidade do grande Paulo Leminski. Eu havia acabado de lançar meu primeiro CD–Pantal... Branco e Preto, e levei comigo algumas unidades, como também algumas fitas cassetes para serem vendidos, e a oportunidade era naquela noite fria e chuvosa da capital paranaense.

No segundo dia após nos apresentarmos no andar de cima do bar, para uma comissão de empresários portugueses, o qual o repertório foi mais de tangos e boleros, interpretado pelo João Carlos e o Walter, e que também cantaram alguns fados clássicos de Amália Rodrigues, tais como *Ai Mouraria*, *Foi Deus*, *Coimbra*, *Nem às Paredes Confesso* etc., acompanhado pelo meu violão e som carismático do bandoneón do Marques, fizemos então um intervalo, visto que teríamos de tocar de novo no térreo. Nesse interim, João disse para eu descer e começar a tocar e, que ele e o Walter tentariam vender as fitas e os CDs que ainda restaram do dia anterior, para a comitiva que continuou lá.

Quando eu vinha descendo pela escadaria coberta de tapete avermelhado, pisei em falso e me desequilibrei, não cai, mas bati a caixa de ressonância do violão na quina do degrau da escadaria, o qual rachou fazendo um ruído abafado pelo tapete que só eu escutei. Abriu-se, então, um pequeno buraco, inutilizando o instrumento naquela noite.

Esse instrumento foi o primeiro que eu havia comprado na minha vida, os outros “aconteceram” por que, durante toda a minha saga de profissional da música, nunca havia comprado nenhum violão, todos eu ganhava e os perdia em situações patéticas. Essa história já foi contada na crônica *Um Violão Enigmático de Muitas Faces e Fases*, nas primeiras páginas deste livro.

Fiquei meio desapontado com o que aconteceu, mas havia um outro músico no recinto que, ao ver a minha condição dramática, sem qualquer cerimônia, imediatamente ofereceu-me o seu violão para não parar a música ao vivo e também para cumprirmos com o contrato. Toquei em torno de meia hora no violão do colega, era um violão muito bom da marca Di Giorgio, modelo Tárrega, porém, tinha braço mais

largo que o meu. Comecei a cometer deslizos nas minhas costumeiras nuances de solo e, conclusão, parei de tocar e devolvi o instrumento a ele, agradecendo-o pela força. O Marques Carai seguiu tocando com ele alguns tangos de Piazzolla e eu sentei numa mesa afastada do palco, junto de uma bela mulher, muito simpática, que fumava sem parar. Ficamos conversando, até que o João Carlos e o Walter desceram do segundo andar. Ignoraram o que havia acontecido alguns minutos atrás com o meu instrumento e caminharam sorrindo em direção à minha mesa, com a caixa de fita cassete e de CD na mão e já dizendo:

— *Ich! Meu amigo, tá difícil vender alguma coisa nesta noite!* — Exclamou o Walter de um jeito desanimador, colocando as duas caixas em cima da mesa.

Pensei comigo: “*Eu acho que estou numa curvatura de decisões precipitadas ou, como se diz no termo popular, ‘Tô na pica do saci’*”. Agradei aos dois amigos e peguei as caixas para guardar junto ao case do violão, foi quando senti que as caixas estavam muito leves. Olhei para o João e o Walter, os quais estavam olhando um para outro demonstrando ar de cumplicidade. Desconfiei de algo e voltei para a caixa de fita cassete, abri-a e não havia nenhum CD e nem fita, somente todo o dinheiro da venda. Eles deram gargalhadas vendo minha surpresa.

Depois das brincadeiras, contei o fato ocorrido. Eles lamentaram, mas eu disse:

— *Menos mal, afinal, vocês já me livraram da “perda total” vendendo todos os meus produtos nesta noite, ficaram, então, “elas por elas”, né?!*

Fiquei quase duas semanas sem poder tocar, porque tive que esperar o restauro do violão e que, por sorte, o restaurador era o Carlos, padrao do Marques. Somente dias depois o instrumento ficou pronto e o restauro quase perfeito. Logo que coloquei as cordas nele e afinei, a resposta sonora veio divinamente afinada com a mesma precisão. Parecia não ter acontecido o acidente.

Resolvemos, então, ir tocar em Asunción, capital do Paraguai, eu tinha muitos amigos lá e resolvemos visitá-los. Da minha parte, eu queria mesmo era exercitar um pouco meu espanhol/ guarani que estava restrito até o momento somente para cantar temas clássicos paraguaios ou conversar sacanagens e coisas corriqueiras.

Embarcamos para Foz do Iguaçu numa noite muito fria em

Campo Largo, iríamos chegar lá de madrugada e comprar passagens para a capital paraguaia. A viagem até a fronteira foi tranquila e logo estávamos passando pelas checagens de documentação na Ponte da Amizade, entre o lado brasileiro e paraguaio, embarcamos em seguida no ônibus rumo à capital Asunción; chegamos lá por volta de meio-dia, fomos para um hotel. Depois do almoço, saímos de táxi para Fernando de la Mora, onde moravam meus amigos e seus familiares, dado que eram povos da velha estirpe nacional. Depois de meia hora de táxi, encontramos a moradia dos Rodriguez Correa. Havia passado quase duas décadas que não os via.

Estava uma tarde fresca e vi, de longe, o sorriso de Diego, o mais velho dos irmãos da família, o qual se encontrava ascendendo fogo para fazer um pequeno assado na porta da sua casa. Ele não havia me visto, afinal, fazia quase 20 anos, mas eu o reconheci e logo descemos do táxi. Ele me olhou e exclamou:

— *Mbaecha che tuya amigo Milton Pinho!* (Mas como! ... é meu velho amigo Milton Pinho). — Eu o abracei, apresentei o Marques e, naquele instante, foram chegando outros componentes da grande família... logo estávamos todos reunidos no quintal para uma roda de tereré e conversa em “Yopara”, mescla de espanhol e guarani. Saímos de lá à noite, mas combinamos com eles para que no outro dia cedo iríamos fazer um “asado” (churrasco), e que eu e o Marques traríamos os instrumentos para celebrarmos o reencontro, após longa data de “nostalgia” como dizia a matriarca dona Edelmira.

No outro dia, já passava das 09 horas da manhã, quando estávamos de volta à casa da família. Reencontrei outros amigos músicos, como os cantores Fermi, Carmelo (irmão do Jimmy), Tito e o filho do Diego, que já havia se tornado um grande instrumentista. Presente também estavam outros músicos os quais eu não conhecia, mas que já faziam parte da amizade da família.

Começamos a tocar e cantar primeiro os grandes temas dos cancioneros populares paraguaios, depois entramos no repertório mexicano. Paramos para almoçar e, como era sábado, continuamos em seguida com a música argentina e o chamame foi a tônica maior, pois, afinal, estávamos vizinho do país e precisamente perto de Corrientes, cidade matriz do Chamame. Nesse momento, os instrumentistas fizeram uma pausa, como se houvesse uma ligação transcendental, e todos come-

çaram a rasquear em bloco, fazendo uma base harmônica para que o bandoneonista Marques desfilasse os maiores clássicos instrumentais, como La Tabla, La Calandria, Margarita Belen, La Cahú, Bañado Norte, Kilometro Once, El Toro etc., acompanhado do famoso grito “Sapucay” (um grito visceral agudo que parece animar ainda mais os músicos). Esse bordão é muito comum quando a alma índia está em festa, contente com o culto à sua música tradicional.

Eu me sentia mergulhado numa bruma de sons inebriantes, que enlaçava com os sorrisos das outras pessoas que chegavam no local, já improvisando coro junto a voz do cantor daquele momento. A tarde foi sendo consumida pelos vibratos e falsetes longos, o qual eu e o Fermi fazíamos nos clássicos mexicanos de Jose Alfredo Jimenez.

Quando escureceu, estávamos tocando e cantado boleros mexicanos e cubanos, já com duas garrafas abertas, uma de Aristocrata (cachaça típica paraguaia) e uma de Tequila mexicana. Naquela hora também já contava com a presença de outros vocalistas que chegaram, um deles com um violão requinto. Instrumento muito comum lá e também nos grupos de bolero mexicano. O requinto dá um colorido singular no solo e contracanto de cada música latina. A noite paraguaia estava sendo osculada e aromada com os clássicos de Los Panchos, canções de Armando Manzanero, Rocio Ducal, Lola Beltran e Estela Nuñez.

Eram 11 horas da noite, quando saímos todos para fazer serenata na casa dos amigos do bairro. Eu fui o escolhido para ser o primeiro da noite a começar a cantar na casa de uma certa mulher, amiga da família e, que estava passando por um momento difícil com a morte recente do esposo. Eu concordei. Quando chegamos no local, comecei cantando uma clássica toada mexicana, consagrada na voz do grande cantor e ator mexicano Pedro Infante, intitulada “Despierta”. Uma letra sugestiva para serenata, que diz assim:

Despierta dulce amor de mi vida
Despierta si te encuentras dormida
Escucha mi voz vibrar bajo tu ventana
Que en esta canción
Te vengo a entregar mi alma,
Perdona que interrumpa tu sueño,
Pero no pude más
Y esta noche te vine a decir

Te quero, te quero.
Te adoro.

Após terminar de cantar o tema conhecido, a luz da casa ascendeu e apareceu uma jovem de uns 19 anos, cabelos longos negros, trajando jeans, parecia uma atriz, de tão linda. Logo que ela saiu na porta, cumprimentando e abraçando a todos nós, pensei que fosse filha da viúva, e para a minha surpresa, ela era a viúva. A formosa criatura parou diante de mim e pediu o meu violão; achei que ela ia tocar, porém, entregou o instrumento ao Carmelo, que estava mais próximo, me abraçou e me fez um selinho na frente de todos. Eu fiquei petrificado, afinal, eu esperava ver uma mulher de uns 50 anos. Houve um “huuuuu!” coletivo dos amigos. Senti naquele breve instante estar entrando num “sonho real acordado” e, logo percebi, que foi armação dos meus amigos, os quais estavam rindo e conversando em guarani. Eu só consegui pegar o final da conversa, na qual um deles disse:

— *Pe añemomba’e surpresaitei pe ndive kuñatai* (Ele ficou muito surpreso com a juvenzinha).

Todos eles haviam me falado anteriormente, que era uma senhora e, que o esposo dela havia falecido há pouco tempo. Eu particularmente adorei a surpresa. Eu beirava os 50 anos, a barba já estava grisalha, e uma linda mulher aparecida num momento de inspiração em serenata, para mim, foi o melhor acontecimento naquela noite. O nome da jovem era Azucena e, realmente, ela era viúva, pois seu jovem esposo havia falecido há um mês. A jovem fechou a sua casa e nos acompanhou na serenata, agarrada em mim o tempo todo, conversando e dizendo que gostaria de conhecer e morar no Brasil, que precisava conhecer mais pessoas, que gostava de música e literatura.

Durante todo o trajeto, fomos agraciados com mais bebidas e comidas pelas famílias contempladas pelo cortejo seresteiro. Quando estava amanhecendo, minha voz e a dos outros colegas já estava “puxando para o grave” ou melhor, estávamos ficando roucos. Resolvemos parar e irmos todos dormir.

Quando fui me despedir de Azucena, senti que estava saindo de um vórtice de magia e prazer, quis resistir, abracei-a, e cantei para ela em forma de capela, a música mexicana “Cuando Vivas Conmigo”, olhando para todos. Quando terminei... Eu estava extasiado. Então, tirei meu chapéu, olhando aquela jovem nos meus braços sorrindo com

seus cabelos longos esvoaçando na leve brisa da manhã. Não resisti! Abracei-a fortemente, com frenesi a beijei com todo meu ‘tesão’ que estava reprimido. Todos bateram palmas, dando risadas, parecia que “tinham conseguido o que queriam: mexer com a minha postura de “homem sério”, segundo eles, coisa que eu nunca consegui ser.

Ela era filha única, após a morte prematura do marido, preferiu morar sozinha na mesma casa onde eles se casaram, local onde fizemos a primeira serenata. Mas naquela hora, ela queria me levar para conhecer seus pais, que moravam ali perto, na mesma rua, dado que em sua vividez, criou o hábito de tomar café da manhã com eles e, obviamente, queria me apresentar aos seus genitores.

Eu disse que não poderia ser desta vez, porque eu teria que voltar ao hotel, estava com sono e cansado, afônico, não daria boa impressão aos seus pais, mas que voltaria durante a semana, à noite, para conhecê-los. A contra-gosto, Azucena sorriu e foi embora.

Quando eu e o Marques chegamos no hotel, eram 07 horas da manhã e o atendente foi logo nos informando que havia acontecido um protesto dos sacoleiros em Ciudad del Leste e a Ponte da Amizade estava fechada por tempo indeterminado. Olhei para o Marques, demos risadas e, ele ainda rindo com seu jeito de negro paulistano falou:

— *Fudeu! ...vai saber que dia vamos voltar para o Paraná, parece que o Paraguai quer mais um tempo com a gente por aqui, né!* — Afirmou me olhando e insinuando que estava gostando de tudo o que estava acontecendo. Eu então lhe disse:

— *Bom! ... Pelo menos até agora só tivemos alegria e eu ainda ganhei uma “noiva” linda querendo ir morar comigo em Cuiabá... não sei o que vou fazer com ela.*

Ele, então, cinicamente insinuou:

— *Você é um sortudo!*

Resolvemos fechar as janelas do quarto, a manhã estava meio fria e fomos tentar dormir um pouco, porque o ruído dos carros ao amanhecer da cidade já estava começando.

Acordamos perto do meio dia, o sol estava forte, mas não tão quente, fomos almoçar num pequeno restaurante ali perto, pois a ressaca era muita e pedia água. Era Domingo. Na segunda-feira após o almoço, tomamos um gostoso tereré na praça Uruguay e fomos visitar museus,

bibliotecas, comprar CDs e livros, e também a entidade APA—*Autores Paraguayos Asociados*, um órgão público que cuida dos direitos intelectuais dos artistas. Ficamos maravilhados com a dedicação que eles têm com a sua cultura musical. Dissemos a eles que estávamos fazendo pesquisas sobre a influência da música paraguaia no Brasil. Eles logo quiseram saber onde estávamos hospedados, porque gostaram muito da nossa ideia e queriam que fôssemos falar sobre tal assunto na mídia local. Passamos o nome do hotel e dissemos que estaríamos dispostos até o meio da semana, e para termos certeza que estavam falando sério, mentimos dizendo que íamos na quarta-feira para o interior.

Sáimos de lá perto das 16 horas e pegamos um ônibus até o município de Ypacarai. Eu precisava conhecer de perto o mítico Lago e sentir a consistência da obra do grande compositor Demetrio Ortiz, a clássica guarânia *Recuerdo de Ypacarai*, que já conta, hoje, com mais de mil gravações em todo o mundo. Essa carismática obra, eu pretendia incluir no meu próximo CD, o qual se chamou depois “*Resto de Guarânia*”.

Para a nossa surpresa, quando chegamos lá, o Lago estava interditado, devido ao alto índice de poluição, e tivemos que nos contentar em apreciá-lo da beira, visto que toda extensão do Lago tem muitos quilômetros de diâmetro. Já entardecia, quando viemos embora, pois, naquela noite havíamos decidido ir conhecer um restaurante típico, chamado La Curva, onde congregava a maioria dos músicos da cidade. Ficamos lá até tarde conversando com vários artistas e ouvindo as maiores peças de músicas paraguaias e a surpresa da noite, foi que eles tocavam também Jazz e clássicos brasileiros como Tico Tico no fubá, Carinhoso, Aquarela do Brasil, e algumas peças de Vila-Lobos e Tom Jobim.

Na mesma noite eu fui acometido por uma infecção na garganta, com febre e tudo mais. Devido ao vento frio, o Marques que teve que sair para comprar algum tipo de remédio para mim. Foi nesse dia que aconteceu a parte mais cômica da história, porque o atendente da farmácia não falava quase nada de espanhol, só guarani, o Marques, por sua vez, entendia pouco espanhol e zero de guarani.

A demora dele foi me incomodando, depois que ele chegou, que me contou a encrenca que foi na farmácia para conseguir comprar o remédio. No outro dia fomos à casa do emblemático e já falecido maestro compositor Hermínio Giménez. Conseguimos o endereço e o telefone

da viúva senhora Victória Giménez, através de um dos músicos, na noite passada no restaurante La Curva. Ela nos recebeu às 04 da tarde sem nenhuma cerimônia e foi logo mostrando todo o acervo do grande músico. Os instrumentos, todos bem conservados e com as respectivas histórias anexadas a cada um. A tônica maior da visita foi quando o Marques pediu para ver o bandoneón, instrumento que o maestro gravou todos os discos do Conjunto Ponta Porã, um grupo musical que tinha sido dirigido por ele durante seu exílio no Brasil, e que foi o responsável pela “trilha sonora” da minha infância e de a maioria dos mato-grossenses nos anos 60 e 70 do século passado, antes da divisão do estado.

Foi impressionante e marcante o momento em que o Marques tomou o instrumento na mão, ficou meio que petrificado, como se estivesse em transe, eu e a senhora Victória, olhávamos um para o outro sem dizer nada. Depois de alguns segundos, ele começou a tocar um dos temas do compositor mais conhecido, a polca “Malvita”. O acento da interpretação do Marques parecia ter um toque hassidista, e derramou lágrimas da viúva. Após o momento extático, voltamos à conversa e Victória nos ofereceu um delicioso suco de Aguai, depois nos ofertou o livro biográfico do Hermínio Gimenez, escrito pelo grande cronista Jose Fernando Talavera. Enquanto conversávamos, eu gravava tudo num gravador em fita cassete. Eu jamais imaginaria que tal acervo seria de suma importância para minha pesquisa musical e que, futuramente, ajudaria a marcar o maior episódio da música erudita mato-grossense.

Todo esse material fora me servir quase dez anos depois, precisamente em 2005, quando o secretário estadual de cultura, o então meu amigo antológico João Carlos Vicente Ferreira, e o amigo e colega, maestro Leandro Carvalho, fundaram a Orquestra Sinfônica do Estado de Mato Grosso. Tal material, bem como as músicas e algumas partituras do maestro Giménez, ajudou substancialmente na fundação e na formação da saudosa Orquestra. Advento este, que marcou o maior e único período da história da música erudita regional, dado que através do estudo das gravações da Orquestra de Câmara do disco de vinil “Paraguay Romantico” do maestro Hermínio Giménez, e do outro vinil, gravado pelo Conjunto Serenata, liderado pelo violinista cacerense Tote Garcia, foi possível o então maestro Leandro Carvalho, fazer uma interpolação rítmica e chegar na pegada do Rasqueado Cuiabano, que originou, mais tarde, o lindo CD—Mestres do Rasqueado, O Berante Pantaneiro e o último Pantanal Sinfônico.

No outro dia, fomos até o Jardim Botânico e Zoológico de Asunción, santuário que já completou um século de existência, na volta, fo-

mos para Fernando La Mora, despedir da família Rodriguez Correa e também dos vários colegas e amigos, dado que a Ponte da Amizade já fora liberada pela manhã, após mais de uma semana de bloqueio. Perguntei para o Carmelo sobre Azucena, ele me chamou de lado e me disse que eu não a veria, pois ela tinha ido visitar parte da sua família que moravam em Concepción, cidade que fica na divisa com Argentina e, que iria ficar lá por todo o final da semana. Mas deixou o número do telefone e o endereço dela para mim, caso eu quisesse ir encontrá-la. Fiquei meio decepcionado, confesso, pois queria tanto ver aquele rostinho bonito, daquela menina-mulher, mas não achei boa ideia; foi mais um sentimento que iria fazer parte das minhas recordações, a qual que eu chamo de *“ânsia de amor perdido nos labirintos...”*.

Conformado com a situação, voltei para o pessoal que já estava com o violão, cantando, tomando Caa-guy (chimarrão) e comendo chipa, porque estava um entardecer frio. Foi uma visita curta, era meio da semana, falamos dos lugares que estivemos e que o pessoal da APA havia confirmado nossa entrevista para outro dia pela manhã na Rádio Nacional de Asunción. Todos gostaram da notícia e disseram que estariam ouvindo. Nos despedimos e voltamos para o hotel.

Entramos na Rádio, no outro dia, às 8 horas em ponto, com meu violão e o Marques com bandoneón. O locutor San Tome já estava tomando tereré e fazendo a abertura do programa com um improviso poético, dizendo que, nesse dia, ele iria subir o rio Paraguai dentro de uma chalana, pois a conversa seria com dois investigadores brasileiros que iriam pautar a influência da musicalidade guarani na música brasileira. Após as apresentações de praxe, eu comecei a dissertar em espanhol a saga das transformações musicais pós-Guerra Tríplice Aliança. Primeiramente, em Mato Grosso, a origem da formação do nosso rasqueado, depois foquei no sudeste do Brasil, na época da proliferação das rádios e das primeiras gravações em vinil de 78 rotação, da formação da música Caipira, a autenticidade antropológica, dado que era essencialmente brasileira e que, mais tarde, o hibridismo com os ritmos latino-americano é que *“formatou”* a nova face e, como e porquê foi se chamar Música Sertaneja. Dissertei sobre a versão e o sucesso da guarânia *“Índia”*, sendo uma das primeiras modalidades versadas em português pelo compositor e letrista José Fortuna, e que isso acontecera 20 anos após a sua criação pelo então compositor paraguaio Jose Asunción Flores e, que o gênero foi também a primeiro a construir a nova forma-

ção da música do interior do Brasil, dado que o Paraguai era a fronteira mais próxima da região e o movimento pecuário nos anos vinte e trinta em Mato Grosso, facilitou substancialmente o ecletismo, devido ao modo pecuarista ser comum em ambas regiões. Disse também, que outros gêneros musicais, trazidos pelos filmes da produtora mexicana Pelmex, tais como o bolero cubano, huapango mexicano, cueca chilena, e tantas outras músicas do acervo popular latino-americano começaram a ser versados em português e executado nas diversas rádios do interior, dando ênfase a nova proposta eclética.

O Marques, quieto, entendia perfeitamente e dava seus pitacos bem colocados. Íamos falando e exemplificando, tocando cada tema respectivo ao assunto, tal como as clássicas Chalana, Lembranças, Guarânia da Saudade, etc. Havia também no estúdio de salvaguarda, um professor (não me lembro o nome) de antropologia da Universidade de Asunción, que às vezes interrompia fazendo perguntas detalhistas, às vezes confirmando ou discordando das minhas colocações. Ele lembrou do escritor e compositor brasileiro, Mario Palmério, que deixou uma grande obra intitulada *“Noches de Asunción”*, gravada nos anos sessenta quando o artista foi embaixador brasileiro no país e a guarânia *“Saudade”*, de sua autoria, gravada no disco de vinil, fazia ainda grande sucesso no meio musical da cidade.

A participação do ouvinte era bem controlada pelo atendente telefônico do estúdio, a Rádio era transmitida em Ondas Curtas e o sinal ia para o mundo todo. Num dado momento, um ouvinte de Nova Zelândia queria falar conosco e fazer um pedido. O San Tome fez sinal para que sincronizasse o áudio do telefone para dentro do estúdio. Logo que foi feito, eles disseram que há muito tempo não ouviam bandoneón e queria ouvir um tango, nós fomos diretos, dizendo que não cantávamos tango, e ele disse que sabia o clássico *“Adiós Muchachos”* e pediu, em seguida, para que nós o acompanhássemos. Olhei para o Marques, sabia que era hora de músico *“engolir sapo”*, porque sabia que ele não gostava desse tango, há uma história sinistra sobre essa música, eu prefiro não entrar nesse detalhe. Olhamos um para o outro, nos prontificando, então, a acompanhar o ouvinte. O Marques fez a introdução, demos a deixa e o ouvinte começou cantar, parecia que havíamos ensaiados, deu tudo certo com direito até de aplausos no estúdio.

Tínhamos somente 20 minutos de entrevista, porém, por conta do entusiasmo e das curiosidades por parte dos nossos interlocutores,

a conversa levou quase 2 horas. O momento maior da entrevista foi quando o professor perguntou:

— Qual a era a guarânia cem por cento brasileira, mais antiga e mais conhecida? Quem o era o compositor? Quem gravou? Em que ano?

Eu, então, lhe respondi, que o título era “Cabecinha no Ombro”, do compositor fluminense Alcides Giraldi, gravada em 1953 pelo próprio compositor. Ele, então, pediu para que tocássemos a obra.

Quando começamos a tocar e a cantar a música, percebi um sorriso cúmplice do locutor San Tome e do professor. O telefone do estúdio então começou a tocar e não parou mais. Um canal de TV da capital marcou uma entrevista conosco no final da tarde nesse mesmo dia. Não entendi, no momento, todo aquele alvoroço que estava acontecendo, pois havíamos mostrado algumas das principais influências e versões das guaranias mais famosas no Brasil, como “Índia” e “Le-jania” (Meu Primeiro Amor) e não houve nenhuma reação dos ouvintes! Pressenti que havia algo acontecendo na mídia local, o qual eu e o Marques não sabíamos até aquele presente momento.

Porém, depois que fizemos as considerações finais e as despedidas, logo entrou outro locutor, meio zangado por termos avançado no tempo do seu programa. O San Tome e o professor se desculparam com ele e nos chamaram de lado, dizendo que a música Cabecinha no Ombro estava sendo muito executada na versão em guarani com o título “*Eyaivy na che ati`y ari*” pelos músicos da capital e, que a TV que marcou a entrevista conosco era a maior do país e estava exibindo a novela brasileira “O Rei do Gado”, na qual a música era tocada pelos protagonistas, o violeiro Almir Sater e o cantor Sergio Reis.

Com a informação deles, foi desmistificada a exaltação dos ouvintes no final da entrevista, quando tocamos a música. À tarde, gravamos para TV e, à noite, fomos beber e comemorar com nossos amigos de Fernando La Mora, que nos cobraram também por não termos cantado a tal música na serenata. Eu disse que não sabia da novela, pois nunca tivemos hábitos de ver telenovela e, outrossim, achamos melhor que a serenata fosse cantada em espanhol e em guarani, já que éramos visitantes. Enquanto conversávamos bebendo Aristocrata, o telefone fixo tocou e dona Edelmira atendeu, me chamando e dizendo que era Azucena do outro lado da linha. Quando atendi, ela me disse que havia assistido a entrevista e também me cobrou por não ter tocado Cabeci-

nha no Ombro pra ela na serenata. Eu lhe disse que ficaria devendo e que quando ela voltasse, eu teria o prazer de cantar para ela, mas queria a linda cabecinha dela no meu ombro, o que a fez dar risada do outro lado da linha e fazer barulhos de beijos, murmurado em guarani “*adiós che ro rayjhu*” (adeus meu amor) no aparelho se despedindo.

Obviamente a minha romântica promessa pra Azucena não aconteceu, no próximo domingo a noite embarcamos para o Brasil. O respaldo midiático da entrevista na TV, antes de viajarmos, ainda provocava “efeitos colaterais”, pois quando eu e o Marques parávamos em algum boteco da cidade para comer ou beber qualquer coisa, logo vinha uma mulher ou um jovem colocando violão na minha mão, sorrindo e dizendo pra nós:

— *Rehe pytyvõ! Mbopú eyaivy na che ati`y ari!* (Por favor! Toque Cabecinha no Ombro!)

Capítulo 12

COMENDADOR JOÃO
ARCANJO RIBEIRO

Estávamos no final do século vinte, precisamente 1988, quando fui convidado pelo jornalista Márcio Almeida, irmão do ex-deputado e jornalista Sergio Ricardo, para fazer uma gravação especial sobre a famosa Estância 21, um cassino que se localizava à direita da BR-364, na saída de Cuiabá e, que pertencia ao nada mais nada menos que o senhor João Arcanjo Ribeiro, conhecido como “Comendador”.

O Márcio, um dia antes da pauta, telefonou-me e disse para colocar no repertório da gravação em pauta o tango argentino, pois caracterizava melhor a matéria. Ciente da proposta, estendi o convite ao meu parceiro, o bandoneonista Marques Carai, que aceitou de imediato. Visto que tanto ele quanto eu almejávamos há muito tempo conhecer de perto o tão badalado cassino da Estância 21.

Na data marcada da gravação, fomos para lá às 08 horas da noite. Nesse tempo, o Marques Carai tinha um Dogde Dart, carrão antigo dos anos 60, superconfortável e marcava presença onde estivesse, pois tinha uma oponência extraordinária.

Logo que avistamos as letras de neon, percebemos que haviam chegado no local. Entramos e estacionamos, não vendo o Márcio com sua equipe de gravação, resolvemos permanecer esperando-o dentro do veículo.

Havia passado dois minutos, apareceu um senhor de terno e gravata com uma lanterna, todo sorridente, convidando-nos a entrar. Informamos a ele sobre a gravação e que estávamos esperando a equipe do Márcio, que assim que ele chegasse, entraríamos. O senhor disse que iria comunicar diretamente ao Comendador, mas enfatizou que seria mais conveniente que entrássemos na casa.

Depois de quase 15 minutos de espera da equipe, que já estava atrasada, aproximou-se de nós um outro senhor que fazia parte da segurança do cassino, este já de jaqueta, com ar mais sério e que dava para perceber que estava armado, quando ele abaixou para falar conosco, foi notável o objeto na sua cintura. Não foi nenhum pouquinho cordial, pelo contrário, muito sério, disse:

— *Ou vocês saem do carro agora e entrem na casa, ou vão embora... entenderam?*

O Marques olhou para mim e fez sinal para sairmos. O segurança ficou esperando, enquanto tirávamos os instrumentos do banco de trás do carro e, logo que saímos, ele nos ordenou secamente:

— *Sigam em frente e sentem no alpendre da entrada. Podem me aguardar lá.*

O Márcio chegou logo em seguida com a equipe e foi diretamente para onde estávamos. Enquanto ele se desculpava pelo atraso, olhei para a frente e avistei, vindo em nossa direção, o senhor João Arcanjo Ribeiro em pessoa, que caminhava, ladeado pelo segurança que nos ordenou a sair do carro e mais três, todos de terno preto.

Eu me vi diante de um homem quase da minha altura, de tez morena, trajando uma calça de brim índigo combinando com uma camisa azul clara, tranquilo, todo sorridente, tamborilando com o polegar de uma das mãos nos outros dedos que estavam ornamentados com anéis de brilhantes e reluzia com o reflexo das luzes das lâmpadas do teto, enquanto ele se dirigia na nossa direção. Logo parou há uma distância de três metros, e sorrindo exclamou:

— *Guapo! Guapo! Grande cantor mato-grossense, um dos poucos da minha preferência, o que traz pela primeira vez aqui na Estância 21? —* Disse fazendo sinal para que os outros seguranças checassem o Márcio e a sua equipe, para confirmar não haver nenhum instrumento que representasse algum tipo de ameaça.

Terminada a checagem de praxe, apresentei o Márcio e sua equipe de gravação, e este, por sua vez, pediu licença a ele esclarecendo o propósito de tudo aquilo e, que queria gravar no local a sua matéria, dizendo ser muito importante para sua TV. O pedido foi imediatamente liberado.

Por um momento, eu senti que estava diante de um dossiê, muito emblemático, o qual era amado pela população, mas temido por uma minoria. No seu sorriso de gente do povo, cativava qualquer um, pois não havia a falsidade, tampouco hipocrisia.

Ele então olha pra todos nós e disse que poderia gravar, porém, com certas ressalvas. Simultaneamente ele pede para os seguranças fecharem as janelas que davam vista ao interior da sala dos jogos, e que

após terminar a gravação e guardar os equipamentos, todos poderiam entrar e conhecer o local das apostas.

Tudo pronto para a gravação, eu e o Marques Carai demos início, executando o tango antológico La Cumparcita, depois Madre Selva, El Chocro, Rodrigues Peña, partimos para o belo chamame Mercedita, Kilometro 11 e minha canção marcante Canto Guacho. Depois de uns 20 minutos, o Márcio faz sinal para que desse um tempo, para suas colocações temáticas sobre a pauta, pedindo que tocássemos um pouquinho mais baixo, um tema instrumental, enquanto ele enfatizava o enredo da pauta jornalística.

De repente, começou a sair várias pessoas da sala de jogos, sorrindo e surpresas com a “serenata”. Algumas conhecidas da política local, do judiciário, bem como de outros órgãos públicos da Capital. Foram se aglomerando, batendo palmas quando terminávamos uma música, o local logo ficou com ar de um recital particular de amigos.

Quando o Márcio fez o corte, após a finalização da música instrumental Danza Paraguaya, agradeceu a todos os ali presentes e sinalizou que havia terminado a gravação, sobre protesto do mais um...mais um! Vi o senhor João Arcanjo todo sorridente sair de uma penumbra, e foi então que percebi que ele havia assistido toda a gravação. Batendo palmas, aproximou-se de um dos seguranças particular, cochichou alguma coisa no ouvido dele e se afastou; este, por sua vez, nos cercou, enquanto guardávamos os instrumentos no case, e disse que estávamos convidados pelo anfitrião para tomar chopes, whisky e jantar, pois era uma cortesia da casa.

Fiquei alegre e, no meu jeito espontâneo de ser, fui entrando na sala de jogo, todavia, fui barrado por um dos seguranças, um japonês que olhou para mim e para o meu chapéu e, disse que eu não podia adentrar lá portando tal vestuário e, que teria que tirá-lo

imediatamente, pois, era norma da casa. Fiquei chateado, olhando para a cara do japonês, que se voltou e já ia se retirando, quando apareceu um dos seguranças particular, vendo minha indignação aproximou-se de mim e perguntou o que houve, eu relatei o acontecido e ele foi conferir com o segurança. Voltando, disse para que eu aguardasse ali mesmo. Depois de um minuto, ele voltou, entrou no recinto e falou alguma coisa no ouvido do segurança japonês da sala de jogo, e este logo veio a mim e sorrindo dizendo que a minha entrada no local estava

liberada.

Ao entrar no recinto, senti os olhares que pareciam tanger o meu chapéu Panamá, alguns comentavam em voz baixa: “— *Ele pode, é o Guapo né!*”. Não dei importância aos comentários, fiz de conta que não ouvi e segui em frente. Lá dentro eu me senti à vontade e, confesso que o ambiente era muito alegre, familiar e tranquilo, arrisquei alguns trocados no bacará, pois o preço das fichas era barato.

Depois saímos da sala de jogo e sentamos numa mesa da antes-sala, e junto do Marques, do Márcio e equipe, desfrutamos da cortesia do Comendador, pedindo alguns drinks do bom malte e, também um tira-gosto, ao invés da janta. Veio uma porção deliciosa da ventrecha de pacu frita, o qual desceu bem com o whisky, enquanto conversamos sobre o impacto da matéria, pois era uma pauta inédita e o Márcio Almeida, foi o primeiro jornalista a mostrar na mídia um recital na Estância 21.

No dia em que a matéria foi ao ar, o comentário tomou conta da cidade e o quadro do programa foi reprisado várias vezes pela TV Mato Grosso.

Passado alguns dias, encontrei na rua do Meio outras pessoas que trabalhavam com a Loteria Colibri, jogo este comandado pelo Comendador. Um deles, o meu amigo Lima, me chamou de lado e disse:

— *Escutei um comentário que ocê Guapo, foi a única pessoa que entrou de tchapéu lá sala de djogo do cassino da Estância 21.... É verdade xômano?*

Assim foi que conheci esse emblemático dossiê e, que apesar de todos os acontecimentos noticiados que permearam a sua vida, sabemos que a maioria são factoides. Eu continuo tendo minha admiração particular por esse homem de tez morena, sorridente, apreciador das minhas músicas e, sobretudo, da cultura cuiabana.

Capítulo 13

GUAPO'S

A aurora estava começando, quando o voo São Paulo – Washington, D.C. se preparava para pousar no aeroporto Dulles. Era 2 de novembro de 2005, dia de finados, mas na capital americana era um dia igual aos outros e “quem tivesse algum morto na família e quisesse ir ao cemitério, que fizesse no horário do almoço”, foi o que me disse sorrindo o gerente do hotel Daysin, quando perguntei a ele se era feriado no seu país. Pessoa muito simpática e, logo que soube que eu era músico brasileiro, comprou meu CD e pediu autógrafo.

Foi assim que aconteceu no primeiro dia quando desembarquei nos Estados Unidos juntamente com a comitiva formada pela artista plástica e idealizadora do projeto Marlene Kirschev, bem como Nazário e esposa, do grupo de Chorado de Vila Bela da Santíssima Trindade, e também os músicos Marcos Levi e Benê Cintra. Iríamos fechar a quinzena cultural, intitulada “*Mato Grosso State Cultural Fortnighth in Washington*” no Brazilian American Cultural Institute (BACI), um órgão do Itamarati que promovia a cultura brasileira na capital americana.

O quadro cultural do encerramento chamava-se *Root Music and Folk Dance*, e o meu recital “*Searching for the lost river*” (Em busca do rio perdido).

Eu estava no quarto semestre do idioma inglês aqui em Cuiabá, quando viajei para fazer esse evento. Já me comunicava bem, mas lá em Washington é que fui lembrar das advertências da minha professora Marita, a qual me havia alertado sobre a importância do exercício do chamado “*link sound*”, ou melhor, a ligação dos sons dos vocábulos nas frases do idioma e, que somente após isso, consegue-se entender a fala de uma pessoa e, consequentemente, começa a dominar a conversação.

No outro dia, numa sexta-feira, estávamos nos preparando para fazer o fechamento da quinzena cultural que havia começado há duas semanas. Após perambular pela manhã para conhecer a cidade de Virgínia, onde estávamos hospedados, no final da tarde, o trompetista Levi, o percussionista Bêne Cintra, a artista plástica Marlene Kirschev, e eu pegamos um táxi para irmos até o local. Percebi no caminho que o taxista quase não conversou conosco, então puxei

conversa com ele, que me parecia ser imigrante latino, queria falar um pouco espanhol, mas ele me disse que não sabia, então voltei ao inglês, mas ele não deu muita atenção. Fiquei intrigado e perguntei em qual idioma ele gostava de conversar, foi então que ele diminuiu a velocidade, olho para mim e disse:

— *I’m Cherokee man! If you wanna to tell me... speal me in Cherokee! Do I make myself understood?*

Depois dessa, só pude responder:

— *Yes! I agree...!*

Jamais havia visto tanta convicção num ser nativo na minha vida, nem nas minhas andanças na Cordilheira dos Andes. Pensei que talvez por causa dessa dignidade inviolável, as leis dos brancos americanos não valem para as reservas indígenas do país.

Outro acontecimento marcante nos Estados Unidos, foi quando eu estava caminhando com os amigos pelas cercanias do BACI e, depois da ponte sobre o rio Potomac, já na Virgínia encontrei um restaurante com o nome “Guapo’s Restaurant”, na avenida Arlington. Tirei foto na frente, entrei para conhecer o lugar e, como estava frio, pedi uma dose de tequila e conversei com um dos atendentes sobre o nome do restaurante e, ele me disse que lá há muito tempo reunia várias pessoas belas e trabalhadoras para tomar um drink.

Estávamos na metade da estação de outono e, quem conhece o hemisfério norte, sabe que tudo fica multicolorido, o clima é frio, mas nem tanto, a maioria das pessoas prefere essa estação do que as outras. Assim estava Washington e Virgínia, onde transitamos durante os três dias de eventos.

A minha apresentação aconteceu na sexta-feira, dia 4 de novembro, às 21h logo após a palestra do ex-prefeito de Colider, o senhor Celso Banazeski.

Uma das minhas surpresas nesse dia foi o encontro com a jovem Sabrina Macedo Moran, filha de Marli Macedo Pinho com um americano. Surpreendi-me ao ver aquela linda mulher sorrindo vindo na minha direção, falando um português impecável e se apresentando. Eu me lembrei dela quando encontrei com a prima Marli e ela com 10 anos em 1995, num voo de Cuiabá/ São Paulo, a qual nem falava português.

Depois que o auditório do BACI encheu com uma contingência

de 100 pessoas, o senhor Jose Neinstein abriu o evento com seu discurso, pontuando a união dos povos, logo em seguida, chamou o Prefeito de Colider, o qual fez sua fala, mostrando os potenciais do município e enfatizando o convite para conhecerem a respectiva cidade do norte de Mato Grosso, um trabalho bem feito com tradução momentânea. Após a fala dele começamos, dado que nosso *show* foi programado para fazer o encerramento da Quinzena. Comecei, então, com a música Canto Guacho, depois fui mostrando cada tema com uma explanação preliminar em inglês, para que a plateia tivesse mais ou menos ideia do que eu estava cantando. Durante o recital, cantei algumas peças da música paraguaia e argentina, para situar o tema do “rio perdido”, entendendo que o Rio Paraguai, que está ameaçado pela depredação, é um rio comum em quatro países da América do Sul, sendo este, o motivo condutor do recital. Fiz alusões ecológicas a respeito do rio Potomac da capital americana, parabenei o país por ter cuidado do rio, o qual também ficou poluído por muitos anos e, hoje está limpo. Minha sobrinha Sabrina me disse depois, que a maioria dos presentes eram alunos de língua portuguesa do BACI. Fiquei mais contente, pois a minha apresentação como *Pantanal's singer of roots melody* deu ênfase e vendemos todos os CDs e livros que levamos.

Fizemos encerramento com o rasqueado Baixada Cuiabana do colega João Eloy e homenageamos o grande compositor americano Doc Ellington, o qual era natural de Washington, tocando o clássico do Jazz “Caravan”, de sua autoria, executado em um solo belíssimo de trompete Flügelhorn pelo músico Marcos Levi, que deu o toque final e fomos aplaudidos em pé.

Tudo isso foi bem colocado, o carinho com todos nós foi tanto, que nos comprometeu após o evento. Os americanos nos seguraram na saída para cantarmos mais alguns clássicos latino-americanos. Ficamos mais de meia hora com eles cantando *hits* mexicanos, argentinos, cubanos, paraguaios etc.

No outro dia, Levi e eu rumamos à Manhattan, New York, para a casa da minha prima Lilian Pinho, que nos buscou no Terminal da Ilha, e já saímos para conhecer a cidade e ‘tomar umas no Chinatown’, ouvir Jazz com uma orquestra chamada Stan Rubin’s Tigertown Five, onde Levi tocou algumas bossas novas com a banda.

No outro dia fomos perambular pela cidade, conhecer o Central

Park, lojas de discos, em que nos deparamos com uma loja de cinco andares e com estoque de música do mundo inteiro. Bem na entrada estava um pôster enorme do guitarrista mexicano Carlos Santana, pois seu álbum Supernatural estava ainda bem posicionado nos *hits* do ano. Conhecemos a Escola de música Juilliard, onde ficamos impressionados com a organização e também com os cursos e oficinas que estavam na programação, e vimos que um dos mais aclamados músicos do Jazz da atualidade, o trompetista Winston Marsalis, seria o próximo monitor da oficina.

No dia seguinte fomos convidados para almoçar em New Jersey, na casa da prima Tânia e Neal Cury. Minha prima Tânia conheceu seu esposo em Cáceres, casaram lá mesmo, moraram em várias partes do mundo, mas atualmente vivem em NJ há muitos anos. Foi uma viagem longa, fomos de trem seguindo as orientações da prima Lilian, dizendo que chegaríamos mais rápido. Nesse dia não estranhemos a comida, por que a prima Tânia, fez uma deliciosa feijoada com tudo que o tinha direito.

Uma semana depois, Levi e eu estávamos de volta ao Brasil, tal retorno foi uma odisseia. Nós reclamamos dos voos aéreos daqui, lá os atrasos e os desencontros são bem piores, sem contar extravios de bagagens.

O primeiro foi no aeroporto La Guardia, porque reclamamos sobre o atraso do voo que nos levaria até Washington, para pegarmos a baldeação para São Paulo e a responsável pelos informes, uma nicaraguense muito elegante, nos disse que a nossa baldeação para o Brasil, na Capital, estava atrasada por causa da nevasca no estado do Colorado e, que a aeronave a qual iríamos embarcar fazia escala na capital Denver.

Levi e eu ficamos tranquilos e fomos tomar Whiskey para esperar, não havia outra alternativa. Conclusão: saímos de New York com mais de uma hora de atraso. Para a nossa surpresa, quando chegamos no aeroporto Dulles em Washington, o nosso voo/ baldeação já havia decolado há mais de 30 minutos. Fomos reclamar com os atendentes dizendo que fomos mal informados sobre o atraso do voo anterior, mas não adiantou nada. Enfim, teríamos que esperar quase 24 horas para pegar o novo voo. Nem os cuidados para nos acomodar e reparar a falta de responsabilidade por parte deles aconteceu. Tivemos que esperar dentro do aeroporto, porque eles fecham após a meia-noite e

só abrem na manhã do dia seguinte. Mesmo que abrissem, quem se habilitaria a sair? A temperatura estava caindo para quase zero grau.

No outro dia, ao abrirem a entrada do aeroporto, parecia que havia uma procissão de pessoas entrando no recinto para viajar. Embarcamos às 05 horas para São Paulo, embora o voo leve dez horas, mas com a diferença de duas horas no fuso horário, chegamos na capital paulista ao meio-dia.

Outra correria, porque fomos informados na saída da aeronave que o voo/baldeação para Cuiabá já estava na pista e sairia em 5 minutos. Depois de muita luta com atendentes que queriam atrasar ainda mais a nossa volta por causa das bagagens, enfim embarcamos em torno de 12h20 para Cuiabá.

Esse episódio foi muito importante, pratiquei meu inglês, pois havia dois anos que fazia aulas e nunca tinha um contato prático com o idioma. Saí pela primeira vez do hemisfério sul do continente e, por outro lado, tive uma visão mais detalhada dos Estados Unidos. Quanto às vicissitudes que aconteceram, me deixou mais convicto, *já não gostava de aeroporto, passei a detestar ainda mais, principalmente ter que viajar longas distâncias.*

Capítulo 14

JANAÍNA... VOLVI A LOS 17!

- Oi!
- Sim! Quem é você!
- Janaína, e você?
- Guapo, o músico. Você me conhece?
- Não!
- Então quem te deu meu número?
- Ninguém, encontrei no meu celular... achei que você me mandou.
- Olha moça... esse número meu é novo, poucas pessoas têm e, eu não mandaria meu contato para pessoas que não conheço.
- Me desculpa... achei que queria falar comigo.
- Tudo bem, você quer me perguntar alguma coisa? Tudo bem, pode falar...
- Eu só quero conversar...

Naquele momento é que vi direito no ícone, a foto de uma garota loira muito bonita de batom vermelho e semblante tristonho, percebi que estava falando com alguma garota de programa, e que alguém havia passado meu número de celular para ela e, talvez, algumas informações minhas. Então fui direto perguntando a idade dela, que me respondeu:

- 17..., e você?
- 69... somos vizinhos (rs)! — Ironizei e perguntei.
- Rs!
- Você trabalha?
- Não, eu não trabalho! Só estudo!
- E seus pais onde estão? São evangélicos?
- Não! Minha mãe trabalha...
- Então você não trabalha?
- Não... eu quase não saí de casa!

- Quando você completa 18 anos?
- Dia 15 de agosto, por quê?
- Eu faço 70 anos no dia 5 de setembro... continuamos vizinhos, né?! (rs)
- Rs!
- Você é uma loira muito bonita!
- Não sou loira... sou morena!

Naquele momento, enquanto falava com ela, fui conferir acionando sua página do Facebook pelo computador, vendo outras fotos dela, realmente ela era morena, depois vi uma foto dela com duas crianças, então voltei para o WhatsApp e fui enfático:

- Você é mãe de duas crianças?
- Não! São meus sobrinhos!
- Não parece! Insisti pra ver a reação dela.
- Por que você faz tanta pergunta?
- Não queria conversar? Estamos conversando, Janaína!

Então ela foi direta no propósito da conversa e perguntou:

- Você sairia comigo, mesmo eu tendo 17 anos, e me daria uma pequena ajuda?

Eu estava naquele momento passando por uma situação extremamente crucial, havia sido desgraçadamente limado de dois projetos da Lei Aldir Blanc pela retaliação imposta pelo governo do Estado e seu asseclas secretários, tudo por eu ter apoiado na última eleição o candidato de oposição a ele. Estava desanimado, pós 36 anos de trabalho para política cultural do Estado, muito mal pago todo esse tempo e, quando nós, artistas, tivemos uma ajuda federal de emergência criada pela Lei Aldir Blanc, da Deputada petista Benedita da Silva, o governo bandido resolve fazer politicagem com o recurso, me nivelando a principiante, em detrimento promovendo pessoas que eles queriam, principalmente os que não eram simpáticos com a nossa ideologia, cultura, ou melhor, com a Vanguarda Nativista! Com isso, 95% dos artistas que eram ligados à ideologia foram derrubados.

A pandemia estava matando muita gente, eu era do grupo de risco. Há seis meses havia passado pela segunda vez por cirurgia de

hemorroida, há oito meses estava fazendo tratamento de hipotireoidismo e há dois meses realizava reposição de testosterona.

Eu estava à beira da depressão, sem dinheiro, sem poder cantar e tocar, o meu último livro “No Limiar”, uma semana após lançado no começo de março, foi abortado das vendas devido a quarentena instituída. Não sabia o que fazer, desiludido com tudo, sem paciência com namorada, amigos, colegas, enfim: eu me sentia desolado e desanimado da vida, foi quando respondi a proposta de Janaína.

— Sim, eu sairia com você Janaína, mas como vamos fazer para nos encontrar? Sabia que estava arrumando mais problema para minha cabeça, me metendo com moça menor de idade, sabendo que a maioria dos motéis filmam e pedem documentos, eu já tinha lido vários casos de polícia prendendo homem idoso com menor em motel, mas ela respondeu que iria me ligar para tratar do nosso encontro.

Aquilo me deu um ‘tesão’ fora do comum, senti que o tratamento da testosterona estava dando certo ou o ímpeto de me animar com a vida estava voltando através da proposta daquela garota que não conhecia e que falava comigo do outro lado da linha.

Não era um fato novo para mim, porque há mais de quatro décadas eu havia tido um caso em São Paulo com uma garota de programa chamada Claudia, negra, gaúcha, que tinha também 17 anos, viciada em maconha, e eu gostei muito dela. Por causa dos problemas que o vício dela estava me trazendo, nos separamos. Ela sofreu muito e eu também, mas não havia outra alternativa, tive que mudar de bairro, ou melhor, fugir dela.

Durante uns 10 dias Janaína me dava bom-dia, boa-tarde e boa-noite, às vezes me pedia crédito para celular, eu sentia na energia dela pouco pouco que havia algo de misterioso naquela garota, porque garota de programa não gosta de ter vínculo.

Às vezes eu a buscava no WhatsApp e, encontrava a página dela sem a foto no ícone, então, quando ela respondia a mensagem, eu cobrava o ícone. Isso acontecia sempre, ela dava risada e colocava de novo uma nova foto. Percebi depois que ela fazia isso para me chamar a atenção.

Como eu havia prometido para o meu sobrinho Rodrigo César que iria visitá-lo em Florianópolis, ele me apertou comprando a passagem para viajar no dia 18 de janeiro, porque tinha uma proposta de

trabalho lá na Ilha.

Três dias antes de viajar, Janaína me deu o “oi” de sempre e perguntou como eu estava. Foi então que pensei e falei com ela, já esperando um adeus, dado que o que eu iria propor, nas minhas condições para o encontro, era incomum, mas eu precisava dizer, então comecei:

— *Janaína eu tenho que viajar pra Florianópolis amanhã, quero acertar nosso encontro pra daqui uns quinze dias, pode ser?*

— *Pode sim!*

— *Preciso saber umas coisas antes do nosso encontro, posso te falar?*

— *Claro que pode!*

— *Eu sou um homem que tenho outras amantes, por isso eu não uso camisinha, tudo bem?*

— *Tudo bem, porque se você se cuida... pra mim tudo bem!*

Fiquei radiante e pensei “eu gosto dessas meninas de hoje, porque são ousadas”, e altaneira, continuei a minha colocação:

— *Tem mais coisas!*

— *O quê!? Perguntou ela num tom meio curioso cheio de pontinho de interrogação, então eu respondi.*

— *Eu gosto de fazer as coisas sem pressa, gosto de conversar, namorar, beijar, chupar você, de ser chupado por você, e ao penetrar na sua vagina, vou demorar movimentado e nem vou gozar dentro, mas depois vou comer seu cú e gozar dentro dele... tudo bem?*

— *Comer meu cú... me chupar... Não!* — Respondeu enfática colocando várias figurinhas!

Eu enfatizei de novo:

— *Vem me dizer que nunca deu seu cú?*

— *Não! E também não gosto que me chupa... mas eu... chupo!*

Pensei comigo, lá hora do tesão dentro do motel, eu vou derrubar essa barreira psicológica e libertar mais um corpo feminino como sempre fiz com minhas ex-namoradas, para que Janaína possa se encantar com o melhor da vida: Erotismo!

Já havia me despedido dela, quando ela voltou a ligar e me falou:

— *Posso te pedir um presente?*

— *Pode... o que quer?*

— *Quero uma bolsa (disse a marca, não me lembro) e um chinelo, tá num preço bom no shopping de Várzea Grande.*

Eu falei:

— *Então me mande o valor que eu compro, mas que seja logo.*

Conclusão: ela não pôde sair de casa, porque cuida de dois sobrinhos, os quais eu havia pensado no início que fossem seus filhos, mas eu constatei depois que era mesmo da sua irmã mais velha, a qual trabalha e não tem com quem deixar os pequenos. Quando ela pôde ir ao shopping, me enviou um áudio dizendo que não havia mais a bolsa. Naquele momento eu acabava de sair do aeroporto de Floripa.

Eu disse que não se preocupasse, pois eu compraria e levaria quando voltasse; ela então agradeceu e disse que estaria falando comigo na hora da compra e pediu que eu enviasse foto da bolsa na loja. Eu concordei e brinquei com ela, pedindo que me encaminhasse uma foto nua. Ela então me respondeu que não mandava foto e, que só faria isso depois que me conhecesse melhor. Eu dei risada e me despedi.

Uma semana se passou e as conversas com Janaína me deixavam a cada dia com mais tesão, porque ela começou a gravar áudios com sua voz aguda e me mandar mensagens perguntando o dia em que eu iria chegar, dizendo, que estaria me esperando.

Num dia ensolarado, fui ao centro histórico da cidade, precisava comprar camisetas para mim, porque já havia emagrecido 13kg, devido ao problema gástrico que tenho, obviamente teria também que comprar novas roupas e comprar o presente da Janaína.

Passei em várias lojas e quando eu perguntava da marca da bolsa que ela havia pedido, em todas as lojas era unânime a resposta: “devido a escassez de mercadorias, não tinha aquela marca e, que se eu quisesse apenas aquela, teria que ir no shopping. Pensei e decidi comprar naquele dia, mesmo que fosse de outra marca. Verificava uma, fotografava e mandava para ela, que respondia educadamente que a cor não era do seu agrado, partia pra outra e a vizinha aguda do áudio, após ver a foto, desaprovava. Depois várias fotos e risadas minhas e da vendedora, ela concordou com uma, então comprei. Logo meu celular tocou, era minha sobrinha Fabiana que estava vindo me resgatar para ir almoçar com ela. Despedi de Janaína dizendo

que compraria o chinelo noutro dia, o qual acabei comprando num quiosque da praia do Campeche.

Fiquei exatamente quinze dias em Santa Catarina, acertando lançamento do meu livro na CESUSC, através do Doutor Edmundo Lima de Arruda, o qual deu todo apoio. Depois, fui conhecer a parte serrana do Estado, na qual meu sobrinho e sua mãe pretendiam comprar uma casa para passar o inverno.

Mesmo lá na serra, estava falando com Janaína, e teve um momento que parei e ouvi seu áudio, perguntando sobre minha volta. Naquele instante estávamos passando por num lugar péssimo de internet, perto no município de Rancho Queimado, foi então brinquei com ela fazendo uma paródia de título de filme conhecido, dizendo: “*Nunca te toquei, mas sempre te amei!*”

A minha volta pra Cuiabá foi num sábado pela manhã, um dia antes conversei com Janaína, para que ela me esperasse no aeroporto e que buscasse saber de um motel que não pedisse documento dela, a conversa foi mais ou menos assim:

— *Oi, Janaína... viajo no sábado e chego em torno de 11 horas. Tudo bem para você?*

— *Tudo!* — respondeu ela, rindo.

— *Eu quero pedir para você ver um motel aí na Várzea Grande, que não peça documentos, porque você é menor de idade e podemos ter problemas.*

— *Alertei ela.*

— *Olha...eu não sei...!*

— *Mas como não sabe, afinal, você nunca foi num motel em outros programas que você fez? Foi na casa da pessoa? Ou foi no mato?* — Insisti com ela.

Ela deu risada e disse que ia perguntar pra alguém. Demorou alguns minutos e ela respondeu:

— *Shopping Motel!*

— *Fica perto do aeroporto e certeza que não vão pedir documentos?* — Enfatizei.

— *Sim!* — Respondeu ela.

Conversei mais um pouco e disse que, quando eu estivesse che-

gando falaria com ela para pegar um Uber e ir até o aeroporto para não perdermos tempo.

Fiquei meio apreensivo, a viagem foi tranquila, sem nenhum atraso, o único que estava agora ansioso era eu... parecia um adolescente que iria fazer sexo pela primeira vez, estava tremendo e inquieto.

Quando o avião pousou, a inquietação aumentou, liguei pra Janaína e disse que estava chegando, que ela poderia já pegar um Uber e ir para o aeroporto, como havíamos combinado. Parece que não era só eu que estava perturbado, eu já havia pegado minha mala e Janaína não chegava. De repente, ela me ligou dizendo que já estava vindo. O tempo passava e ela não chegava, eu ligava pra ela, a ligação caía, enfim, depois de meia hora ela disse que estava chegando e que era para eu ficar na porta do aeroporto, para que ela me visse quando chegasse.

Deu tudo certo desta vez, a motorista do Uber, uma bela mulher, por sinal, me conhecia e acenou para mim, para que levasse a mala e me fez entender que Janaína estava no carro.

Dentro do carro, todos de máscara, vi a linda criatura juvenil, vestida de Jeans e blusa branca, logo que sentei junto dela, meu coração acelerou ao fixar no semblante daquela menina/mulher que todo esse tempo era virtual, mas desta vez estava ali, ao meu lado, e puxou conversa exclamando.

— *Até que enfim nos encontramos... eh!*

Eu fiz sinal com a testa concordando com ela. Naquele momento a motorista perguntou para onde iríamos e eu disse que era para o Shopping Motel, mas Janaína interceptou dizendo não, mas para programar o GPS para o Delírius Motel. Depois ela me disse que mudou por que ficou sabendo que o anterior agora estava pedindo documento.

Ao entrarmos no quarto e fecharmos a porta, ela começou a tirar a máscara e as roupas meio apressada, foi então que eu a interceptei dizendo para ficar tranquila porque eu não estava com pressa. Olhei para ela e o batom vermelho que eu havia pedido para ela usar estava lindo naqueles lábios carnudos. Então, sorrindo, ela ameaçou tirar, afirmando que eu era casado e poderia ter problemas. Eu disse que não, então ela manteve e tirou o resto da roupa, ficando só de calcinha.

Foi um momentode esplendor para mim, uma cintura fina,

corpo moreno e muito sensual. Fascinado com aquela beleza de menina/mulher, perguntei:

— *Você é cuiabana?! —* E ela respondeu sorrindo, dizendo que era nordestina, de Alagoas, mas que desde os 5 anos de idade vive em Mato Grosso e, que já estava misturando o linguajar; foi então que percebi, realmente estava bem misturado. Então falei para ela:

— *Não acredito! Eu sou um homem de sorte!*

E ela respondeu com certo assombro:

— *Por que de sorte?*

— *Por que, faz muito tempo que não tenho uma nordestina tão bonita na minha cama, isso me faz acreditar que ainda há sorte em tempo de pandemia.*

Ela sorriu e disse:

— *Eu também estou surpresa com você.*

— *Por quê? —* Perguntei olhando nos gestos que ela fazia ao tirar os cabelos do rosto, sempre com seu sorriso que inter-cortava quando fechava a boca rápido, ela então pontuou:

— *Você é cheio de vitalidade, nem parece ter 69 anos! Eu achei que você era um professor que não gostava de conversar e cheio de manias....*

Eu dei risada e pequei uma dose de whiskey, só tinha Red Label, o mais comum, reclamei da bebida e Janaína riu, busquei gelo, não tinha. Ela, por sua vez, começou a tomar Keep Cooler, disse que de álcool era o que ela bebia, não quis nem experimentar whiskey. Ficamos namorando, coloquei ela no colo, ela me disse que começou a fazer sexo desde os 14 anos e, que seu pai abandonou a mãe dela com os três filhos, quando ela tinha apenas 5 anos, ainda lá no Nordeste e, que ela veio para Mato Grosso nessa idade. Eu comentei a minha vida, ela disse que não sabia quem eu era, que nunca saía à noite, não conhecia lambadão, nem rasqueado, porque a mãe dela a policiava direto.

Eu a beijava de leve seus seios, sua testa, acariciava seus cabelos, tocava sua cintura de leve, sua bunda e coxas bem torneadas, ela sorria e ficava séria. Foi aí que perguntei:

— *O que há com você... tem um sorriso lindo, porém curto?*

Ela respondeu:

— *Eu estava usando aparelho para alinhar meus dentes, veja! —* Me

mostrou o afastamento do encaixe ortopédico, e continuou falando: — *Minha mãe parou de pagar e então tive que ficar sem poder continuar o tratamento.*

Naquele momento meu sentimento ficou dúvida. Aquela garota nua e linda nos meus braços falando como uma criança desprotegida... O tesão esfriou, meu pênis que estava meio armado encolheu quase que totalmente. Janaína disse que não fazia programa com qualquer um, mas que somente quando precisava de alguma coisa e, que sabia que sua mãe não tinha como comprar, ela então, apelava. Contou também que tinha um padrasto com o qual não falava, porque tentou pegá-la à força por várias vezes.

Eu estava estarecido com tudo aquilo, quando Janaína começou a sorrir de novo. Bebi mais uma dose de Whiskey e pedi parachupá-la, mostrei que meu pênis precisava daquilo para se animar...foi quando ela me lembrou de nossa conversa, olhando nos meus olhos falou:

— *Eu disse que chupava, não disse que queria ser chupada.*

Vi que falhei na tentativa, meu sentimento ainda estava dúvida, foi então que pedi um beijo.

Fiquei em pé e a tomei nos braços. Demos o primeiro beijo, de repente ela parou, eu perguntei se eu estava com mau hálito, ela disse que não. Então começamos a beijar de novo, mas desta vez Janaína colou sua boca e ficamos quase um minuto colados num longo beijo. Eu sentia que ela me beijava visceralmente, parecia que sugava a minha alma; eu a carreguei sem sair do lugar, colado no seu corpo e nos seus lábios carnudos, senti-me pairando nas nuvens por um breve momento, a boca daquela garota me provocava um tsunami minha alma, e quando descolamos, eu estava extasiado, os lábios de Janaína tremiam e meu corpo também, quando a coloquei de volta no chão. Estava estonteante, nunca uma mulher havia me beijado daquele jeito. Meu pênis parecia pedra soltando baba, foi quando Janaína começou a chupá-lo. Vi que ela não tinha prática naquilo, então depois de alguns segundos, eu pedi para que parasse. Ela, então, olhou para mim e se posicionou de quatro na cama pra ser penetrada. Meu pênis deslizou suave na entrada da sua vagina, mas encontrou um pouco de resistência por estar ainda apertada. Mas a vagina de Janaína também pingava. Começamos, então, a copular bem devagar, eu a avisei que velho demora pra gozar, ela não disse

nada, continuou fazendo movimento pélvico. Depois de uns minutos de movimento, veio o orgasmo, eu gemia chegando a gritar de prazer, nesse momento Janaína parou de se movimentar, eu sentia o esperma expelindo dentro dela misturado com líquido seminal, era tanto que escorreu nas suas coxas. Ela olhou para trás, esperando saber se eu havia terminado eu fiz sinal que não, ela continuou quieta até meu pênis sair dela pingando, acompanhado da sua pressa para ir ao banheiro se lavar com medo de se engravidar.

Eu estava em estado de graça, tremia prostrado, sentindo uma felicidade profunda, parecia ter me livrado de um peso na alma.

Janaína voltou do banheiro com frio e se agarrou comigo, reclamando do ar condicionado, mas logo a aqueci com meus braços e minhas pernas nas suas, cantei nos seus ouvidos a música Fascinação, ela ouviu sorrindo e elogiou minha voz. Depois de alguns minutos, ela deixou de sentir frio, eu sentei na cama e ela carinhosamente pousou sua cabecinha nas minhas coxas; ficamos conversando, eu ainda extasiado pelo orgasmo, ouvia-a mais do que falava. Percebi que ela se soltou mais após o sexo, sorriu sem mais preocupação com os dentes e ainda brincava comigo. Falava também que ela e as crianças da sua irmã sofriam com o calor e que precisava comprar um ar condicionado para a casa, visto que ela também precisava para conseguirestudar e a sua casa era muito quente. Eu a escutava e sentia que deveria ajudá-la; não sei como, mas deveria.

Aquele rostinho no meu colo me deu um alento de vida que sinto até hoje. Ficamos conversando por uns quinze minutos, ela estava feliz e ainda lembrava das nossas primeiras conversas, e, quando estávamos para nos encontrar, tive que viajar. Combinamos de nos vermos outras vezes, pois a nossa química erótica depois do beijo longo parece ter conectado as nossas vísceras e as nossas almas. Ainda meio tonto, comecei a me vestir, seguido por ela que me perguntou se eu não ia me banhar, eu disse que não porque gosto de ficar com cheiro de corpo de mulher, que me dá prazer. Janaína sorriu, abraçou-me e eu então abri a mala e entreguei os presentes dela junto com um celular seminovo que minha sobrinha se e me entregou, para que eu doasse a alguém que estivesse precisando em Cuiabá, e como Janaína estava precisando, dado que o dela estava bem estourado, sem pestanejar, dei a ela, a qual me agradeceu e nos beijamos como duas crianças.

Ao sair do Motel, combinei com ela que a deixaria bem próximo da sua casa. Ao chegar no local, ela se encolheu para que ninguém a visse comigo no Uber, demos um beijo final de despedida. Ela saiu do carro, olhou para os lados a fim de constatar que não havia ninguém vendo e acenou, despedindo-se com as mãos.

Depois que ela desceu, o motorista, um senhor de uns 50 anos, disse:

— *Me desculpe! Mas você não é o Guapo?*

— *Sim... sou eu mesmo!* — Respondi a ele, o qual continuou falando e insinuando:

— É... nada melhor que “capim novo pra burro velho”, como dizia velho Luis Gonzaga. Começamos a rir juntos, e eu ainda mais, porque lembrei que Janaína é nordestina.

Ele então me disse que era frequentador da Rua do Rasqueado e que há uns dez anos ele havia conhecido uma mulher muito linda com quem teve um caso e que foi o maior amor e tesão da vida dele. Naquele momento entramos num trânsito em uma avenida, foi então que ele teve que parar o carro e virou-se para trás, dizendo:

— Certo dia, depois de sairmos da Praça do Rasqueado, ela me disse que seria a noite de despedida, por que ela estava indo embora para a Espanha, não disse o porquê, mas foi mesmo a nossa última noite, que não esqueço até hoje... parece que foi um sonho! Finalizou ele já engatando a marcha do carro e tomando rumo à Cuiabá.

Chegando em casa, encontrei uma festa me esperando, pois estavam lá o trompetista Marcos Levi, o cantor e violonista Henrique Maluf, um outro músico que não conhecia chamado Sergio Soares e minha namorada Sueli Xavier, todos bebendo cerveja, Whiskey, cantando e tocando.

Fizeram uma algazarra ao me verem chegando, eu cumprimentei todos e busquei o resto de uma garrafa de whiskey 18 anos, peguei o violão e comecei a tocar. Meu corpo e minha alma estava em festa, sentia ainda o efeito do beijo e do orgasmo que há poucos minutos havia tido com Janaína. Depois de cantar cinco músicas, passei o violão para o Henrique Maluf e lembrei que tinha que ligar para Fabiana avisando que cheguei.

Entrei em casa e quando vou buscar o celular, percebi que havia

cometido um equívoco crucial: dei meu celular para Janaína e estava com o que Fabiana havia me dado. Tinha que falar com ela, lembrei que o número dela eu havia escrito uma vez num papel na minha mesa, encontrando, chamei o Levi e liguei do celular dele para ela e disse o que houve e, ela por sua vez, já sabia, mas não sabia o que fazer, contudo, logo passou a localização para o Levi, que saiu de imediato para fazer a troca. Eu dei uma desculpa para o pessoal, dizendo que ele iria na farmácia para mim rapidinho.

Quando ele voltou, fez sinal de que estava tudo certo, senti-me aliviado. Continuei tocando e cantando, fomos até à noite, tudo parecia festa dentro e fora de mim.

Depois, fiquei meditando sobre a autossabotagem o qual eu havia cometido e, conscientemente admiti que o equívoco foi, na realidade, “não querer despedir-me de Janaína ... não queria deixá-la”.

Passado uma semana, eu fiz um resumo da performance e do perfil do sexo dela e enviei a ela. Apontei o fato de ela não ser uma profissional do sexo.

Oi, Janaína!

Você é uma mulher bonita, carismática, mas não é erótica. Guarda dentro de si o desespero econômico de toda mulher brasileira pobre que está saindo da adolescência e não tem como adquirir suas pequenas coisas básicas por dificuldade profissional.

Você é pudica... é meiga... um pouco assustada, e mesmo assim cumpriu o nosso trato. Sobre a sua performance sexual, ainda é de colegial. Tem medo de ser chupada, de fazer sexo anal e mesmo de estampar sua nudez e tantos outros limites furtivos. Seu movimento de língua no boquete é fora do prepúcio, abortando a escalada da excitação e, também não olha para o parceiro. Sua vagina não tem movimentos de contração durante o entre e sai do pênis e nem no momento do orgasmo.

Foi muito importante você ter me tirado da desolação e do marasmo erótico que estava vivendo. O nosso primeiro encontro foi marcado de angústia por causa da minha viagem repentina, mas foi muito importante para mim. Gostei de você como fêmea, mas gostei mais do seu beijo, eu te senti melhor. Há muito tempo eu não era beijado tão bem, nem pelas minhas amizades coloridas.

Querida valeu pelo nosso primeiro encontro!

Continuamos nos falando de vez em quando, mas logo percebi

e me peguei pensando muito na Janaína durante o dia e a noite, foi quando eu senti que estava gostando dela e chamei a fase de “Síndrome de Thomas”, personagem da obra *A insustentável leveza do ser*, do escritor tcheco Milan Kundera. Na passagem do romance, logo no começo quando ele se perde em escrúpulo... *por ter feito sexo com The-reza, uma jovem garçoneiro que ele conheceu no interior do país, quando ela o procurou na Capital, Praga e ela estava tremendo de febre...*”.

Quanto ao meu caso, o foco da retroalimentação do escrúpulo foi exatamente a soma do momento desesperador que estava acontecendo comigo e o primeiro “oi” de Janaína pelo WhatsApp. Naquele instante que me distrai com o nosso pequeno diálogo e seu humilde pedido de pequena ajuda em troca de sexo, disparou em mim o “canto da sereia”, fazendo-me dizer sim a ela.

Eu queria fugir de alguma maneira da situação depressiva o qual me encontrava e que já estava caminhando para o pior, sendo que Janaína não me conhecia nem como artista, tampouco como pessoa e, mesmo eu sabendo das consequências por me envolver com uma mulher jovem e menor de idade, eu aceitei o convite dela.

Por outro lado, não queria mais que se repetisse o que se passou comigo em Asunción, capital do Paraguai, em 1998, *quando a jovem Azucena me escolheu para ser o seu amor e substituir o seu marido morto e*, eu me acovardei e relatei mais tarde no conto, *A última saga nas reticências sonoras da vida*, que está neste livro.

Essa minha decisão de sair com Janaína foi também o rompimento com meu “buraco negro” psicológico, um repositório de frustração amorosa que me acompanhou desde a adolescência tornando um estado latente chamejante, como uma sombra lasciva/impiedosa palpitando na minha memória o qual chamei de “ânsia de amor perdido nos labirintos”.

Depois do caso com Janaína, esse repositório deixou de existir, porque quase completando 70 anos de vida, não vou mais desistir mediante um sentimento e uma tesão a florada que pode acontecer a qualquer hora em qualquer lugar, eu complementaria essa frase da minha música que diz ... “*A vida é como picada e, nasce em qualquer lugar*”. Eu digo hoje também: “... e em qualquer momento!”.